



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE HUMANIDADES
PROFLETRAS – PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

MARIA ANUNCIADA DE BRITO LEAL

**UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO ATRAVÉS DO *RAP*
INDÍGENA DO ESCRITOR KUNUMI MC**

GUARABIRA – PB

2020

MARIA ANUNCIADA DE BRITO LEAL

**UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO ATRAVÉS DO *RAP*
INDÍGENA DO ESCRITOR KUNUMI MC**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – do Departamento de Ciências Humanas do Campus III da Universidade do Estadual da Paraíba – UEPB - como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e letramento

Orientadora: Prof. Dr^a. Rosilda Alves Bezerra

GUARABIRA - PB

2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L345p Leal, Maria Anunciada de Brito.
Uma proposta para o letramento literário através do RAP indígena do escritor Kunumi MC [manuscrito] / Maria Anunciada de Brito Leal. - 2020.
148 p.
Digitado.
Dissertação (Mestrado em Profissional em Letras em Rede Nacional) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2020.
"Orientação : Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Literatura indígena. 2. Lei 11645/08. 3. Leitura. 4.
Ensino. 5. RAP. I. Título

21. ed. CDD 374

MARIA ANUNCIADA DE BRITO LEAL

**UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO ATRAVÉS DO
RAP INDÍGENA DO ESCRITOR KUNUMI MC**

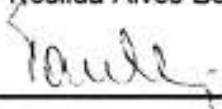
Dissertação de Mestrado Profissional apresentada à Universidade do Estadual da Paraíba – Campus III – como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras pelo Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS.

APROVADA EM: 28/02/2020

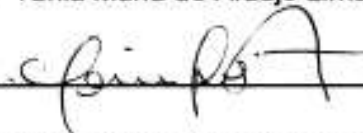
BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Rosilda Alves Bezerra (Orientadora / UEPB / Profletras)



Profª Drª Tânia Maria de Araújo Lima (Examinadora Externa - UFRN)



Profª Drª Suely Costa (Examinadora Interna – UEPB/Profletras)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por toda luz, sabedoria e orientação. Minha Gratidão.

A minha professora-orientadora, guerreira, humana, ativista ROSILDA ALVES

A minha tríade: Livramento, Francisco de Assis e Abelardo.

A CAPES pelo incentivo a pesquisa.

A minha família (INTEIRINHA), pelo apoio de sempre e pela compreensão.

Aos professores do PROFLETRAS UEPB CAMPUS III que contribuíram com o resultado deste trabalho, em especial as professoras Suely Costa e Rosângela Neres pela correção detalhada e minuciosa na Banca de qualificação.

A Escola Estadual Dom Manuel Tavares de Araújo pelo acolhimento e cooperação no projeto e das Gestoras Armides Gomes e Joelma Rodrigues.

A Escola Municipal Jessé Freire e a Escola Estadual Isabel Ferreira, seus professores e toda equipe pedagógica pela recepção dos multiplicadores.

Ao meu amigo Jailton Barbosa de Souza por ser essência, amizade e luz.

Aos meus amigos que a vida me presenteou Gabriela, Luana, Luiz, Marcela e Damiana.

Aos colaboradores Ana Leda, Maria do Ó, Célia Rafael, Berônimo, Romerytto Morais, Claudilene Sales, Emerson Wagner, Agnaldo Cassiano, Divânia Gomes, Juliana, Josy Suyanne, Ângela(Zinha), Verônica, Maria José, Zandre, Fábria, Thais e Evanilson Dutra pelos ouvidos, boca, olhos e mentes atentas.

Aos meus colegas de mestrado por todo o carinho, amizade e respeito.

Ao carro recheado por AMIGOS suricatianos: Ademir, Jailton, Janaína e Ivan

Aos meus companheiros de trabalho: professores, diretores, coordenadores e colaboradores os quais demonstraram grande compreensão nesta etapa.

Aos meus alunos que fizeram um esforço enorme para esse projeto acontecer. Com eles fui mais aprendiz que professora.

A Werá Jeguaka Mirim – Kunumi Mc - pela força, coragem e determinação de lutar pelos seus direitos e do seu povo

Aos índios do Brasil e em especial aos da Aldeia Lagoa do Mato-PB e ao Pajé Isaias por ter me conectado com minha ancestralidade.

Ao escritor Olívio Jekupé pela atenção e presteza.

As professoras Tânia Araújo Lima e Suely Costa por contribuir com minha intelectualidade.

Aos guardiões da nação seja qual nome carreguem consigo: índio, indígenas, ameríndios ou identidade multiétnica toda coragem e força para seguir adiante nessa vida.

(Adaptado de Gersen Luciano)

“Como professor, devo saber que, sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar: constatando, intervenho: intervindo, educo e me educo.”

(Paulo Freire)

“Poesia,

É um esporte corretivo poderá mudar o mundo

Sem briga, e com democracia

Raciocínio consciente do "meu sangue é diferente,

Rimando, um índio consciente...”

(Werá Jeguaka Mirim)

RESUMO

A pesquisa realizada foca a leitura literária de estudantes do 9º ano dispendo como perspectiva o letramento literário e a lei 11.645/08 que inclui no currículo oficial da rede de ensino a temática “História e cultura afro-brasileira e indígena”. A partir dessas perspectivas, a presente dissertação tem como objetivo propiciar aos alunos os textos da literatura indígena no que concerne a capacidade crítica/reflexiva deles. A intervenção apoiou-se na pesquisa-ação e fundamentou-se pedagogicamente na sequência expandida de Cosson (2016). A realização da atividade com a leitura aconteceu em uma escola da zona urbana do município de Equador-RN, a partir dos *raps* e de uma narrativa literária “Kunumi Guarani” (2014), de *Werá Jeguaka Mirim*, mais conhecido como *Kunumi MC*, um *rapper* de origem guarani, que mora na aldeia Krukutu, na região de Parelheiros, na Zona Sul de São Paulo. A pesquisa visa à abordagem dos textos do referido MC, que discutem sobre a luta pela valorização da etnia negada há mais de 500 anos. O apoio teórico utilizado nessa pesquisa conta com os estudos de letramento literário de Cosson (2016), Kleiman (2008), gêneros de discursos com Bakhtin (2003), letramento de reexistência com Souza (2011), leituras de textos literários, de Tettamanzy (2012), o papel de mediador e articulador da leitura literária na escola com Chiappini (2005), em Preti (1999) temos a análise de textos orais (transcrições), Soares com letramentos (2014) e multiletramentos com Rojo (2012), dentre outros. Os resultados obtidos demonstraram que a literatura indígena representa um instrumento de ensino que envolveu a comunidade escolar e auxiliou no desenvolvimento dos aprendizes através da leitura literária como também na percepção sobre o ambiente em que vivem, e as pessoas com as quais convivem.

Palavras-chave: Literatura indígena. Lei 11.645/08. *Rap*. Leitura. Ensino.

RESUMEN

La investigación llevada a cabo se centra en la lectura literaria de estudiantes de noveno grado, teniendo como perspectiva la alfabetización literaria y la ley 11.645 / 08, que incluye en el plan de estudios oficial de la red educativa el tema "Historia y cultura afrobrasileña e indígena". Desde estas perspectivas, esta disertación tiene como objetivo proporcionar a los estudiantes los textos de literatura indígena sobre su capacidad crítica / reflexiva. La intervención se basó en la investigación de acción y se basó pedagógicamente en la secuencia ampliada de Cosson (2016). La actividad con lectura tuvo lugar en una escuela en el área urbana de la ciudad de Ecuador-RN, basada en raps y una narración literaria "Kunumi Guarani" (2014), de Werá Jeguaka Mirim, más conocido como Kunumi MC, un rapero de origen guaraní, que vive en el pueblo Krukutu, en la región de Parelheiros, en la zona sur de São Paulo. La investigación tiene como objetivo abordar los textos del referido MC, que discuten sobre la lucha por la valorización de la etnia negada durante más de 500 años. El apoyo teórico utilizado en esta investigación se basa en estudios de alfabetización literaria de Cosson (2016), Kleiman (2008), géneros de discursos con Bakhtin (2003), alfabetización de reexistencia con Souza (2011), lecturas de textos literarios, de Tettamanzy (2012), el papel de mediador y articulador de la lectura literaria en la escuela con Chiappini (2005), en Preti (1999) tenemos el análisis de textos orales (transcripciones), Soares con alfabetizaciones (2014) y multi-alfabetizaciones con Rojo (2012), entre otros. Los resultados obtenidos mostraron que la literatura indígena representa una herramienta de enseñanza que involucró a la comunidad escolar y ayudó en el desarrollo de los alumnos a través de la lectura literaria, así como en la percepción del entorno en el que viven y las personas con quienes viven.

Palabras clave: literatura indígena. Ley 11.645/08. Rap. Lectura. Docencia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO II	15
2.1 O LETRAMENTO LITERÁRIO EM RAPS: APROPRIAÇÃO DAS HABILIDADES DE LER, ESCREVER E INTERPRETAR DENTRO DAS PRÁTICAS SOCIAIS.	15
2.1.1 Letramento literário: aspectos contextuais.....	15
2.1.2 Gênero <i>rap</i> : a discursividade na resistência social.....	20
2.1.3 A Evidência da Lei nº 11.645/2008 na educação brasileira	25
CAPÍTULO III	30
3 PLURALIDADE CULTURAL NA ESCRITA INDÍGENA: UMA INTERFACE PARA O ESTUDO DA IDENTIDADE NATIVA	30
3.1 A Dimensão de uma escrita plural	30
3.2 Literatura indígena: conexões de vidas nativas em busca do fazer literário	33
3.3 Literatura x música: os indígenas ressignificando sua arte na cultura contemporânea	37
3.4 O rap do índio: à resistência	40
3.5 O <i>rap</i> e seu processo de aculturação entre os indígenas.....	42
3.6 A tradição dos cânticos indígenas nos raps.....	44
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	49
4.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS	51
4.2 Sequência expandida e sequência básica	53
5.0 ETAPAS DE APLICAÇÃO DA PROPOSTA	55
5.1 ETAPA 1: Apresentação da proposta para o corpo docente da escola: diretores, coordenadores e gestores.	55
5.2 ETAPA 2: Apresentação da proposta para os alunos	55
5.3.1 ETAPA 3: Motivação	56
5.3.2 ETAPA 4: Introdução	57
5.4 ETAPA 5: LEITURAS	58
5.4.1 Rap “Kunumi Chegou”	59
5.4.2 Guarani Kawoia	62
5.4.3 Tentando demarcar e Justiça	66
5.4.4 Nunca desistir e Parei e pensei.....	71
5.5 ETAPA 6: KUNUMI GUARANI (2014) LIVRO INFANTO-JUVENIL ESCRITO POR WERÁ JEGUAKA MIRIM.....	78

5.6 ETAPA 7 - PRIMEIRA INTERPRETAÇÃO	78
5.7 ETAPA 8 - CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	80
5.7.1 O caminho do índio é o percurso das águas	80
5.8 ETAPA 9: SEGUNDA INTERPRETAÇÃO.....	85
5.8.1. Primeiro grupo de interpretação da literatura indígena – sequência I	86
5.8.2. Segundo grupo de interpretação da literatura indígena – sequência II ...	88
5.8.3. Terceiro grupo de interpretação da literatura indígena – sequência III....	92
5.8.4. Quarto grupo de interpretação da literatura indígena – sequência IV.....	95
5.9 ETAPA 10: EXPANSÃO	96
5.9.1 Povos Potiguaras x alunos: um encontro com a ancestralidade	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	109
ANEXOS	116
APÊNDICES	126

1 INTRODUÇÃO

A literatura é uma manifestação artística indispensável para a difusão da cultura e do conhecimento. Sendo assim, toda produção artística, literária está interligada com o tempo, com a história e a cultura de um povo.

Tomando como ponto de partida o imaginário plurissignificativo, a literatura utiliza a língua como um instrumento de comunicação e interação para recontar as histórias, agora, na perspectiva, dos povos indígenas cuja literatura possui diversos gêneros já publicados como contos, crônicas, romances, poemas, *rap*, entre outros. O *corpus* de estudo está baseado na análise de uma narrativa literária “Kunumi Guarani” (2014) e de seis *raps* do álbum “Meu sangue é vermelho” (*my Blond is red*) de Werá Jeguaka Mirim cujo nome artístico é *Kunumi Mc* (jovem de 18 anos) que num gênero discursivo de resistência conta o trajeto desta etnia, suas lutas e conquistas ao longo da história. O *rapper* defende sua identidade nativa e mostra a realidade com as quais eles convivem em suas aldeias.

Nessa perspectiva este trabalho busca propiciar ao aluno o conhecimento de textos escritos literalmente por esta etnia em relação a cultura nacional, hábitos, valores e religião usando como base o letramento literário. Para isso, torna-se necessário conhecer as tradições indígenas, principalmente no que tange a música e as artes. Nesse sentido, a pesquisa busca enfatizar que apesar da invisibilidade, massacres e destruição essa etnia contribuiu de forma significativa para a história do Brasil e precisa ser conhecida e valorizada.

Nesse sentido, essa intervenção pedagógica justifica-se por que a escola precisa (em seus espaços) de leituras literárias algo que instiguem o pensamento crítico, as competências discursivas e as linguagens multisemióticas e multiculturais no universo dos alunos, visto que as instituições escolares primaram pelos cânones da literatura, inclusive ao longo da história da Literatura Brasileira o indígena sempre foi objeto de estudo da massa literária numa percepção colonialista e unilateral.

Precisamos repensar essa prática numa outra perspectiva sem a intervenção do branco europeizado, visto que os indígenas possuem uma identidade ímpar com a cultura e por isso, precisam ser respeitados e valorizados no seu aparato literário. Então, é notória a necessidade da aplicação da lei nº 11.645, de 10 de março de 2008 que instiga as escolas a valorizarem a literatura desses povos para que o aprendiz perceba as várias possibilidades de conhecimento literário produzido por

esta etnia.

Importante ressaltar que a cultura indígena possui um relevante universo de informações a serem estudadas e que compete ao docente realizar essa tarefa, inserindo a temática juntamente com outras disciplinas e não trabalhada isoladamente, ou em datas comemorativas. Dessa forma, associar a cultura indígena ao conteúdo que está sendo vivenciado em sala de aula, resulta em um valoroso processo de aprendizagem para os educandos, proporcionando o contato com as tradições e culturas do país, conseqüentemente, o saber da história e origem do Brasil.

Nesse contexto, a presente dissertação mostra como a literatura é importante para a formação de leitores no ensino de língua portuguesa. Estamos conscientes de que a escola, enquanto instituição, ainda é um ambiente responsável pela educação formal do indivíduo e precisa tornar o aprendiz apto na leitura e na escrita mostrando as amplas possibilidades de aprendizagem que hoje se estende também as práticas de letramentos.

Partindo dessas premissas, inserimos na escola o trabalho com a literatura indígena numa turma de 9º ano do ensino fundamental apoiando-se em duas perspectivas: primeiro, mostrar, ler e discutir textos escritos pelos nativos e segundo motivá-los pelo viés da criticidade a reconhecerem esses textos como um panorama da cultura indígena, visto que consideramos primordial que o povo brasileiro saiba acerca do sofrimento que a comunidade indígena foi exposta, favorecendo tal pesquisa a uma ampla compreensão das atitudes tomadas pelos nativos no decorrer da história do Brasil. Tal conhecimento deve ser adquirido desde o início da fase escolar, especificamente para os alunos do ensino fundamental.

Nessa conjuntura, esse trabalho contribui(u) para o processo de formação de leitores no ensino de língua portuguesa a luz da pesquisa-ação no intuito deles identificarem-se, conhecerem e valorizarem como a Literatura indígena auxilia em seu processo de construção do conhecimento através do letramento literário em sala de aula e em outros ambientes educacionais.

Através dessa concepção, desenvolvemos um estudo pelos vieses etnográficos e literários, utilizando os *raps* do indígena *Werá Jeguaka Mirim* cujos textos preenchem os requisitos da etnografia e da literatura que são as bases para o estudo de fatos que circulam na sociedade. Para essa abordagem, usamos a leitura de textos tanto indígena como também que atendessem essa temática para depois

compreendê-los tanto no ambiente escolar como social. Fizemos uso de produção textual e do relato oral para a multiplicação dessa literatura indígena em outras escolas. Visto que os discentes deslocaram-se da instituição de origem e procuraram outras escolas para apresentarem a literatura indígena estudada em sala de aula, tornando-se protagonistas do processo de ensino-aprendizagem. Como agentes multiplicadores. Então, é notória a necessidade da aplicação da lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, que acrescentou ao currículo um olhar sobre os povos indígenas (em vigor há mais de dez anos) uma vez que propõe as escolas valorizarem a literatura e a importância desses povos.

Diante desses pressupostos metodológicos, desenvolvemos a sequência expandida, proposta por Cosson (2016) para a apreciação dos textos e favorecer um enlaçamento do leitor com o tema, bem como a sequência básica para que os discente-multiplicadores expusessem em sala de aula a Literatura nativa.

Sendo assim, organizamos o segundo capítulo composto pela discussão e trajetória do letramento literário. Nele pontuamos um percurso do letramento desde seus primeiros apontamentos no Brasil até as atuais agências de letramentos, mostrando as transformações ocorridas ao longo dos anos. Para isso, subdividimos o texto em tópicos e subtópicos, formando temas que se completam pela afinidade. Abordamos, ainda, o letramento na perspectiva linguística, indissociável no processo de interação entre autor e leitor.

Em seguida, focalizamos o gênero *rap*, que desde a origem, utiliza-se de letras que denunciam a realidade de inúmeras comunidades marginalizadas, entre elas as indígenas. Mostrando-o como gênero do discurso que tem como antecedente o *hip-hop*, além de ser um discurso de resistência dos povos nativos em busca da liberdade e da igualdade entre as etnias.

Ainda nesse capítulo, evidenciamos a autoridade da voz indígena, enquanto “proprietários” dos seus próprios escritos, ou seja, seu “empoderamento” literário. Mostraremos de que forma o *rap* consegue romper a barreira do preconceito, evidenciando a cultura indígena das não-indígenas, desvendando estereótipos e não se baseando apenas por uma única versão da história, contada numa perspectiva opressora. Como apoio para esse capítulo, inserimos a importância da lei nº 11.645, de 10 de março de 2008 para direcionar ao ambiente educacional e para que os aprendizes tenham acesso a outras etnografias como a indígena, por exemplo.

O capítulo terceiro, intitulado “Pluralidade cultural na escrita indígena: uma interface para o estudo da identidade nativa” aborda as questões relacionadas com a invisibilidade do índio numa sociedade discriminatória e exploradora. Para isso, buscamos a compreensão das letras de músicas do *rap*, no que se refere à luta pela terra e a questão da identidade indígena. Conduzimos a discussão em torno das letras dos *raps* cujas temáticas atingem as problemáticas das questões indígenas mais prementes dos últimos tempos, como a demarcação e perda de seus territórios. Por isso que temos o subtópico deste capítulo “*rap* do índio: a resistência.” Nele analisamos as letras que denunciam os desmandos dos ambiciosos, salientando a indignação por tamanho descaso. Outro aspecto a ser explorado trata-se do conceito da tradição indígena, que diz respeito ao retorno ao espaço de origem, respeitando, acima de tudo o meio ambiente.

A segunda parte da dissertação expande-se com a aplicabilidade da pesquisa e os seus resultados. Nele desenvolvemos a leitura de seis *raps* e de uma obra infanto-juvenil “Kunumi Guarani” (2014), de Werá Jeguaka Mirim e suas respectivas análises e interpretações. Para aprofundar a discussão da temática indígena, aplicamos três canções renomadas e nacionalmente divulgadas pela mídia em defesa da liberdade, igualdade dos indígenas que são: “Os inclassificáveis”, de Arnaldo Antunes, “Demarcação já”, letra de Carlos Renó, mais musicalizada por Chico César (2018), e “Demarcação já, *terra, ar, mar*”, composta pela Matilha Cultural, Crioulo e Kunumi Mc (Werá Jeguaka Mirim), inserida no álbum *Mixtape Matilha, Vol.2*, 2019. Para servir de apoio nos intervalos de leitura, conforme Cosson (2016), e aprofundar a discussão da temática e da defesa dos direitos dos nativos do Brasil.

Ainda na análise dos dados, mostramos de acordo com a sequência expandida de Cosson (2016) uma contextualização histórica em forma de uma palestra sobre a passagem dos índios pela região do Seridó no período do pós-contato¹, além de duas interpretações. A primeira envolve toda a comunidade escolar em forma de exposição de um desfile cívico em defesa dos povos nativos e a segunda, uma apresentação em sala de aula com os multiplicadores de leitura (alunos do projeto) mostrando a Literatura indígena em outras instituições de ensino

¹ Conforme o palestrante, esse período abrange um espaço-tempo denominado “Antes do presente”. O ponto de referência para a arqueologia é 1950 que foi a época que começou a ser usada a técnica do carbono 14 que era utilizada para datação dos fósseis, daí a nomenclatura “antes do presente”.

da cidade. Para concluir a análise, percorremos 350 km para conhecer a vivência de uma tribo indígena e seus hábitos o que fascinou a todos os aprendizes o modo como eles vivem sua ancestralidade e sua cultura.

Os resultados dessas etapas estão registrados em depoimentos orais dos aprendizes que foram transcritos na metodologia pelas normas de transcrição de acordo com Preti (1999). Neles estão armazenadas as impressões e como eles vivenciaram um processo tão valioso para a experiência estudantil.

E, para finalizar, tecemos as considerações finais, compreendendo de que forma podemos ajudar a amenizar a discriminação em torno dos povos indígenas e sua literatura, que acreditamos não vir apenas externamente, visto que ela é enfrentada dentro da própria comunidade indígena, que tem receio de que a sua cultura seja esquecida pelos mais jovens.

Com a divulgação da literatura indígena (principalmente através do *rap*) dentro do contexto escolar, esperamos que os professores adquiram o gosto de divulgar, ler, trabalharem esses textos em sala de aula, afinal, eles trazem importante histórias a respeito da vida e cultura de um dos povos que deram origem a nação brasileira.

CAPÍTULO II

2.1 O LETRAMENTO LITERÁRIO EM RAPS: APROPRIAÇÃO DAS HABILIDADES DE LER, ESCREVER E INTERPRETAR DENTRO DAS PRÁTICAS SOCIAIS.

2.1.1 Letramento literário: aspectos contextuais

Na década de 80, surge no Brasil um novo parâmetro para a educação – o letramento. Esse “*burn*” fortaleceu os pilares educacionais e assim nasceu um novo conceito para o campo da leitura e escrita. Estudiosas da área, como Magda Soares (2014) e Angela Kleiman (2008), iniciaram no procedimento de esclarecer tão peculiar concepção no mundo educacional. Para isso, destacamos o conceito que Magda Soares (2014, p. 29-30) atribuiu ao termo letramento, vejamos:

O surgimento do termo *Literacy* (cujo significado é o mesmo de alfabetismo) nessa época, representou, certamente uma mudança histórica nas práticas sociais: novas demandas sociais pelo uso da leitura e da escrita exigiram uma nova palavra para designá-la.

Dentro dessa perspectiva de transformação nas práticas sociais, surge o letramento, que passou a ser dicionarizado em 2001 pelo Houaiss², como alternativa para nomear novas ações sociais. Diante disso, escrever deixa de ser apenas uma atividade cognitiva e torna-se partilha de certas convenções e fenômenos próprios de uma situação social. Por isso, entendemos que o letramento não está apenas no aspecto da leitura e escrita, mas nas percepções de sujeitos sociais como produtores e receptores na construção de sentido. Ribeiro (2003, p.15) afirma que “Saber ler e escrever não é uma questão de tudo ou nada, mas uma competência que pode ser desenvolvida em diversos níveis”. Entendemos por níveis as diversas “esferas” que circula o cidadão seja na escola, no trabalho ou no lazer, entre outros, por exemplo.

Kleiman (2008, p. 18) comunga dos mesmos ideais e afirma que o letramento está ligado aos aspectos sociais da linguagem em suas agências, eventos e níveis de letramento, conforme a autora, o letramento é “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” que se utiliza da escola como uma das

² HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

muitas “agências” utilitárias dessa prática. Assim, a escola seria, apenas, uma agência de letramento, dentre várias outras, e desempenharia, apenas, algumas práticas de letramento. Corroborando com os ideais de Kleiman (2008), Clemente (2012, p.101) confirma:

Se os modelos de utilização da escrita variam de um contexto social para outro, logo não haveria um fenômeno geral categorizado como ‘letramento’, mas vários *letramentos* que assumiriam características próprias em consonância com os padrões culturais vigentes de cada grupo social e em resposta aos seus objetivos específicos. Tal viés etnográfico da concepção de letramento possibilita-nos falar em letramento escolar, letramento religioso, letramento digital, letramento acadêmico, entre outros.

A constatação acima reforça os fundamentos do letramento e mostra que ele não se faz presente apenas em um ambiente, mas se multiplica em outros espaços em que se mobilizam o processo de leitura e escrita. Assim, acreditamos que a percepção crítica do letramento dá-se através e pelo contexto social, históricos e ideológicos da agência letrada a qual essas práticas acontecem, bem como pelos sujeitos que as empregam. Essas agências, dizem respeito aos espaços que circulam os usuários como em casa, trabalho, escola, igreja todas conectadas e associadas a diferentes letramentos como o midiático, familiar, político, religioso, profissional, escolar, entre outros. A partir desses contextos específicos, citado por Kleiman (2008) aparecem os eventos de letramento, que faz surgir, diferentes práticas letradas, apontadas por Silva (2012, p. 137), vejamos:

As aulas expositiva-dialogadas, ministradas por professores, por exemplo, são eventos, uma vez que o discurso do professor, assim como os dos alunos estão pautados em experiências de leitura, no conhecimento do mundo que ambos têm quanto ao tema focalizado na aula.

Nessa perspectiva, observamos que as práticas letradas estão entrelaçadas com as agências de letramento a qual o sujeito está envolvido ao longo de sua vida. Cada agência articula práticas de leitura e escrita dentro dos mecanismos sociais que os usuários estão expostos. Por isso Silva (2012, p.138-139) afirma sobre o nível de letramento do sujeito e as circunstâncias de letramento exposta, vejamos:

A prática letrada não é a mesma em todas as situações, mas, dependerá dos eventos que se configuram nos vários tipos de letramento. Se estamos imersos em uma sociedade cada vez mais dinâmica e complexa e, em consequência disso, temos a probabilidade de ter acesso a diferentes tipos

de letramento, há sujeitos, diríamos, não apenas letrados em uma dada agência, mas multiletrados. Isso favorece o surgimento de níveis de letramento sujeitos mais letrados em certos letramentos em detrimento a outros, mas dificilmente iletrados.

A autora apresenta para esses usuários multiletrados o que ela denomina de HL – Histórico de Letramento, ou seja, quanto mais situações, agências e ambientes letrados você tem acesso mais demonstram níveis elevados de letramento. Segundo Silva (2012, p. 138): “o letramento é um processo constante e infinito”, pois a cada segundo, novas conjunturas sociocomunicativas aparecem na vida dos usuários.

Por esse motivo, o histórico de letramento (HL) demonstra as experiências que o sujeito obteve com a leitura e a escrita ao longo dos anos, sejam elas letradas ou multiletradas o que difere da alfabetização, que é temporária e tem um prazo determinado para finalizar, o letramento vai além, visto que se apropria das habilidades de ler e escrever dentro das práticas sociais a ela relacionadas, além disso, ele se constitui na atemporalidade. Ou seja, sempre estaremos em processo de letramento, porque estamos em contato com novas agências e eventos de letramento constantemente. A partir desse pressuposto, Cosson (2016, p.12) define o letramento literário como:

O letramento literário, conforme o concebemos, possui uma configuração especial. [...] Se refere a processo de escolarização da literatura. A proposta se destina a fortalecer e ampliar a educação literária que oferece no ensino básico. Em outras palavras, ela busca formar uma comunidade de leitores que, como toda comunidade, saiba reconhecer os laços que unem seus membros no espaço e tempo. Uma comunidade que se constrói na sala de aula, mas que vai além da escola, pois fornece a cada aluno e ao conjunto deles uma maneira própria de ver e viver o mundo.

Desde o despontar do conceito de letramento aqui no Brasil por Magda Soares (2014) no livro *Alfabetização e letramento* a definição só tem evoluído e adquirido novas agências incentivadoras para o seu crescimento. Nesse ínterim, entre vários processos de letramentos, assim mesmo no plural o termo ganhou proporções gigantescas no espaço da leitura e da escrita e passou a configurar na mídia digital que por ser dinâmica em sua composição admite novas linguagens através das redes que interagem com o usuário, por isso, transpôs-se para multiletramentos que Rojo (2012, p. 23) define como:

O conceito de multiletramentos – é bom enfatizar – aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossa sociedade, principalmente urbanas, na contemporaneidade a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica.

Se a premissa para sustentar os multiletramentos é a multiplicidade cultural e semiótica dos textos, então, Pignatari (1987, p.16) na década de 80 (que foi o ápice da teoria semiótica aqui no Brasil) apropriou-se conscientemente do conceito da Semiótica, que segundo o teórico: “a Semiótica acaba de uma vez por todas com a ideia de que as coisas só adquirem significados quando traduzidas sob a forma de palavras”.

Certo dessa diversidade de signos em circulação, temos a convicção que jamais irá cessar o processo de letramento, pois constantemente surgem diversos novos ícones e signos no processo de comunicação. Por isso que questionamos sobre a verdadeira função da semiótica em nosso processo de comunicação. Para isso, trouxe a função da semiótica em Pignatari (1987, p.16):

Mas afinal para que serve a semiótica? Serve para estabelecer as ligações entre um código e outro código, entre uma linguagem e outra linguagem. Serve para ler o mundo não-verbal: “ler” um quadro, “ler” uma dança, “ler” um filme – e para ensinar a ler o mundo verbal em ligação com o mundo icônico ou não-verbal.

Pelo contexto, compreendemos o papel da semiótica nesse entrelaçamento de linguagens. Segundo Rojo (2012) está ligado com o processo de letramento, visto que essas concepções procuram categorizar diferentes formas de leituras e escritas ao redor, ambas, de forma pragmática, trazem à tona a interpretação de uma totalidade e não apenas de uma palavra ou imagem. Ambas relacionam ícone, símbolo e índice e procura a semântica como a mola interpretativa.

O referido entendimento interpretativo é acatado por Cosson (2016, p. 64) como sendo “parte do entretencimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção do sentido”. Para o autor, a interpretação deve ser pensada em dois momentos o “interior e o exterior”. Enquanto o primeiro está para a decodificação, ou seja, o momento do leitor com o texto, o segundo momento está para a construção do sentido desse leitor quando amplia a compreensão através do compartilhamento interpretativo.

Segundo Souza (2011, p. 118), “a palavra aparece como motor de ação dos sujeitos que, por meio da língua em funcionamento, agem no mundo construindo e constituindo identidades”. Sendo assim, a palavra é um bem de acesso coletivo que constitui identidades. Não estamos aqui fazendo distinção de uma norma padrão e/ou informal, já que possuímos uma diversidade linguística infinda, mas do discurso que abrange essas comunidades. Nessa concepção, teremos o discurso como forma de identidade, constantemente, de acordo com Bakhtin (2003, p. 322), o falante tem a autonomia no domínio da palavra, vejamos:

A palavra (em geral qualquer signo) é interindividual. Tudo o que é dito, o que é expresso se encontra fora da “alma” do falante, não pertence apenas a ele. A palavra não pode ser entregue apenas ao falante. O autor (falante) tem os seus direitos inalienáveis sobre a palavra, mas o ouvinte também tem os seus direitos aqueles cujas vozes estão na palavra encontradas de antemão pelo autor (porque não há palavra sem dono). A palavra é um drama do qual participam três personagens (não é um dueto, mas um trio).

De acordo com Bakhtin (2003) a palavra é interindividual e as escolhas linguísticas são processos conscientes que o sujeito desempenha na conformidade da fala, logo a palavra está coligada às dimensões constitutivas de identidade social que o falante assume. Além disso, Bakhtin (2003) afirma que na constituição da palavra existem três signos: o falante, o ouvinte e o autor, esse trio coexiste em uma mesma comunidade linguística, portanto, não há um padrão de linguagem que possa ser considerado superior o que determina a escolha de uma ou outra palavra é a situação concreta de comunicação.

Nessa perspectiva de comunidade linguística em que o falante, o ouvinte e o autor são protagonistas do processo de comunicação e juntos participam de uma interação comunicativa, apresentamos o *rap* como gênero discursivo e responsivo da linguagem em que o falante, o ouvinte e o autor se entrelaçam para formar e constituir linguagens. Aqui, abordamos o discurso de resistência, que acontece entre falantes por meio da linguagem para interagir e denunciar o social, o cultural e até o linguístico cuja interação discursiva será abordada abaixo.

2.1.2 Gênero *rap*: a discursividade na resistência social

Afinal, como se constitui um gênero textual? A gênese está centrada na linguagem que desde os primórdios da humanidade é devidamente usada para interagirmos. Então, pensar em gênero textual implica tratar da afinidade entre o homem e sua comunicação ao longo da história. Diversos estudiosos centraram-se nessa pesquisa da interação verbal, um deles se destaca Mikhail Bakhtin (2003). Segundo o autor os discursos orais e escritos estão centrados no funcionamento da linguagem e são usados em contexto diversos, por isso na esfera humana cada gênero do discurso é elaborado de forma particular e fundamenta-se nas atividades humanas e não na estética da criação verbal. Nesse contexto, Bakhtin elabora o seguinte argumento (2003, p. 261-262):

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. [...] Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seu tipo relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso.

Se nos comunicamos por meio de gêneros, sejam eles orais ou escritos, então eles são os precursores no processo da comunicação ao longo da nossa existência. E por sua relevância promove a competência comunicativa dos aprendizes para a disseminação do conhecimento, visto que a língua é um instrumento vivo que associa aspectos linguísticos, históricos, sociais e culturais. De acordo com Miller (2012, p.49): “sugiro ver o gênero como um constituinte específico e importante da sociedade, um aspecto principal de sua estrutura comunicativa, uma das estruturas de poder que as instituições exercem”. Se o gênero é considerado um símbolo de poder, então, vem da linguagem seu principal domínio. Tudo acontece com/pela linguagem. Há uma heterogeneidade imensa de linguagem inserida no nosso convívio, Segundo Bakhtin (2003, p. 262):

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas por que são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gênero do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.

De acordo com Bakhtin (2003), três eixos norteiam a desempenho do gênero: “O conteúdo temático, o estilo e a construção composicional”, eles em conjunto, englobam os enunciados orais e escritos e por sua heterogeneidade relacionam-se nas diversas esferas da atividade humana. A relevância da diversidade de gêneros multiformes dá origem, cotidianamente, a outros gêneros textuais a exemplo do hip-hop que deu origem ao *rap*. De acordo com Souza (2011, p. 16):

Desde que chegou ao Brasil no final de 1980, a cultura *hip-hop* tem-se mostrado cada vez mais complexa, congregando várias correntes ou tendências em torno dos modos de atribuir sentidos, ver e agir sobre a realidade. Uma dessas vertentes concentra-se em atividades revestidas de caráter contestatório e propositivo que tematizam, do ponto de vista político, as precárias condições de vida de grande parte da população.

Esta afirmação confirma o conceito que Kleiman (2008, p. 18) atribuiu ao gênero discursivo “conjunto de práticas sociais em contextos específicos”. Poderíamos dizer que o *rap* é um gênero discursivo inovador pela desenvoltura de oferecer voz a uma parcela marginalizada e excluída da sociedade. Seus enredos trazem sempre protagonistas invisíveis para coletividade do tipo jovens negros, pobres, marginalizados e/ou excluídos socialmente. Foi nesse contexto de exclusão social que despontou esse novo gênero discursivo o *hip-hop*, na concepção de Souza (2011, p. 15):

O *hip-hop* – para muito além da expressão inglesa, que pode ser literalmente traduzida como balançar [*to hip*] o quadril [*hop*] tem sido compreendido como um movimento social juvenil urbano enraizado no segmento populacional de baixo poder aquisitivo, a maioria negra e jovem, que historicamente ganha força nos Estados Unidos a partir do final dos anos 1970 e posteriormente se espalha pelas grandes metrópoles do mundo.

As abordagens teóricas que temos a respeito do *hip-hop* fazem-nos perceber que ele constitui um gênero que entrelaça outros gêneros em sua composição, parafraseando Souza (2011) o *hip-hop* está para o macro campo de vários outros gêneros entre eles, o *rap* que constitui um dos focos da pesquisa. Conforme Bakhtin (2003, p. 270), “a língua é deduzida da necessidade do homem de auto-expressar-se, de objetivar-se”, por isso, O cerne da língua é o falante e suas características linguísticas de expressar-se. Nesse contexto de identificação com a linguagem, surge o gênero *rap*, conforme Souza (2011, p. 118):

O *rap* é um dos gêneros no qual podemos observar a brincadeira com a linguagem que sustenta um dizer que é autônomo, contestador, contra-hegemônico e promotor de um conhecimento mobilizador. Mesmo quando um *rap* é lido, a sonoridade está presente de forma tão fundamental que é possível “ouvi-lo”.

Nessa perspectiva, o *rap* surge como um canto de resistência que por meio da linguagem “subverte” a escrita para dar vez e voz aos excluídos socialmente, desde sua originalidade, nas ruas americanas, até nossas ruas, becos e favelas (apesar de nos dias atuais o *rap* ter ganhado outros espaços de divulgação). O *rap* busca na sua essência o grito de rebeldia de uma população, geralmente jovens, abandonada pelos sistemas governamentais, pelas leis vigentes, mas que tem dentro de si um anseio de também ser ouvida, valorizada e incluída socialmente. Essa juventude centra-se em instituições escolares que deveriam inseri-los em espaços múltiplos de ensino e aprendizagem. Segundo Custódio (2012, p. 199):

Para cumprir esse objetivo, o ensino deve mobilizar múltiplos letramentos, ou seja, abordar diferentes mídias, diferentes semioses, em contextos culturais diversos. Longe das culturas valorizadas – das quais a escola é guardiã – nas ruas, manifestações culturais diversas, frequentemente consideradas como incômodo ou até mesmo como violência, compõem a rotina de todos aqueles que transitam no espaço urbano, em especial os jovens.

Formar cidadãos autônomos deveria ser um dos princípios de toda ação educativa, entretanto precisamos valorizar a “bagagem” cultural, social com as quais os jovens relacionam-se na sua vivência e trazer isso para os bancos escolares como desafios posto a escola. Enquanto o aluno não for protagonista/agente das ações escolares ela estará fadada ao cárcere. Existe um patrimônio diverso, tanto linguístico, quanto social para adotar nas práticas escolares como alavanca propulsora na formação escolar dos aprendizes. Na afirmação de Bakhtin (2003, p.285) “quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade”. Se o *rap*, enquanto prática discursiva espelha a individualidade dos jovens e faz com que eles o utilizem de forma espontânea, então, essa prática tão presente no cotidiano dos aprendizes pode ser trabalhada na escola com eficiência. Já que reconhecer nosso aluno como produtor, protagonista e consumidor de gêneros discursivos permitem-nos entender que a cultura juvenil alicerça novos

agentes em consonância com seus grupos sociais e suas práticas discursivas. De acordo com Souza (2011, p. 53):

A palavra é sempre dirigida a outro sujeito; é sempre resposta a alguém em função da suposição do horizonte social informado por aspectos partilhados tanto pelo falante como pelo ouvinte. É na interação que a linguagem se coloca em movimento e provoca ações de respostas em relação à palavra.

Por isso a escolha pelo *rap*, afinal a interação entre uma linguagem tipicamente juvenil, aproximaria o discurso de resistência em interação com outros falantes (interlocutores) que possuem até línguas diferentes. O apelo indígena tenta uma aproximação discursiva com o seu próprio povo, mas também com outras etnias existentes num discurso apelativo de quem sempre foi desvalorizado em muitos aspectos sejam eles: sociais, culturais, mas principalmente literários. Afinal, o estereótipo de “mim falar, “mim escrever” serve de zombaria até os dias atuais entre muitos falantes.

Talvez por estes e outros padrões estabelecidos socialmente ou linguisticamente que tenhamos uma literatura indígena escassa surgida embrionariamente na década de 90 com textos escritos de forma tímida, mas veemente com seus princípios e “desmanchando” o cânone literário que sempre tomou posse e narrou uma versão literária desvinculada dos propósitos destes povos, mesmo quando tentava idolatrar o índio, a exemplo do romance *O Guarany*³, do escritor José de Alencar. Eis o dilema da produção literária indígena: a marginalização dos seus escritos, sendo assim, o índio teria que primeiro renunciar a cultura atual, aquela do colonizador e explorador, para em seguida implantar suas próprias práticas culturais nos seus textos. Para alguns literatos, a exemplo de Tettamanzy (2012, p. 187):

É como se, tendo sido descrito e narrados há séculos quase que exclusivamente pela perspectiva do outro, os grupos indígenas tenham optado por escrever suas narrativas, apossar-se de sua história. Claro que essa decisão, de eminente caráter sociopolítico, acarreta impasse. Traz para a literatura uma produção que era objeto de estudo das ciências sociais, operando uma transculturação de sentidos, uma espécie de exceção, um desvio, nas margens do sistema literário brasileiro.

³ ALENCAR, José de. *O Guarani*. 7.ed. São Paulo: Ática, 1977.

De acordo com Tettamanzy (2012), no processo de transculturação os indígenas sempre adotaram configurações literárias que optam por garantir a continuidade de suas gerações, de suas ancestralidades, em contrapartida aos dilemas sociopolíticos apresentados pelos cânones.

A partir desse parâmetro entre o sociopolítico implantado pelo cânone e a reconstrução de sua história numa perspectiva de ser, ver, ouvir e fazer sua própria história, surge, então, a desconstrução literária e o texto indígena passa a categoria da “marginalidade” dentro de uma sociedade que necessita de uma lei, homologada pelo Congresso Nacional para que exista sua aplicabilidade em sala de aula. Precisamos promover oportunidades para estes textos circularem nas escolas. Talvez, nossos alunos, em contato com estes textos desmanchem os estereótipos impregnados e descubram sua textualidade, seus multiculturalismos e ampliem sua visão de mundo a respeito desta etnia. São conteúdos imensamente ricos de culturas e histórias. De acordo com Ligório (2012, p.173) a Literatura indígena possibilita:

Aos alunos a também resgatarem sua ancestralidade como forma de perceberem-se pertencentes a uma cultura de tradição milenar, a um povo, a toda uma história que vem sendo construída muito antes de eles nascerem. Com isso, possibilitamos aos nossos alunos um maior comprometimento com sua história e também um maior respeito pela trajetória do outro, tornando a sala de aula um ambiente propício para a convivência entre as diferentes culturas, valorizando a forma como cada uma foi constituída.

Desta forma, ao promover o acesso a escrita e a leitura de textos indígenas os jovens entram em sintonia com a “visão” de mundo destes povos e passam a interpretar seus hábitos, costumes e refletirem sobre suas vivências de mundo. De acordo com Ligório (2012, p.173):

A partir das narrativas indígenas, procuramos introduzir possibilidades de atividades partindo do conhecimento de histórias indígenas que retratam a diversidade do país, sugerindo-se aos professores buscar apoio bibliográfico e trazer para sala de aula conhecimentos, sabedorias e valores advindos dos povos ameríndios.

Sendo assim, este cenário precisa ser mudado, os jovens precisam tornar-se competente e em contato com leituras que aborde uma temática com diferentes textualidades, sejam elas, indígenas, africanas, ou outras, sendo assim eles ativam

as dimensões do processo de leitura e experimentam, enquanto leitores, novas construções discursivas e interpretações decorrentes do diálogo entre o pré-existente e o novo. Conforme Cosson (2016, p.17):

A literatura tem o poder de se metamorfosear ela também tem muitos artifícios e guarda em si o presente, o passado e o futuro da palavra. Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado. Ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha identidade.

As aulas de literatura precisam ser valorizadas como espaços para a transformação dos procedimentos interpretativos entre alunos e professores. Na prática literária podemos viver com outras identidades, sem, contudo, anular as experiências já existentes, enquanto leitores e/ou escritores, por isso que internalizamos “as verdades” dadas pelo fazer literário.

A literatura como investigação ou construção nos permite, ao nos aproximarmos dela, enquanto linguagem, de pensá-la como uma das contínuas modificadoras de linguagens e sentidos. Segundo Chiappini (2005, p. 54):

É preciso recuperar a linguagem como interação, recuperar a competência linguística do professor e do aluno, da sua expressão e da sua reflexão, sua linguagem conceitual, pragmática e poética, para construir uma ‘escola séria e alegre’(como a concebe Paulo Freire), pois a vontade política de democracia e participação, em se tratando de ensino, de formular e praticar uma pedagogia libertadora dos sujeitos que interagem na escola, não se faz senão a partir de uma reflexão específica sobre adequação das condições concretas, institucionais, a essa ideia e, disso, aos conteúdos escolares e às concepções que presidem nosso trabalho com eles.

Diversos autores já despontaram para essa transformação nas linguagens. Por isso, a insistência em leis que obriguem as instituições escolares a aplicarem o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. Agora, precisamos, enquanto, profissionais, interagir com diferentes leituras e escritas, conscientes desse espaço, em que as culturas e as identidades tentam se aproximar e fazer acontecer a leitura nos ambientes escolares.

2.1.3 A Evidência da Lei nº 11.645/2008 na educação brasileira

A lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela também Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para conter no currículo oficial da rede de ensino seja pública ou privada a indispensável contribuição da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". De acordo com o artigo 1º, incisos um e dois e publicado no Diário Oficial da União⁴ - Seção 1 - 11/3/2008:

Art. 1º O art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:
 "Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.
 § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.
 § 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras." (NR)

Sabemos o quanto é falha a abordagem desta lei nas escolas, especificamente, no trato com a literatura indígena. As alterações da lei, ao longo dos anos, simbolizam a fragilidade delas nos ambientes que precisa ser vivenciada. Afinal, é mais fácil manter o estereótipo do índio como personagem secundário, bombardeado pelos interesses alheios do que retirá-lo da invisibilidade e colocá-lo como protagonista. A pergunta que não quer calar é proferida por Medeiros (2012, p.50): "Por que é importante estudar os indígenas? Porque esses povos reivindicam seu direito ao passado (e, conseqüentemente, o direito ao presente) e a difusão desse passado aos não indígenas". É este o cerne da questão, fazer com que aqueles que não fazem parte desta etnia possam ter a oportunidade de conhecer sua história, sua luta, sua cultura e sua ancestralidade

Consciente dos seus direitos, os nativos precisam de notoriedade no espaço social, não como desiguais, mas assegurados pelo direito de serem iguais sem

⁴BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. Disponível em:><http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11645-10-marco-2008-572787-publicacaooriginal-96087-pl.html>< acesso em 30 de janeiro de 2019.

deixar de ser “diferente”, diferentes na cultura, na religião, na língua, na subsistência cotidiana, até mesmo na história. Para que essas leis fossem impostas, houve coações, uma delas foi a OIT (Organização Internacional do Trabalho) convenção de 1989 que conforme Medeiros (2012, p. 50): “No artigo 31, a convenção 169 da OIT determinou que medidas de caráter educativo deveriam ser adotadas com o objetivo de eliminar preconceitos com relação aos povos indígenas e tribais”.

Anterior as leis impostas pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases) que orienta os estabelecimentos de ensino a oferecer as temáticas indígenas e afro-brasileiras, a OIT já assegurava essa instrução à população. De acordo com Medeiros (2012, p. 51):

Conforme indica a própria convenção 169 da OIT, a educação escolar é entendida como um meio de superar os preconceitos sofridos pelos povos indígenas e as ideias equivocadas a seu respeito, veiculando informações que permitam reconhecer, conhecer, respeitar e valorizar a diversidade.

As premissas apontadas por Medeiros (2012) como conhecer, respeitar e valorizar a diversidade de povos resultam de imposições, de leis, quando deveria ser rotineira num ambiente escolar, ou seja, uma sociedade consciente jamais precisaria de determinações constitucionais para valorizar seu maior patrimônio, seu povo. Então, “por que a necessidade de uma lei que obrigue o estudo da história e da cultura indígena na escola?”, Questiona Medeiros (2012, p. 50). Segundo a autora, a abordagem apresentada desse povo sempre foi genérica e preconceituosa, ou simplesmente, silenciaram-se ao longo de séculos a importância desses povos para construir a nação brasileira. Inclusive a BNCC (2017, p. 416), afirma a necessidade de inserir no conteúdo do 9º ano “o protagonismo de diferentes grupos e sujeitos históricos” na vida dos aprendizes e reafirma BNCC (2017, p. 416) que é necessário “uma compreensão circunstanciada das razões que presidiram a criação da ONU e explicam a importância do debate sobre Direitos Humanos, com a ênfase nas diversidades identitárias, especialmente na atualidade”.

Por isso que, na contemporaneidade, é importante conhecer o fenômeno da “etnogênese”, termo utilizado por Gersen Luciano (2006) para a reinvenção ou o surgimento de novas identidades étnicas. Desta forma, a etnogênese reflete como os nativos veem a si mesmo, enquanto um grupo étnico distinto, mas conscientes de seus valores culturais e sociais. De acordo com Gersen Luciano (2006, p. 28):

Desde a última década do século passado vem ocorrendo no Brasil um fenômeno conhecido como “etnogênese” ou “reterritorialização”. Nele, povos indígenas que, por pressões políticas, econômicas e religiosas ou por terem sido despojados de suas terras e estigmatizados em função dos seus costumes tradicionais, foram forçados a esconder e a negar suas identidades tribais como estratégia de sobrevivência – assim amenizando as agruras do preconceito e da discriminação – estão reassumindo e recriando as suas tradições indígenas.

O processo da etnogênese consolida o quanto os nativos tiveram que resistir para sobreviver aos dissabores do eurocentrismo, como também de uma sociedade que independente da sua etnia, renegou as contribuições feitas por outros povos. Sendo assim, timidamente estão, conforme Gersen Luciano (2006, p. 29): “em franca recuperação do orgulho e da autoestima identitária e, como desafio, buscam consolidar um espaço digno na história e na vida multicultural do país”.

Esses valores étnicos dos povos indígenas devem ser perpetuados em toda sua totalidade nem que para isso seja imposta uma Lei que talvez “salve” esses povos da invisibilidade existente ao longo de vários séculos. A tríade formadora da nação brasileira: o branco, o negro e o índio não passa de um modelo cartográfico para outras nações ou até mesmo para nossas escolas estudarem as nossas etnias, por que na prática, só prevalece a eurocêntrica, houve/há o apagamento ou distorção das outras, por isso a implantação de leis para garantir sua aplicação. Segundo Medeiros (2012, p.61):

Aí esta uma possibilidade que a Lei nº 11.645 nos coloca: estabelecer um diálogo intercultural respeitoso com os povos indígenas, em que eles sejam os principais interlocutores de suas histórias, dos seus saberes, das suas culturas e dos seus modos de viver. Algumas vozes já foram ouvidas. Na literatura, na música, no cinema e, até mesmo, nas pesquisas científicas.

A consolidação da Lei nº 11.645/08, apesar de muitas alterações antes de outorgada, ainda é alvo de julgamento por parte de estudiosos, que acreditam no acirramento preconceituoso entre as etnias com a imposição da sua aplicação, afinal a implantação dela seria um veredito da submissão desses povos na formação da nação brasileira, um atestado de compensação por tantas perdas e negações ao longo dos séculos. Conforme Souza (2012, p.17):

A mera obrigatoriedade legal pelo reconhecimento da diversidade cultural no Brasil tem um caráter antipedagógico que deve ser neutralizado porque acirra preconceitos e resistências quando as leis específicas para isso não provocam nos cidadãos uma reflexão concomitante sobre as intenções que motivam sua vigência.

A Lei nº 11.645 ainda não produziu as devidas transformações pedagógicas a que se propunham, e falta muito para que seja concretizada num país intercultural como o nosso. Afinal, “uma semana dos povos indígenas, um projeto extra, ou um capítulo do livro não significa o cumprimento da lei”, afirma Medeiros (2012, p.54). Outro exemplo, seria o fato de sequer termos conhecimento que o vocábulo “índio” não pertence ao universo linguístico dos indígenas, essa nomenclatura foi implantada pelos colonizadores de forma genérica, pois perdidos no mar, acreditavam chegar a Índia. Hoje o vocábulo é consenso entre os nativos, usado apenas como referência de identificação. O verdadeiro orgulho étnico seria ser chamado pelas suas comunidades do tipo *Guarany*, *Yanonami*, *Munduruku*, entre outros, ou conforme Gersen Luciano (2006, p. 30), como “identidade multiétnica.” Segundo Medeiros (2012, p. 55), “é essa diversidade que os não indígenas têm o direito de conhecer,” afinal nenhuma comunidade indígena é igual, cada uma tem sua especificidade, sua “cosmologia” própria que precisa ser conhecida e respeitada por outros povos. Para Souza (2012, p. 22):

O contato com outras visões de mundo por meio da abordagem escolar dos temas ameríndios pode abrir novas perspectivas ideológicas a serem adotadas pelas próximas gerações. Os artigos 231 e 232 da Constituição Federal de 1988 e seus desdobramentos legais, como a lei nº 11.645, de 2008, que torna obrigação curricular o ensino de história e cultura indígena no ensino fundamental e médio, são formas singelas e tardias de reversão formal pelo Estado brasileiro da multissecular violência praticada sobre os habitantes nativos deste continente.

Neste sentido, a instauração da lei, apesar de fragilizada, procura valorizar os direitos originários dentro do território brasileiro que contém um rico patrimônio cultural e linguístico, bastante representativo das centenas de etnias que compõe nossa nação que conforme Souza (2012, p.23) pertence a uma “pluralidade reconhecida como marco jurídico da atual sociedade brasileira”.

CAPÍTULO III

3 PLURALIDADE CULTURAL NA ESCRITA INDÍGENA: UMA INTERFACE PARA O ESTUDO DA IDENTIDADE NATIVA

3.1 A Dimensão de uma escrita plural

Para Ítalo Calvino (citado por apud Nova, 1988, p.234), em *Seis propostas para o próximo milênio*, a Literatura propõe cinco palavras-chave: “leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade”, palavras que nos enviam a uma dimensão pluralista pertinentes às artes e, principalmente, a literatura. Esta última, ao longo de sua trajetória histórica, experimentou transformações significativas, principalmente ao nível de sua simbiose. Por isso os textos de Literatura indígenas precisam sair das alcovas (isolamento) culturais para serem rearticulados no mesmo parâmetro dos outros textos que circulam na escola, sob pena de submeterem-se ao campo dos oprimidos culturais, por fecharmos essas literaturas em baús ou ignorarmos sua existência. Por isso que precisamos seguir as trilhas propostas por Calvino (1988) para pensarmos nessa nova literatura em que o sentir, o ver, o ouvir e o perceber fazem parte do sujeito observador diante das inquietações literárias. E as escolas precisam reconhecer que partir de texto do interesse dos discentes torna o ensino mais dinâmico e estimulante. No entendimento de Rojo (2010, p. 31):

Suponha que você está dando aula no nono ano do ensino fundamental, numa escola da periferia de São Paulo. Os alunos pertencem a uma comunidade que valoriza o *rap* e o *funk*; muitos são ou querem ser *rappers* ou *MCs* e admiram o *rapper Rappin’Hood*. Sempre é interessante se conectar-se com a cultura local dos alunos e compreendê-la para relacioná-la à cultura valorizada e aos bens culturais a que esses têm acesso. Que tal relacionar os eventos de letramento de que esses jovens participam em suas comunidades, por exemplo, de *hip hop*, e a cultura valorizada?

Adotar em sala de aula o tema do interesse dos alunos é uma prática muito instigante para o processo de aprendizagem. Os estudantes do projeto, inicialmente, estranharam a proposta de trabalhar com o *rap*, entretanto com a apresentação deles essa resistência foi sendo superada pela curiosidade. Então surge o questionamento: por que não inserir temas que sejam instigantes? Obvio que esses temas precisam partir do ambiente e do conhecimento prévio desses educandos para obtermos êxito no processo de ensino- aprendizagem. Segundo Chiappini (2005, p. 247):

Quando valorizamos a dimensão histórica das obras literárias, concebemos o texto como imagem de uma realidade móvel que representa a realidade. No entanto, ele oculta uma realidade em processo. A obra está na história e a história, na obra, que, no mesmo tempo, faz história a sua maneira. Isso significa que podemos representar a realidade como dinâmica e a história como uma dimensão inerente aos seres e aos fenômenos culturais, todos históricos. Resumindo, precisamos considerar sempre a historicidade das obras e dos seres, se queremos tentar compreendê-los.

A Literatura faz parte da historicidade de um povo, então, não há como negar a influência desta etnia na literatura. Observemos, então, a autoridade da literatura, e a sua influência no cenário literário tanto no passado como no presente tendo como protagonista os indígenas e suas escritas. Sob a ótica do branco, muitas vezes, temos na literatura uma visão preconceituosa, estereotipada e distante da realidade em relação a estes povos. Como bem destaca Mariosa e Reis (2011, p. 42):

As crianças crescem com a sensação de que os padrões do belo e do bom são aqueles com os quais se depararam nos livros infantis. As crianças brancas vão acomodar-se e pensar serem superiores às demais, vão estar em posição privilegiada em relação às outras etnias.

A sociedade tem uma dívida para com os indígenas. Por que foi ela mesma quem implantou, ao longo dos séculos, o estereótipo do índio como um ser subordinado. É perversa a forma como ao longo dos anos os negros e os índios foram manipulados e arrebatados de sua terra de origem para servirem de “fantoques” para uma coletividade que lhes desprezavam e marginalizavam. Enquanto a supremacia era conveniente apenas a eles – os brancos. Por isso, precisamos parar com esse conceito que circula na sociedade de que esta etnia é menor. Por que, apenas, o branco tem/teve poder para suprimir as outras raças? Porque eles foram os únicos a terem direito a escolarização - espaços para ascenderem socialmente. Precisamos que nossos alunos compreendam este processo de aculturação dessas etnias o qual até hoje, implica em uma demanda de preconceitos e escravidão infindas.

Esta tentativa de amenizar tanto sofrimento talvez leve alguns séculos, por isso precisamos fazer as seguintes indagações: quantos professores índios você teve até hoje? Quantos alunos índios frequentam sua sala de aula? Afinal, quantos amigos índios você possui? Quantas negações temos para os nossos questionamentos. Não foi à toa a implantação da lei 11.645, de 10 de março de

2008, que tenta alertar, justamente, nas escolas com/para os alunos a importância dessas etnias no processo histórico de construção do país. Acreditamos que o conhecimento inviabilizado aos longo destas décadas será, aos poucos, devolvido, merecidamente, aqueles que só tiveram a tarefa árdua de sustentação para uma outra etnia – a branca.

Precisamos promover oportunidades para estes textos circularem nas escolas. Talvez, nossos alunos, em contato com estes textos desmanchem os estereótipos impregnados e descubram sua textualidade, seus multiculturalismos e ampliem sua visão de mundo a respeito desta etnia. São conteúdos ricos de culturas e histórias. De acordo com Ligório (2012, p. 173) a Literatura indígena possibilita aos aprendizes um resgate a história desses povos, vejamos:

Aos alunos é também necessário resgatarem sua ancestralidade como forma de perceberem-se pertencentes a uma cultura de tradição milenar, a um povo, a toda uma história que vem sendo construída muito antes de eles nascerem. Com isso, possibilitamos aos nossos alunos um maior comprometimento com sua história e também um maior respeito pela trajetória do outro, tornando a sala de aula um ambiente propício para a convivência entre as diferentes culturas, valorizando a forma como cada uma foi constituída.

Desta forma, com escrita e a leitura de textos indígenas, os jovens entram em sintonia com a visão de mundo destes povos e passam a interpretar seus hábitos, costumes e refletirem sobre suas vivências de mundo. De acordo com Ligório (2012, p. 173):

A partir das narrativas indígenas, procuramos introduzir possibilidades de atividades partindo do conhecimento de histórias indígenas que retratam a diversidade do país, sugerindo-se aos professores buscar apoio bibliográfico e trazer para sala de aula conhecimentos, sabedorias e valores advindos dos povos ameríndios.

Sendo assim, este cenário precisa ser mudado, os jovens necessitam do contato com leituras que abordem a temática destas etnias (hábitos, costumes, alimentos, rituais, cultura) bem como, com suas diferentes produções textuais, recentemente escritas pelos povos ameríndios já que temos diversos escritores que narram suas histórias.

As aulas de literatura precisam ser valorizadas como espaços para a

transformação dos procedimentos interpretativos entre alunos e professores. Na prática literária, podemos inserir novas leituras que mostrem outras culturas, bem como, outras identidades, sem, contudo, anular as experiências já existentes, enquanto leitores e/ou escritores, por isso que internalizamos “as verdades” dadas pelo fazer literário. Isto aproxima o leitor da linguagem literária defendida por Chiappini (2005, p. 54) como uma das contínuas modificadoras de linguagens e sentidos, vejamos:

É preciso recuperar a linguagem como interação, recuperar a competência linguística do professor e do aluno, da sua expressão e da sua reflexão, sua linguagem conceitual, pragmática e poética, para construir uma escola ‘séria e alegre’ (como a concebe Paulo Freire), pois a vontade política de democracia e participação, em se tratando de ensino, de formular e praticar uma pedagogia libertadora dos sujeitos que interagem na escola, não se faz senão a partir de uma reflexão específica sobre adequação das condições concretas, institucionais, a essa ideia e, disso, aos conteúdos escolares e às concepções que presidem nosso trabalho com eles.

Diversos autores já despontaram para essa transformação nas linguagens. Agora, precisamos, enquanto, profissionais, interagir com diferentes leituras e escritas, para, conscientes desse espaço, em que as culturas e as identidades tentam se aproximar fazer acontecer a literatura nos ambientes escolares. Para concretizar essas leituras, mostraremos a conexão que os povos nativos tem com sua ancestralidade e com a natureza na construção das suas narrativas, como também o discurso impregnado nele como forma de resistência dessa etnia pela liberdade e igualdade.

3.2 Literatura indígena: conexões de vidas nativas em busca do fazer literário

Durante séculos a população indígena viveu sobre o estereótipo da selvageria. Isso justificava o processo de escravização que esse povo foi submetido ao longo dos anos. Graças à antropologia esse conceito foi sendo modificado, entretanto muitas tribos ainda sofrem com esse preconceito e pasmem, em pleno século XXI ainda existem pessoas que carregam consigo esse estereótipo indígena da selvageria. Esse processo acarretou um apagamento ou enfraquecimento das culturas e identidades indígenas principalmente quando se trata da linguagem, afinal, era imposta a prática de ensinar a língua do dominador, no caso, a língua

portuguesa. Talvez essa imposição linguística, tenha retardado a escrita dos povos ameríndios que vinham de tradição oral.

O indígena, então, precisava contar suas narrativas conforme sua perspectiva, afinal, era sempre o não-índio quem reproduzia suas histórias, muitas vezes, de forma tosca ou fantasiosa. Afinal, qual a origem da escrita, indígena? A resposta vem de um ameríndio Wapichana (2018, p. 75):

A literatura indígena, ou dita indígena (não sei quem criou isso, não tenho ideia se foram os indígenas ou os acadêmicos depois), surgiu timidamente, não oficialmente, em 1998, com a publicação *A terra de mil povos: história indígena brasileira contada por um índio*. Antes disso, na década de 1980, Eliane Potiguara escrevia um jornalzinho que tinha algo sobre texto, ou alguma coisa nesse sentido. A publicação de Kaká Werá rendeu matéria no *Fantástico* e foi tomada como um evento extraordinário, por ser um índio escrevendo. Esse foi o surgimento oficial, no sentido mais amplo, para a sociedade brasileira.

Timidamente, diz o autor, essa literatura foi sendo apresentada aos leitores, afinal, era uma escrita nova, com novos autores, novos protagonistas, novos cenários. Uma escrita embrionária estava formando-se com um povo que tinha muita história para contar, já que eles eram ínfimos contadores de histórias as quais tinham sido vivenciadas ou ouvidas pelos seus ancestrais. Para o escritor Olívio Jekupé (2018, p. 45):

Livros escritos por antropólogos, historiadores, literários havia demais. Mas algo me deixava naquela época impressionado: eu tentava ver se achava algum livro escrito por índios e não conseguia. Como nossos parentes são grandes contadores de histórias, imaginava que teríamos grandes escritores. Isso seria muito importante, porque a sociedade ia conhecer uma cultura, mas escrita pelo próprio povo; como exemplo, temos nossos Guarani, tem os Xavante, Terena, Tukano, Tikuna e tantos outros; mas sempre que eu lia algo sobre alguma nação, esse algo era escrito pelos não indígenas e isso me deixava muito angustiado. Isso me fazia pensar muito se um dia teríamos nossos próprios escritores e que eles faziam muita falta. Isso eu pensava no ano de 1982.

O desejo dos indígenas era pôr nas mãos dos leitores textos escritos pelos próprios índios, porque era inadmissível que um povo com tantas narrativas, lendas, fábulas e mitos fossem ignorados no seu saber literário no âmbito da escrita. Já que na década de 80/90 vários escritores (não-índios) já haviam publicado texto indianista, apoiando-se nas narrativas orais escutadas nas diversas tribos do país. A partir das primeiras publicações, houve uma divisão desses textos em três aspectos proeminentes: contexto das aldeias, contexto acadêmico e por fim o contexto

literário. Esses textos foram se corporificando, e hoje, temos uma quantidade razoável de obras publicadas em relação ao tempo que surgiram. Conforme Souza (2018, p. 52):

Três momentos que considero relevantes na abordagem da escrita e da literatura entre os povos indígenas no Brasil: (1) a literatura produzida no contexto das aldeias, desenvolvida nos Cursos de Formação de Professores Indígenas; (2) aquela produzida nos centros acadêmicos, universidades e centros de pesquisa, voltada para responder a situações mediáticas das aldeias, demandas de técnicos indígenas na área de educação e saúde; e (3) a outra, denominada de "literatura indígena" ou "Literatura Nativa", voltada para atender ao mercado editorial brasileiro.

Percebemos a partir daqui que a escrita indígena é mais extensa e não se estende só ao Literário ela tem um campo de atuação mais amplo e convencionam outros fatores como o social, o cultural e o estudantil. Atualmente, os indígenas são incentivados a produzirem suas narrativas, primeiro para conservarem seus relatos ancestrais e segundo para acompanharem a tecnologia que muito tem facilitado a divulgação de novas obras literárias. O relato oral de um pajé, vivenciado pelos alunos através de uma palestra (atividade do projeto) numa aula de campo, na cidade de Baía da Traição-PB, numa tribo dos povos Potiguaras, prova o desabafo e a angústia dos indígenas de ter que conviver com o estereótipo de que o índio só utiliza o arco e a flecha como arma. Vejamos a transcrição da fala do Pajé Isaias, baseadas nas normas de transcrição de Preti (1999)⁵ no livro *Do oral para o escrito*:

Aí diz assim... Mais quem já viu índio ter carro... Ter celular? A gente estamos há 519 anos ((tosse)) de uma invasão... O mundo está atualizado e a gente tem que pegar essa atualização a nosso favor. O mais importante que o índio tem é não deixar sua esSÊncia (que é a culTUra) é a anceSTRALIDADE...É o aMOR... E o resPElto pela naturEZA, repaSAR para as CRIANÇas... Então, isso é o mais importante para nós... Por qué/que usar um óculos, usar um celuLAR é (isso) às vezes, isso é apenas um caPRiCHO e também a gente hoje pode usar a internet como um meio de comunicação MUNdial, uniVERsal que pode nos ajudAR. Onte/ontem mesmo eu participei de um "programa Índios On-line" e esse programa começou através dos ÍNDios do Nordeste.

⁵ Tabela de transcrição anexo na página 122

PRETI, Dino (org) **Análise de textos orais**: Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo (Projeto *NURCISP* - Núcleo USP). 4. ed. – São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999.

Quem já viu o ser humano não evoluir? Se até espécies irracionais estão propícias a evolução imaginem os seres capacitados de cognição. Além disso, temos a tecnologia que está presente no dia a dia e hoje é um grande suporte para a aprendizagem e para a aquisição e divulgação do conhecimento. Por que os indígenas não podem evoluir intelectualmente, tecnologicamente entre nós? Segundo Ramos (2016, p. 83):

O processo de globalização iniciado no final do século passado, as pessoas de diferentes cultura e países se encontram cada vez mais interligadas, assim, os indígenas de diversos matizes de territorialidade e etnias têm se apropriado de novas tecnologias para que através de “documentos digitais” possam preservar suas culturas.

A ideia de oca e a dança da chuva, entre outros aparatos fazem parte do imaginário social coletivo que tem suas origens nos relatos de cronistas, viajantes e exploradores portugueses. Na atualidade, de acordo com a fala do Pajé Isaias, líder religioso dos povos Potiguaras (povos da origem do Brasil), essa integração dos indígenas com o saber e com as mídias há muito tempo evoluiu, segundo ele, os anciões, líderes das aldeias, hoje incentivam os mais jovens a buscarem conhecimentos acadêmicos e competirem de igual por igual com as outras etnias, vejamos a transcrição, apoiada na tabela de transcrição de Pretti (1999):

Antes... A maior arma do índio era um tacape, uma flecha e uma lança. Aí nossos mais velhos começaram a entender e passar para os mais jovens que a maior arma do índio hoje é a formação acadêmica, porque ele vai lutar de igual para igual com toda a sociedade, sem diferenças. E aí...ele vai saber os direitos que lhes acobertam e os deveres que tem que cumprir. Porque ser índio... não é só ter direito, muita gente acha/ que é só direitos, tem direito a isso:: a aquilo:: é mentira:: Índio é sofredor:: Índio é batalhador:: Índio estuda... Índio sofre... Índio trabalha:: Então...ele tem que saber cumprir com os seus deveres para correr atrás do seu direito.

[...]

Então: hoje nós temos... Cerca quinhentos ou mais estudantes na Universidade Federal da Paraíba. Temos/é:: na Universidade de Brasília na UNB (quase) uns cinco estudantes indígenas fazendo engenharia fazendo antropologia, fazendo direito. Hoje a gente tem índio formado em medicina, a gente tem índio enfermeiro:: enfermeira:: temos dentista. Então isso pra gente é um avanço.

Sim, o indígena está tomando posse dos direitos que lhes foram “negados”. Obviamente que essas conquistas são importantes para o fortalecimento da etnia, porque a partir delas podemos perceber a correspondência entre a autoafirmação e

o autoprotagonismo identitário desse povo. De acordo com Eliane Potiguara (2018, p. 57-58) em seu livro *Metade cara, metade máscara* ser indígena e ser mulher são lutas diferenciadas, mas que são exigidas diariamente pelos que tematizam a cultura indígena em suas sabedorias e tradições. Conforme a escritora,

O meio ambiente, o território, o planeta Terra estão intrinsecamente ligados ao ventre da mulher indígena, da mulher selvagem nos dois sentidos (primeira cidadã do mundo e intuitiva) e, por isso, não haverá defesa ambiental se não se destacar a influência e o conhecimento milenar da mulher, do ser que habita esse meio ambiente. [...] Se a natureza deve ser respeitada no seu ciclo de existências e valorizadas as fases da Lua, da maré, do florescimento das árvores, da correnteza dos rios, do nascer e do pôr-do-sol, da colheita, as mulheres indígenas devem ter o mesmo tratamento

A autora tem o pulso firme ao defender sua identidade e condição feminina de ser e estar no mundo e declara no verso Potiguara (2004, p.62): “Eu sou rebelde, e faço questão de o ser, tenho fome, tenho ódio e não me dêem uma metralhadora”.

A força feminina está presente nesse verso, afinal, a mulher precisa ser valorizada pelos seus aparatos tanto literários como em qualquer outro que deseje. Um não exclui o outro, apenas somatizam a coragem que essas mulheres têm em ser e conquistar seu espaço o qual também foi negado ao longo dos séculos, mas isso é outra discussão. Por enquanto, ser mulher e indígena é o suficiente para adentrarmos num processo de valorização e reconhecimento do seu estar no mundo. A escritora Eliane Potiguara, é uma professora e ativista e fundadora da Rede Grumin de Mulheres Indígenas, entre tantos outros destaques, escreveu “Metade cara, metade máscara” (2004) um texto testemunhal que faz uma leitura a respeito das coletividades indígenas. O livro mistura os gêneros poesia, prosa e prosa-poética numa visão crítico-interpretativa dos povos indígenas.

No tópico abaixo, tentaremos discorrer sobre o processo de valorização dos nativos em dois vieses, o da música e o da literatura. Já que a partir da década de 90 também foram surgindo os primeiros indígenas cantores no Brasil.

3.3 Literatura x música: os indígenas ressignificando sua arte na cultura contemporânea

Até o final do século XX, pouco se ouvia falar de indígena escritor ou cantor. Só a partir da década de 90 que surgiram as primeiras produções escritas nativas.

Timidamente, essas lacunas foram ocupadas e hoje temos uma demanda literária e artística, ainda insuficiente, mas significativa em relação ao passado. Cada tribo indígena, pela proximidade com os meios digitais e tecnológicos, foi ressignificando a maneira de apresentar suas artes, principalmente os mais jovens. A partir daí, a literatura e a música foram as formas de representação mais utilizada para difundir sua cultura.

Na literatura, temos diversos escritores que resolveram transpor para a escrita seus poemas, lendas, mitos e tradições. O que antes era contado pela oralidade ou por outra etnia (na maioria das vezes, a branca), agora, a visão poéticas e literária tinha um titular, o próprio indígena. A partir dessa perspectiva, começaram a surgir nos suportes físico, em especial, no papel a “posse” de suas identidades literárias.

Dentre tantos escritores podemos citar Daniel Munduruku, Olívio Jekupé Ailton Krenak, Eliane Potiguara e o próprio Werá Jeguaka Mirim com dois livros já publicados, entre outros.

O escritor Daniel Munduruku é filósofo com licenciatura além de um grande líder do seu povo. Sua temática aborda a tradição de seu povo com reminiscências das histórias contadas por seu avô como na obra *História de Índio* em que ele relembra as tradições locais, Munduruku (2010, p. 19): “Após o banho e a brincadeira, ele devia se ocupar de alguma tarefa com a mãe ou o pai. [...] À medida que crescia, Kaxi ia sendo iniciado nos costumes tradicionais de sua tribo. [...] caçava, pescava, plantava e colhia junto com os adultos.” Hoje ele é um escritor com mais de 50 livros publicados.

O escritor Ailton Krenak é um líder indígena brasileiro, ambientalista, formado em jornalismo. Orador e defensor dos indígenas, ele carrega consigo uma história de lutas pelo espaço negado ao seu povo ao longo da vida. De acordo com Krenak (2018, p. 29) em sua palestra “Retomar a história, atualizar a memória, continuar a luta” o povo indígena sabe exatamente qual seu espaço de ser e estar no mundo, para o autor,

Não estamos disponíveis. Acredito que a maioria das comunidades indígenas continua mantendo seu propósito de guardar suas tradições, de guardar seu caminho, de reverenciar a herança de nossos antepassados, não no sentido boboca de ficar imitando o passado, mas no sentido de nos dar o respeito e a honra de continuarmos sendo os guardiões da memória do nosso povo, e isto se justifica obviamente não apenas fazendo uma imitação da história antiga, mas interagindo, nos habilitando, nos capacitando a cuidar da nossa vida sem fazer uma imitação exagerada da

vida moderna e ocidental, em que estaríamos abandonando o que temos como riqueza e como base fundamental para a construção do nosso caminho futuro.

Para o indígena, seu povo deixou de lado a submissão subversiva aos longo dos séculos e tomou posse de seu espaço. O escritor publicou em seu último livro “ideias para adiar o fim do mundo” (2019) uma parábola sobre os tempos atuais que traz à tona a união do homem com a natureza.

Quanto ao escritor Olívio Jekupé (que é pai do escritor Werá Jeguaka Mirim) foi quem mais influenciou bastante a escrita do filho. É filósofo, escritor e palestrante com mais de 17 livros de literatura publicados. O autor está tentando mostrar, entre tantas narrativas, a verdadeira história do povo indígena, contado literalmente por eles. Conforme o escritor (2018, p. 46):

Já pensou: faz tantos séculos que o Brasil foi dominado pelos *jurakuery*, não índios em guarani, e desde aquela época tudo o que se fala sobre nossos parentes é escrito por eles. Eu não via isso como algo interessante, porque nós temos que contar nossas histórias para nossos filhos. E, se essas histórias tiverem que ser escritas, por que não pelo próprio índio?

São inúmeros escritores que ao longo das décadas, resolveram mostrar todo seu potencial de escrita e entregar para o público leitor todo o cenário natural em que habitam esses povos nativos. Segundo Silveira (2005), mais de 40 etnias indígenas do Brasil já publicaram seus textos em livros e cartilhas. A estimativa é o aumento devido ao grande número de índios com formação superior no país.

Na música, houve uma grande demanda de cantores (cada um no seu estilo musical) entre eles podemos citar o grupo Brô Mc's que conduz com a força do *rap* temáticas polêmicas como a preservação da cultura e a tão desejada demarcação de terras. O grupo é composto de quatro jovens da reserva Guarani Kaiowá cujos nomes são Bruno, Charlie, Kelvin e Clemerson. As letras dos *raps* são composições que mesclam duas línguas, a portuguesa e a língua nativa *guarani*. Além disso, o grupo mistura instrumentos de origem indígena às batidas do *hip hop*. O grupo tem grande visibilidade nas mídias e já fizeram diversas apresentações em que a realidade das aldeias é mostrada através da musicalidade.

A música é um dos instrumentos usados para difundir a cultura, após o grupo dos Brô Mc's, surgiram outros cantores que também defendem sua etnia através do som musical a exemplo da banda *Kaymuan* formada por moradores da

aldeia Caieiras, do Espírito Santo. A banda é formada por indígenas de origem *Tupinikim* e descendentes que mostram através da musicalidade as tradições vividas por estes povos.

Para quem curte outro estilo musical temos a banda Revelação da tribo que é formada pelos indígenas *Guarajara*, no Maranhão e apresentam-se com o famoso forró, tão peculiar na região Nordeste.

Acaso alguém se identifique com o *reggae*, temos a banda *Sonissini Mavutsni*, do Mato Grosso. O vocalista é o cantor xinguano, *Lappa Yawalapiti*, do povo *Yawalapiti*. O grupo é do Parque Nacional do Xingu e eles cantam em duas línguas a tupi e a karibe e apresentam ritmos tradicionais desse povo.

Como cantor solo, temos o pernambucano Gean Ramos, da etnia *Pankaruru*. Ele aborda em suas músicas o cotidiano de sua aldeia, bem como temas de interesse geral. O cantor está nos palcos há 14 anos.

O *heavy metal* também aparece de uma forma dinâmica dentro dessa musicalidade. A banda *Arandu Arakuaa*, apesar dos componentes serem não-índios eles tematizam aspectos tradicionais das tribos expostos nos idiomas *tupi*, *xavante* e *akwe xerente* e o propósito da banda é manter viva essas culturas.

Para finalizar a apresentação desses grupos, retornaremos ao primeiro *rapper* solo do Brasil Werá Jeguaka Mirim ou Kunumi Mc que já possui dois álbuns publicados: *Meu sangue é vermelho e todo dia é dia de índio* em prol do seu povo. O discurso de resistência é apoiado pela sua etnia que encontrou forma de denunciar tantos desmandos.

3.4 O rap do índio: à resistência

Em um dos versos da canção “Justiça”, Werá Jeguaka Mirim, mas conhecido como *rapper* Kunumi Mc, diz: “No rap, encontrei expiração para falar e falei”. Um desabafo que representa séculos de silenciamentos e impedimentos em que a lei da mordaza era a que prevalecia. Enquanto os nativos só queriam/querem ser, conforme Martins (1978, p.24):

E essa gente, que é folha, que são rios, que são matas, florestas, canto de pássaros não pode desaparecer assim tão impune e melancolicamente. O seu extermínio é a morte do conteúdo mais rico de nossa condição humana.

A natureza e os índios estão morrendo. Viva o desenvolvimento da empresa colonialista. Viva o “progresso” das multinacionais.

A essência do nativo é narrada nesse trecho acima. Sua estadia terrena não inclui o desejo desenfreado por riquezas e honras vãs. Seu propósito é viver nas condições que a terra oferece, mas conforme Martins (1978) as grandes multinacionais irão sucumbir essa etnia. É uma declaração comprovada ao longo dos anos já que temos uma população indígena desamparada tanto pelos sistemas governamentais como também pela própria sociedade, mas sucumbida pelas grandes gerenciadoras de rendas mundiais. De acordo com o último censo (2010) realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apenas 0,4% da população brasileira se autodeclararam indígenas nesta última contagem. Onde estão os cinco milhões de índios que estavam aqui na famigerada “Descoberta do Brasil” em 1500? De acordo com Gersen Luciano (2006, p.17):

Há uma grande diferença entre os milhões de povos nativos que habitavam as terras que hoje chamamos de Brasil desde milhares de anos antes da chegada dos portugueses e as poucas centenas de povos denominados indígenas que atualmente compõem os 0,4% da população brasileira, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2001). A diferença não é só de tempo nem de população, mas principalmente de cultura, de espírito e de visão do mundo sobre o passado, o presente e o futuro. Estimativas apontam que no atual território brasileiro habitavam pelo menos 5 milhões de pessoas, por ocasião da chegada de Pedro Álvares Cabral, no ano de 1500. Se hoje esse contingente populacional está reduzido a pouco mais de 700.000 pessoas, muitas coisas ruins as atingiram.

O que sobreveio para que essa etnia reduzisse sua população para 700.000 mil pessoas? Numa irrestrita porcentagem de 0,4%. De acordo com Gersen Luciano (2006, p. 17), ocorreram diversos males aos povos originários da nossa terra, entre eles: “escravidão, guerras, doenças, massacres, genocídios, etnocídios e outros males que por pouco não eliminaram por completo os seus habitantes”. Esse grande contingente populacional “submergido” ao longo dos séculos comprova essa discrepância étnica tão numerosa, afinal são milhões deles “desaparecidos” ao longo dos séculos. Tudo em nome de um projeto ambicioso seja ele, industrial, cultural, econômico ou político, mas que tem o único intento de disseminar uma etnia inteira.

A partir desse quadro caótico e por ser e sentir-se indígena surge uma voz de resistência, entre tantas outras a exemplo de Olívio Jekupé, Daniel Munduruku, Bro

Mc's, entre outros, que clama por seu espaço na sociedade atual, através do discurso de resistência dos *raps* inseridos no álbum *My Blood Is Red* (Meu sangue é vermelho) lançado em 2017 com seis rap's: *Guarani Kaiowá, nunca desistir, parei e pensei, tentando demarcar, justiça e o último rap cujo tema é "Kunumi chegou"* textos escritos pelo compositor/rapper Werá Jeguaka Mirim da aldeia Kurukutu, em Parelheiros – São Paulo. Descendentes dos povos Guarani o jovem hoje com 18 anos reacende o desejo de uma vida equilibrada para seu povo, vejamos um trecho do rap o Kunumi chegou inseridos no álbum "Meu sangue é vermelho" (2017):

Poesia./é um esporte corretiva/ poderá mudar o mundo/Sem briga, e com democracia/raciocínio consciente do "meu sangue é diferente/ Rimando, um índio consciente./Rap indígena e o meu povo me inspiram /fumando petingua encontramos bom lugar./ Rimando, a rima consciente./ Somos "o cara que defende" é Nêgo,/ o Kunumi chegou./ Tentando demarcar e é zika para lutar,/ Nêgo, o Kunumi chegou/ Tentando demarcar /e salvar o nosso estar".

Como entender a preocupação do *rap* indígena entre as outras etnias? Lévi-Strauss (1993) identificou como "abertura ao outro" já que um traço comum aos ameríndios foi a facilidade, num primeiro momento, que eles deram aos europeus para penetrar no seu território. Essa abertura ao outro, facilitou o processo de aculturação entre as diferentes etnias. Nesse sentido, Marshall Sahlins (1997) menciona o processo de "indigenação da modernidade" visto que o índio está cada dia mais próximo da dita "civilização", ou das grandes zonas urbanas. Isso fez com que esse povo fosse aculturado por hábitos os quais não lhes pertenciam, assim como influenciou também com sua cultura diversos costumes deles tais como dormir em rede e tomar chás, entre outros.

3.5 O rap e seu processo de aculturação entre os indígenas

O surgimento do *rap* nas sociedades ocidentais sempre passou por um processo de aculturação. Basta lembrarmos da sua criação na década de 1960 na Jamaica cujo cenário buscava um espaço de resignificação para o novo ritmo e de valorização dos negros em subúrbios jamaicanos. Com a sua ascendência, logo foi aculturado pelos Estados Unidos e espalhados por toda nação.

O *rap*, atualmente, tem dimensão internacional e milhões de adeptos. Em sua composição, apresenta uma batida acelerada e a letra em forma de discurso ou protesto. Geralmente, apresenta-se com um DJ (*disc-jóquei*) a pessoa responsável pelo efeito sonoro e pelo MC (*mestre de cerimônia*) o qual interpreta a letra e também tem, caso queira, a função de criar a própria letra. Com a difusão do *rap*, o nativo Werá Jeguaka Mirin apropriou-se do estilo e utiliza-o como forma de denunciar as dificuldades vivenciadas pelos habitantes das aldeias.

Surge, então, o *rapper* Kunumi Mc, que despertou para o estilo, e usa suas composições como forma de proteção aos povos indígenas. Através desse gênero o cantor expõe um dos principais dilemas dessa população, a demarcação. O *rapper*, através de letras ativistas, busca o espaço negado a seu povo desde a época da invasão de seu espaço físico. Em depoimentos expostos nas mídias⁶, o *rapper* fala da resistência da tribo em aceitá-lo cantando esse estilo musical, pois para a comunidade indígena o jovem estava se distanciando de seus hábitos culturais. Porém o jovem, mostrou o quanto era benéfico a utilização desse estilo em defesa da vida da população nativa. Conforme Werá Jeguaka Mirim (2019, p.112):

Quando comecei, muita gente me criticava, falava que o rap não é da nossa cultura, que a gente estava roubando essa cultura. Hoje mostrei pra muita gente que o rap é uma forma de defesa, de luta, para tentar salvar nosso povo através da escrita, pela música. Muita gente ouviu meu rap e gostou.

No *rap*, a música serve de protesto social e fala a voz do povo marginalizado socialmente. Então, qual seria a punição para um jovem indígena que usa a palavra para defender seu chão? A aculturação é indevida ao cidadão? Até que ponto é violação de cultura apropriar-se de um estilo musical? O que é apropriação? “Ato ou efeito de apropriar-se” Bechara (2011, p. 153) E a cultura do índio que foi/é violada culturalmente, socialmente e religiosamente também não transpôs o processo de apropriação e aculturação? Afinal, qual conceito de aculturação? Conforme Bechara (2011, p.100): “conjunto dos fenômenos provenientes do contato contínuo de grupos de indivíduos de culturas diversas”. Na aculturação, culturas distintas são submergidas uma pela outra, ressignificando-as. Necessariamente nesse processo,

⁶Revista Tuíra on line. Werá Jeguaka Mirim, o rapper Kunumi MC – quando a pessoa se torna ativista. Disponível em: >https://escoladeativismo.org.br/wp-content/uploads/2019/02/Tuira01_WEB.pdf<

não existe “a melhor”, já que essa nova cultura terá aspectos da cultura inicial e da cultura absorvida. Conforme Caleffi (2003, p. 195):

As culturas são dinâmicas, influenciam-se mutuamente e se constroem também nos contatos com outras culturas, o que não significa absolutamente perda de identidade, e sim, que como a identidade é justamente um elemento construído culturalmente, por sua essência, também é dinâmica.

A maior vilã da aceitação da aculturação é a tradição. Resume-se nesta palavra a barreira para a transposição das culturas, visto que as gerações passadas demonstram mais resistências às reafirmações de identidade, aos parâmetros modernos de linguagem, aparatos e musicalidade dos dias atuais. Apesar dessa resistência, alguns anciãos estão superando essa barreira e embarcando no movimento trilhado pelos mais jovens. Para Gersen Luciano (2006, p. 40):

Entrar e fazer parte da modernidade não significa abdicar de sua origem nem de suas tradições e modos de vida próprios, mas de uma interação consciente com outras culturas que leve à valorização de si mesmo. Para os jovens indígenas, não é possível viver a modernidade sem uma referência identitária, já que permaneceria o vazio interior diante da vida frenética aparentemente homogeneizadora e globalizadora, mas na qual subjazem profundas contradições, como a das identidades individuais e coletivas.

A ancestralidade indígena ou de qualquer outra cultura jamais será rompida com a adesão de novas culturas, ao contrário, com a adaptação o sujeito passa a somar aquela identidade cultural a outras que estão a porvir. Esse pêndulo, nunca será favorável a nenhuma delas, mais adicionado com garantia de acesso a direitos culturais e identitários.

3.6 A tradição dos cânticos indígenas nos raps

O álbum *My Blood Is Red (Meu sangue é vermelho)* lançado em 2017 com seis *raps* que mostram a proximidade do indígena com o gênero discursivo abre um canal para o nativo apropriar-se dos elementos externos a sua cultura, mas perfeitamente adaptável ao discurso de resistência que ele precisa(va) para interceder pelo seu povo com a afirmação seguinte: “e o meu povo me inspira” para em seguida revelar: “somos o cara que defende”. Os *raps* são escritos em língua

portuguesa, mas com diversos trechos em língua nativa que é o Guaraní Mbya⁷ que mostra a influência dessa língua nativa na formação do *rapper* e o quanto ela é importante para manter a autonomia linguística de um povo. De acordo com Pimentel (2012, p.44), “A língua Guaraní tem uma força extraordinária e foi conservada ao longo de cinco séculos de opressão por milhares de indígenas no Brasil, no Paraguai, na Bolívia e na Argentina”.

Sendo assim, podemos observar a ampliação social da etnia, através da língua já que ela é um canal para argumentar e amparam esse povo. Vejamos a missão do *rapper* “Tentando demarcar e salvar o nosso estar”. Este verso comprova que o *rap* é uma excelente ferramenta de conscientização e que se utiliza da língua para defender o seu povo.

Até os dias atuais essa língua é viva entre os nativos e propagada por diversas tribos guaranis, pois, entre os nativos, é a língua que predomina nas escolas indígenas, tendo a língua portuguesa como sua segunda opção linguística. Entretanto para publicações de livros e material de divulgação predomina a língua portuguesa por causa do acesso ao público em geral. Entretanto, esse entrelaçamento linguístico só aconteceu nas últimas duas décadas com a visibilidade dos nativos na literatura em que o foco é para o sujeito nativo em toda sua plenitude. De acordo com Souza (2006, p. 17):

Nas culturas indígenas, cada sujeito é visto em termos de suas relações com os outros sujeitos da comunidade, e nunca de uma forma independente ou individualista. Esse conceito de sujeito está intimamente relacionado com os conceitos temporais das culturas indígenas, conforme discutimos acima, que estabelecem o diálogo entre o ‘tempo anterior’ mítico e coletivo (gerador do sujeito coletivo) e o ‘tempo presente’ atual, histórico e social (gerador do sujeito separado), aparentemente individual.

Por serem coletivos e resistirem aos embates, os nativos buscavam uma interação entre seus membros no processo de formação de identidades. Isso reflete no *rap* do nativo Kunumi Mc quando o ele na canção “Kunumi chegou” assegura a seguinte afirmação: “luto por causa do meu povo e por causa dos negros que são muito humilhados”. E reforça no *rap* intitulado “Justiça” o seguinte verso: “Tentando demarcar para salvar o nosso estar para meu filho deixar!”. Enquanto a preocupação do nativo é com a coletividade, fato nomeado por Souza (2006, p. 17), como

⁷ Anexo na página 124 (*rap* Guaraní Kaiowá)

“gerador do sujeito coletivo”, na cultural ocidental, em contrapartida, o sujeito luta por uma causa particular, ou seja, um “gerador do sujeito separado”. Dessa forma, Souza (2006) afirma que esse outro exerce uma prática independente e individualista entre os seus descendentes.

É nesse sentido de coletividade que é construído o convívio entre os povos indígenas, aqui não estamos incluindo os conflitos intertribais nem interlocais entre eles, mas os territoriais que os une de maneira imensurável. É pelo espaço demarcado, pelo território roubado que gera a luta coletiva. Assim eles deixam de ser plateia e passam a ser povo lutando por uma causa. Para comprovar, observemos um trecho do *rap* “Guarani *kaiowa*” em que o *rapper* demonstra sua preocupação com os desmandos governamentais praticados contra seu povo, inserido no álbum “Meu sangue é vermelho” (2017):

Tem um povo que sofre muito, lá no Mato Grosso/Guarani Kaiowa/ estão sofrendo/mas não correndo/porque a luta não acaba por aqui./ Temos que lutar/Pave'im, Anhentema Xeayvu,/Nhande Yvy Jajopy Awã,/ Jaikó Porã Awã./ Guarani-Kaiowa/ Penha'ã Eté,/ vamos lutar todo mundo/ porque aquele ato que o Xondaro faz /nunca irá cair,/ com cada força de vocês./ Preservamos a cultura/ e a natureza!/ A cultura e a natureza!

O ativismo do *rapper* ao apelar na música por seus semelhantes demonstra o quanto à invisibilidade indígena é presente na nossa sociedade, aliás, sempre foram invisibilizados em vários aspectos que o circulavam, porque o interesse do colonizador nunca foi de receptividade, mas de exploração do espaço físico e também humano. Quando, na letra do *rap*, o indígena diz que seu povo: “estão sofrendo, mas não correndo, porque a luta não acaba por aqui”. Ele ratifica um novo perfil dos nativos, o embate. Agora, não correremos, lutaremos por nosso espaço, por nossas causas, acabou a vez do dominador, seremos resistência.

Esse é o grito de socorro contido no *rap*. Na sequência, o *rapper* cita um trecho em língua nativa Guarani Mbya: “*Pave'im, Anhentema Xeayvu, Nhande Yvy Jajopy Awã, Jaikó Porã Awã. Guarani-Kaiowa Penha'ã Eté*” que conforme tradução significa “Temos que lutar todos juntos, e verdade o que eu falo, para conseguir nossas terras de volta, para vivermos felizes, Guarani-kawoiá vamos à luta”. Assim, podemos considerar na letra um forte aporte de obstinação, de força e coragem para

os guerreiros, bem semelhante ao *rap* em seu estilo contestador. Conforme Pimentel (2012, p.44):

Faz todo sentido, portanto, que uma arte da palavra como o rap seja incorporada por eles – inclusive pelo caráter combativo desse gênero musical, pois os cantos xamânicos também são usados, até hoje, no contexto da luta pela terra.

Associamos, então, os cantos indígenas numa perspectiva interativa com o *raps* já que ambos são cânticos que tem uma cultura proeminente com os cantos da tradição oral. Segundo Viveiro de Castro apud Risério (2018, p. 126-127):

Os arawetés dividem sua produção poemusical em dois gêneros: *Mai marakã* (música dos deuses) e *marakã hete* (música verdadeira) ou *opirabe marakã* (música de dança). [...] Quanto à “música verdadeira”, analisa Viveiros: “Todas as canções de dança apresentam uma forma fixa: letras curtas (quatro a oito versos, repetidos dezenas de vezes), tempo ritmado (quase sempre binário), linha melódica monótona, e uma divisão em duas partes, marcadas por uma diferença de andamento (a cada uma corresponde uma parte da letra)”. Durante as danças, estas composições sintéticas são cantadas coletivamente, em uníssono, no registro grave, por todos os homens.

Sendo assim, os *raps* têm sua semelhança com os cânticos denominados de “música verdadeira”, por sua composição estrutural (letras curtas, ritmado) trazido das origens indígenas para os dias atuais, ressignificando-os, o que não despreza em nada sua cultura, visto que, ainda hoje, muitos ameríndios ainda cultivam sua língua de origem. Vivem pela oralidade. Conforme Ferrarezi (2017, p.18/19), em seu livro *De alunos a leitores: o ensino da leitura na educação básica*, narra uma experiência que ele vivenciou com os índios Itenez, no sudoeste boliviano. Em contato com um dos anciãos detentores das histórias ancestrais, que fundamentam a religião e os parâmetros morais daquele povo, ele pediu para registrar, gravando-as o que obteve como resposta um sonoro não: “ele me olhou com espanto e, após um breve silêncio, me disse: ‘nós não precisamos de um livro: eu sou o livro. E, depois de mim, as crianças que escolhi para me substituir’. O famoso clichê “para sempre” não estava nos planos do ancião, nem tão pouco o registro, ele, sim, era o livro, vivo em toda sua intensidade.

Que patrimônio incalculável essa experiência vivenciada pelo escritor. Sabemos que foi através da oralidade que este povo se solidificou em seu habitat e

até hoje cultivam a linguagem oral, valorizando seu povo em canções, cânticos que inseriu também nos *raps*.

Entretanto, esse mesmo instrumento de comunicação – a oralidade foi invadida e abusada pelo conquistador que em nome de uma “colonização” apossou-se das histórias, da cultura, dos hábitos e costumes dos povos nativos já que o índio não registrava por escrito as suas narrativas, apesar de participar do processo de colonização europeia no século XVI com a famosa “catequização dos índios”. Foi a partir desses processos invasores que o índio foi despertando e conscientizando-se do equívoco em deixar esses povos invadirem seu habitat. De acordo com Preziosa (2017, p. 29):

O bom relacionamento entre indígenas e portugueses durou enquanto os europeus não se preocuparam em ocupar a terra. Quando o rei de Portugal passou a doar grandes lotes do território – as capitanias hereditárias -, a membros da pequena nobreza e a comerciantes que desejassem estabelecer-se na colônia, essa harmonia acabou. Os indígenas reagem e as lutas e guerras multiplicaram-se, sobretudo no litoral, onde foram instaladas as vilas e os engenhos de açúcar. Aquela “Terras sem males” tornava-se uma “Terra dos males sem fim”, com muito sofrimento e morte... Iniciava-se também o período da grande resistência indígena.

Resistência que dura até os dias atuais. Resistiram a genocídios, etnocídios, massacre de toda ordem, perderam muitos dos seus entes queridos, mas estão sempre em sentinela para resguardar aqueles que aqui permanecem. São os guardiões da nossa terra e da nossa história.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O referido texto apresenta uma pesquisa-ação aprovada⁸ pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba em 18 de julho de 2019 sob CAAE: 16193019.2.0000.5187 e número do parecer 3.4597.702. A pesquisa qualitativa propõe-se numa prática pedagógica interventiva, que torne os alunos conhecedores da literatura nativa, escrita, literalmente, pelo próprio indígena. Será desempenhada numa turma do 9º ano do ensino fundamental, composta por 16 alunos com faixa etária entre 13 a 20 anos através da sequência expandida formulada por Cosson (2016) na qual abordamos o gênero discursivo *rap*, do escritor de literatura nativa Werá Jeguaká Mirim, conhecido artisticamente como Kunumi MC. Os dados foram gerados por meio de registros escritos, fotográficos, fílmicos e gravações de áudios (todos transcritos) realizados no decorrer das sequências, produções escritas e leituras. Todos os procedimentos realizados foram relevantes para a análise e interpretações dos dados para em seguida serem entrelaçados com aportes teóricos.

A aplicação da proposta durou aproximadamente três meses e iniciou-se no final de julho de 2019 até o mês de outubro do ano em curso. Foram ministradas, 28 aulas de 50 minutos (hora/aula). Além de uma aula de campo para alunos observarem de perto uma aldeia e a vivência de um povo indígena.

Durante toda a aplicação do conteúdo, os aprendizes estavam convictos que seria uma atividade voluntária e estavam conscientes de seus direitos e deveres já que a pesquisa cumpre as normas estabelecidas pela resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 cujas diretrizes respeita aspectos éticos da resolução 196/96 CNS/MS, notadamente, aos critérios: dignidade, autonomia e integridade dos estudantes que são o alvo da pesquisa.

De forma ampla e levando em consideração os riscos, podemos esclarecer que foram inexistentes os danos físicos ou mentais, pois se tratava de atividades lúdicas e os alunos não entraram em contato com nenhum objeto tóxico ou material nocivo. A maior parte das intervenções foi feita dentro de sala de aula e os alunos manuseavam apenas objetos didáticos cotidianos. Faz-se necessário acrescentar que na análise dos dados, quando era necessário citar o agente da ação, a

⁸ Ver anexo páginas 119-120

identidade de cada aprendiz foi preservada e optamos por substituir seus nomes por letras do alfabeto, iniciando cronologicamente da letra A até a letra Q (são 16 alunos) respectivamente.

Em relação à aula de campo, fizemos o traslado de forma segura, com o acompanhamento de duas professoras, uma de geografia e outra de língua portuguesa e da diretora e vice-diretora além da autorização por escrito dos pais e/ou responsáveis, além disso, tínhamos dois guias conduzindo-nos todo o percurso com orientações históricas e culturais sobre o local e sobre os indígenas.

A instituição na qual fora realizada a pesquisa foi uma Escola⁹ situada no município de Equador a 280 km da capital Natal/RN. A instituição pertence ao âmbito Estadual e atende nos três turnos com aproximadamente 100 alunos. Do ponto de vista físico, a escola dispõe de quatro salas de aula, 4 banheiros, 01 sala de atendimento educacional especializado (AEE), (01) um laboratório de informática que funciona, concomitantemente, com a biblioteca com um acervo bibliotecário pequeno, (01) uma sala dos professores, que é dividida com armários para o funcionamento da secretaria e direção escolar, (01) uma cozinha e pátio externo (descoberto). O prédio é rodeado de muros.

Quanto ao recurso humano, dispõe de (01) uma diretora geral e (01) uma diretora adjunta, (01) uma coordenadora pedagógica, (06) funcionários de apoio e em torno de (15) professores. A escola oferece Ensino Fundamental a partir do 5º ano e a modalidade EJA no período noturno. A turma analisada é composta por (16) dezesseis alunos, sendo (09) nove do sexo feminino e (07) sete do sexo masculino. Alguns deles residem em áreas distantes da escola. Os estudantes pertencem às famílias oriundas de atividades agrárias, extração de caulim e também de bolsa família.

Para a proposta acima, propusemos os seguintes objetivos: geral e específicos:

- Apresentar a literatura indígena através de *raps* e de um livro infanto-juvenil “Kunumi Guarani”(2014) para promover o desenvolvimento dos alunos no que concerne à capacidade crítica/reflexiva que abordam esses textos

Específicos:

⁹ Autorização institucional na página 121

- Promover a prática de letramento literário em textos de origem indígenas em turmas do ensino fundamental I (alunos multiplicadores) e II em escolas da rede pública estadual/municipal em Equador-RN;
- Adquirir o gosto pela leitura desenvolvendo assim, por seu intermédio, a criticidade e a capacidade de reflexão cultural;
- Compreender sobre a importância da cultura indígena para a sociedade e entender que eles não são povos homogêneos, mas de uma diversidade imensurável.
- Reconhecer o gênero textual *rap* e suas características.

4.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A proposta interventiva cujo título é “Uma proposta para o letramento literário através do rap indígena do escritor kunumi MC” foi aplicada no segundo semestre do ano letivo de 2019. A proposta foi dividida em 10 etapas distintas como: leitura, análise, discussão das obras, produção escrita, contextualização histórica, interpretações dos textos e expansão.

Etapas 1 – Apresentação da proposta na semana pedagógica da escola para o grupo de professores, coordenadores e gestores da instituição.

Etapas 2 – Apresentação da proposta aos aprendizes – O reconhecimento de uma literatura marginalizada.

Etapas 3 – O *rap* indígena na escola: motivação. Neste espaço destinado a motivação, exibimos um vídeo com a apresentação de um Programa pedagógico exibido nas ruas de Diadema/SP em que o autor dos *raps* era o entrevistado e também cantava suas músicas.

Etapas 4 – Introdução - um texto da revista online Tuíra¹⁰ em que o rapper Kunumi Mc demonstra todo o ativismo exposto nos raps.

Etapas 5 - Nessa etapa, foram apresentados seis *raps* e seus respectivos vídeos no *youtube*. Além de três intervalos de leitura com três músicas que também abordam a questão indígena: “Os inclassificáveis”, de Arnaldo Antunes (1996), “Demarcação já”, de Carlos Renó (2017) e o terceiro intervalo “Demarcação já, terra, ar, mar” de Matilha Cultural, Crioulo e Kunumi Mc (Werá Jeguaka Mirim), inserida no

¹⁰ ><https://escoladeativismo.org.br/wera-jeguaka-mirim-o-rapper-kunumi-mc-quando-a-pessoa-se-torna-ativista/><

álbum Mixtape Matilha. Além de um vídeo no *youtube* que mostra a importância do Xondaro para os povos nativos. Vejamos os *raps* analisados.

- Kunumi Chegou;
- Guarani Kaiowá;
- Tentando demarcar;
- Justiça;
- Nunca desistir;
- Parei e pensei;

Etapa 6 – Leitura do livro infanto-juvenil “Kunumi Guarani”(2014) em prosa – leitura do cotidiano de um indígena-mirim escrito por Werá Jeguaka Mirim aos 9 anos de idade. (Essa leitura era necessária para uma etapa da interpretação pelos aprendizes como multiplicadores da literatura indígena).

Etapa 7 - Primeira interpretação – “Nativos do Brasil: do arco e flecha ao *smartphone*” – tema gerador do desfile cívico na escola. Momento em que os alunos levaram para as ruas da cidade toda a euforia de mostrar os verdadeiros donos das terras brasileiras.

Etapa 8 - Contextualização histórica – Palestra com o historiador e pesquisador sobre a passagem de índios na região do Seridó nas décadas passadas cujo tema era “Os indígenas do Sabugy no período do pós-contato”, de autoria de Rommeryto Augusto Oliveira de Moraes.

Etapa 9 - Segunda Interpretação da leitura sobreveio com os estudantes da intervenção tornando-se agentes multiplicadores da literatura indígena em outras escolas da cidade para isso, dividimos a turma em grupos de quatro alunos, o que sucessivamente, formaram-se quatro grupos, uma vez que a turma tem 16 alunos. Para esses encontros, utilizamos a sequência básica (dentro da segunda interpretação da sequência expandida) proposta por Cosson (2016) constituída pelas etapas:

- Motivação e introdução (apresentação do vídeo no youtube da questão indígena no Brasil e apresentação do autor dessa literatura)
- Leitura do livro “Kunumi Guarani”(2014) e o rap Guarani Kawoiá, ambos de Werá Jeguaka Mirim);
- Interpretação;

Etapa 10 – Na última etapa aconteceu a expansão do projeto. Esse momento foi à culminância em que os aprendizes conheceram os indígenas no seu habitat natural cujo tema “Povos Potiguaras x alunos: um encontro com a ancestralidade”. Foi um encontro de muitas aprendizagens e saberes significativos. Ainda na expansão os alunos fizeram relatos orais sobre suas impressões, vivências e experiências com o projeto.

Essas foram às etapas que encadeou toda a pesquisa. O desenvolvimento de cada uma delas foi cuidadosamente planejado de forma que contribuísse com a aprendizagem dos discentes bem como na formação do letramento literário deles. O intuito maior era despertar o senso crítico e a consciência de que eles, enquanto cidadãos precisam praticar a alteridade e a empatia com as etnias que constituem a formação do povo brasileiro.

4.2 Sequência expandida e sequência básica

A sequência expandida escolhida para aplicação da atividade foi pensada e estruturada por Cosson (2016) para trabalharmos com o letramento literário (além da expandida, na segunda interpretação dela, inserimos a sequência básica para que os agentes multiplicadores de leitura pudessem aplicar os textos em sala de aula). A sequência expandida é constituída de seis etapas: motivação, introdução, leitura (com intervalos), primeira interpretação, contextualização histórica (apenas a histórica foi abordada), segunda interpretação e expansão. A motivação é organizada numa perspectiva de despertar a curiosidade do leitor para o que virá, Cosson (2016, p. 56) denomina “entrar no texto”. A motivação tem como característica “laçar” o leitor para as etapas seguintes. No passo seguinte, temos a apresentação do autor/protagonista Werá Jeguaka Mirim, mas com codinome artístico Kunumi MC e seus os *raps* que estão inseridos no álbum *My Blond is red*, (Meu sangue é vermelho) primeiro álbum de sua carreira artística e do seu livro infanto-juvenil *Kunumi Guarani* (2014). Na terceira etapa, temos a leitura a qual, inicialmente, buscamos formas prazerosas e atraentes de ler os textos. Na fase interpretativa, teremos a 1º interpretação, depois a contextualização histórica e a 2º interpretação e para finalizar a expansão. Nestas etapas finais, o aprendiz teve que

fazer inferências e explorar aspectos críticos dos *raps* por que segundo Cosson (2016, p.27): “a literatura tem o poder de se metamorfosear em todas as formas discursivas” já que é um exercício social cuja responsabilidade maior é destinada ao ambiente escolar.

Entretanto, temos que considerar que não é apenas no ambiente escolar que os aprendizes têm acesso ao saber, nem só na escola. Num mundo multiletrado, existem diversos espaços presenciais ou virtuais de aprendizagem para os estudantes. Então, a coexistência da escola hoje depende do olhar que damos as múltiplas formas de aprendizagens que existem fora dela. Conforme Souza (2011, p. 160):

Uma das tarefas cada vez mais urgentes para a instituição escolar é atentar para a dinâmica e as múltiplas maneiras de uso social da linguagem, estabelecendo uma ponte entre o que está dentro e o que está fora da sala de aula, de forma a considerar as diferentes vozes e identidades que circulam nos espaços educativos.

A escola e os espaços sociais de convivência dos alunos são ambientes capazes de possibilitar a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, em que os indivíduos têm acesso aos bens culturais, históricos e artísticos de uma nação.

Ainda pondo em prática as etapas da sequência expandida, especificamente na segunda interpretação proposta por Cosson (2016) utilizamos na aplicação outra sequência, a básica. Inserimo-la para que os alunos pudessem expor o conteúdo da literatura nativa nas escolas, sendo eles os protagonistas desta apresentação. Nesta fase, eles se tornaram agentes multiplicadores desses textos em duas outras escolas do município em turmas diferenciadas (ensino fundamental nos anos iniciais e ensino médio). Um dos principais objetivos foi o de entrelaçar o vivenciado em sala de aula e a multiplicação desse conhecimento com outros aprendizes.

5.0 ETAPAS DE APLICAÇÃO DA PROPOSTA

5.1 ETAPA 1: Apresentação da proposta para o corpo docente da escola: diretores, coordenadores e gestores.

Na semana pedagógica no início do ano letivo de 2019, apresentamos o projeto para escola como forma de tornar todos conhecedores e engajados na proposta pedagógica. Para isso, expusemos 24 slides que retratava o foco da pesquisa entre eles: objetivos da pesquisa, justificativas, procedimentos metodológicos além da importância de se aplicar a lei 11.645/08 que institui a aplicabilidade do estudo dos povos indígenas nas escolas o que abrange em sua maioria todo o ensino fundamental e médio, através das disciplinas de língua portuguesa, história e artes. Os slides ainda mostravam a importância de se trabalhar com a pluralidade cultural e toda sua diversidade.

O corpo docente recebeu e aplaudiu calorosamente o projeto. Ofereceu apoio a proposta e decidiu optar como tema gerador do ano letivo. A apresentação da primeira interpretação da sequência básica deu-se no dia 07 de setembro quando os alunos mostraram a comunidade o tema gerador do ano letivo que foi “Nativos do Brasil: do arco e flecha ao *smartphone*.” Foi um momento sublime para comunidade escolar em que os alunos defendiam a modernização dos povos indígenas sem perder sua originalidade, sua essência.

5.2 ETAPA 2: Apresentação da proposta para os alunos

A apresentação para os alunos iniciou-se no dia 22 de julho de 2019 com duas aulas de 50 minutos. Expusemos a temática em slides que retratava o foco da pesquisa entre eles: objetivos da pesquisa, justificativas, procedimentos metodológicos além da importância de se aplicar a lei 11.645/08 que institui a aplicabilidade do estudo dos povos indígenas nas escolas. Depois da exposição dos principais pontos da pesquisa, explicamos a importância dos pais ou responsáveis também terem acesso a aplicabilidade da pesquisa. Para isso, criamos um grupo no *whatsapp* com alunos, pais e pesquisadora, já que a maioria dos pais disponibiliza de horários diferenciados por conta de suas atividades laborais.

No intuito de documentar e arquivar a papelada obrigatória para a realização da pesquisa enviou-se para cada pai/responsável duas vias de documentos que autorizam a participação de alunos nas atividades interventivas que são: Termos de Assentimento (TA), Termos Consentimento Livre e de Esclarecido (TCLE), Termo de autorização para gravação de voz e Termo de autorização para participação do aluno em aula de campo.

Cada aluno recebeu uma pasta contendo a documentação, mais antes lemos os documentos em sala de aula, tiramos as dúvidas sobre pontos que houvesse obscuridade. E levaram para casa para serem apreciados, numa segunda leitura, agora com os pais. Algumas mensagens foram enviadas pelos pais a fim de esclarecer melhor a veracidade do projeto e das ações. Foram feitas perguntas do tipo: precisaremos arcar com despesas? Para onde e quem viajará com os alunos? Esse projeto não atrapalhará o currículo escolar? Entretanto todos assinaram, concordaram e concederam a participação dos filhos no projeto de intervenção.

5.3 O RAP INDÍGENA NA ESCOLA

5.3.1 ETAPA 3: Motivação

A atividade motivacional aconteceu no dia 23 de julho com duração de duas aulas de 50 minutos e teve como suporte a aula de apresentação do Programa de rua “Avisa lá” (com duração de 54 minutos) com direção geral de Joul Matéria Rima e Nicolas Mc¹¹. Programa de rua em que o Kunumi Mc canta *rap* e dá entrevista para plateia numa apresentação feita com fins pedagógicos nas ruas da cidade de Diadema/SP. Nele o indígena Werá Jeguaka Mirim canta e concede uma entrevista mostrando os aspectos positivos e negativos de ser indígena no Brasil. Além de falar sobre sua experiência como escritor e *rapper*. A partir daí os alunos conheceram, concomitantemente, o *rap* indígena e o cantor bem como a real situação que se encontra os indígenas no Brasil.

Os aprendizes ficaram realmente sensibilizados com a temática e com o pedido de socorro feito pelo *Kunumi Mc* em relação ao seu povo. Por esse motivo Cosson (2016, p.56) afirma: “buscamos fazer o aluno interagir tanto com o princípio

¹¹Avisa lá. Disponível em :><https://www.youtube.com/watch?v=PIIiD5IA9oQ&t=222s>< acesso no dia 08 de junho de 2018.

estrutural do texto quanto com sua temática, assim, os alunos sentem-se motivados, pois atuam no objeto com que se identificam”. Acreditamos que tanto a situação indígena sensibilizou-os como também a aproximação deles com a musicalidade do *rap*. Visto que a maioria deles já eram ouvintes e simpatizantes do estilo musical tão eufórico na idade juvenil. E sendo assim, a motivação gerou um impulso nos aprendizes para adentrar no projeto.

5.3.2 ETAPA 4: Introdução

Este processo dá-se na aceitação do autor e da obra. Este encontro aconteceu no dia 26 de julho e teve a duração de duas aulas. Esta recepção do texto pelo nosso aluno constituiu uma etapa interessante, por que, é nela que os alunos aproximam-se do autor dos textos, no caso os *raps* que são produzidos pelo rapper *Werá Jeguaka Mirim* cujo nome artístico é *Kunumi MC*. Para isso, trouxemos um texto da revista online *Tuíra*¹² cujo título “*Werá Jeguaka Mirim, o rapper Kunumi MC – quando a pessoa se torna ativista*”, nele o artista, juntamente com outros escritores, defende a condição humana em toda sua totalidade e mostra por que ele se transformou num ativista. Para Cosson (2016, p. 61): “A seleção criteriosa dos elementos que serão explorados, a ênfase em determinados aspectos dos paratextos e a necessidade de deixar que o aluno faça por si próprio até como uma possível demanda de leitura”. Sendo assim, a partir da introdução o professor exercerá, apenas, o papel de mediador, já que o aluno possui competências linguísticas para inferir sobre a leitura tão intertextual por se tratar de um gênero do seu cotidiano.

Após a leitura do depoimento, abrimos espaço para que os alunos discorressem sobre o texto do escritor de *rap*. O aluno “C” disse que achava que os povos indígenas eram “seres ocultos” dentro do cenário brasileiro. Outro aluno “B” comparou os índios aos papagaios e disse: “eles são raros como os papagaios”. Outros preferiram manter o silêncio a respeito do texto.

¹² Revista *Tuíra* on-line. *Werá Jeguaka Mirim, o rapper Kunumi MC – quando a pessoa se torna ativista*. Disponível em: > https://escoladeativismo.org.br/wp-content/uploads/2019/02/Tuira01_WEB.pdf< acesso no dia 03 de março de 2018

5.4 ETAPA 5: LEITURAS

Nesta etapa, foram apresentados seis *raps* e seus respectivos vídeos no *youtube*. Além de três intervalos de leitura com três músicas que abordavam a questão indígena: “Os inclassificáveis”, de Arnaldo Antunes (1996), “Demarcação já”, de Carlos Renó (2017), cantada em forma de protesto por 25 pessoas entre eles cantores, atores e pesquisadores em prol de melhorias para os povos indígenas num evento denominado *Sangue indígena. Nas veias a luta pela terra - acampamento livre*¹³. E a terceira é “Demarcação já, terra, ar, mar” de Matilha Cultural, Crioulo e *Kunumi Mc (Werá Jeguaka Mirim)*, inserida no álbum *Mixtape Matilha, Vol.2*, 2019. Além de um vídeo no *youtube* que mostrou a importância do *Xondaro* para os povos nativos. Por esse motivo o tempo destinado a essa tarefa de leitura foi extenso e tiveram a duração 10 aulas de 50 minutos cada, visto que cada exposição de um *rap* era automaticamente feita sua explanação. Preferimos assim, para não nos distanciarmos muito do foco da pesquisa que era apresentação da literatura indígena e suas respectivas temáticas. Já que esse tipo de leitura é raro na escola, seja por falta de material com essa abordagem, seja por desinteresse dos professores em buscar esses textos em seu planejamento. E sabemos, enquanto educadores, do “poder” que tem a leitura na vida do aprendiz, fator primordial para a formação do estudante.

Segundo Cosson (2016, p.63), “a leitura do texto literário, como já observamos, é uma experiência única e, como tal, não pode ser vivida vicariamente”. Por não ser imposição e, sim, fruição. Para Cosson (2016, p. 62) o professor deve “acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura”. Para isso acontecer, a leitura precisa ser planejada, afinal todo ser humano necessita de um sustentáculo intelectual para desenvolver sua habilidade e cognição, para isso, a efetiva presença da mediação entre estudantes e professores, na leitura, é fundamental. Segundo Ramos (2006, p.5):

¹³ Sangue indígena. Nas veias a luta pela terra - acampamento livre ><https://mobilizaconacionalindigena.wordpress.com/page/11/?wref=bif><acesso no dia 08 de junho de 2019.

O docente assume o papel de mediador da literatura junto com os alunos, através da seleção de textos e de estratégias de abordagem dos mesmos, a fim de criar condições para que o diálogo com a arte aconteça. O mero contato com o objeto artístico não garante a apropriação. É fundamental que sejam criadas estratégias de mediação para que o leitor iniciante se aproprie da literatura e, por meio da interação com a arte, vivencie conflitos e emoções ainda não vividos e vá se construindo.

Nesse intuito de mediar o ato de ler, fizemos uma seleção criteriosa dos textos e da sistematização das leituras as quais foram essenciais para êxito do projeto.

Nessa etapa, os alunos receberam impresso os *raps* do cantor Kunumi MC. Preferimos optar por entregar um a um, para que pudéssemos lê-los e discuti-los com mais profundidade. Os *raps* estão inseridos no álbum “My blond is red” (*Meu sangue é Vermelho*) com seis faixas: *Kunumi chegou Guarani Kawoiá, nunca desistir, tentando demarcar, justiça e parei e pensei*. Utilizamos como apoio na leitura dos *raps* outras canções que abordavam também a temática indígena na sessão nomeada por Cosson (2016, p.63) de Intervalos, segundo ele “intervalos constituem as atividades específicas” para o teórico é um bálsamo para a leitura desde que seja pertinente e interligada ao tema. Conforme Cosson (2016, p.64):

Por meios dos intervalos, o professor poderá ajudá-lo a resolver ou, pelo menos, equacionar questões que vão desde a interação com o texto, a exemplo do desajuste das expectativas que pode levar ao abandono do livro, até o ritmo de leitura, possível consequência tanto das condições de legibilidade do texto quanto da disponibilidade do aluno para realizar a atividade.

A necessidade de inserirmos os intervalos na leitura foi à brevidade na leitura dos *raps*, afinal são textos poéticos que, quando lidos, ganham uma conotação de rapidez, mas que precisam ser retomados numa leitura mais densa (aprofundada) e os intervalos ajudaram-nos nessa tarefa, de retomar a temática.

Além da leitura dos *raps* e dos intervalos de leituras, tínhamos os vídeos do rapper *Kunumi MC* no *youtube*. Sempre para cada leitura feita, mostrávamos o vídeo correspondente relacionado aquele texto.

5. 4. 1 Rap “Kunumi Chegou”¹⁴

¹⁴ Anexo na página 123

Iniciamos a aula com o *rap* “Kunumi chegou” cuja leitura foi feita no estilo poético pela aluna “D” a qual fez a leitura com desenvoltura o que cativou a equipe. Todos acompanharam silenciosamente a leitura (*rap* mais extenso do álbum). Em seguida a professora retomou a leitura e fomos discutindo verso a verso. Após a abordagem temática do texto, exibimos o vídeo¹⁵ que causou muito euforia entre os aprendizes. Alguns imitavam o som da “batida” do *rap* na cadeira, outros tentavam acompanhar o ritmo com a escrita, outros acharam alguns elementos expostos no vídeo inadequado (*cachimbo/petiguá*). No geral, foi um excelente momento de leitura e discussão na sala. Observemos abaixo o depoimento do aluno “C” sobre a leitura do *rap*:

Eu vejo os índios como pessoas guerreiras, que lutam por seus direitos e terem justiça para ter aquilo que é deles por direito. Nós temos que apoiar e ajudar o *rapper Kunumi Mc* para que ele consiga conquistar o objetivo do seu povo, através de sua poesia e livros.

A interatividade que aconteceu entre leitor e texto é evidente nesse trecho, visto que ele se posicionou de forma imperativa em relação ao apelo que o *rapper* expôs na canção. O aluno tomou “posse” do texto e interagiu de forma positiva oferecendo apoio ao *rapper*. Esse tipo de leitura é definida por Zimmermann e Keene (1997) como uma “conexão texto – mundo”, que o leitor se vincula com a leitura e conecta-se com realidades exteriores ou experiências pessoais de superação da leitura, afinal são transposições de leitores mais proficientes. Esse tipo de leitura aconteceu com o aluno “G” quando ele defende:

Devido aos índios não terem voz, direitos e escolhas, o jovem índio tomou a atitude de usando a música mostrar aos “brancos” que o índio também é humano. Sua intenção é abrir os olhos do mundo para que coloquem um fim no preconceito e atitudes desumanas.¹⁶

As especificidades de cada leitor mostram-nos o quanto a leitura é edificante na vida escolar. Através dela, o aprendiz faz inferências e dialoga com o conhecimento adquirido identificando a leitura com outras que influenciaram sua vida de leitor. Quando o aluno menciona a questão de “abrir os olhos do mundo” ele abre um leque de possibilidades interpretativas.

¹⁵ .> <https://www.youtube.com/watch?v=59naQKUKMRY>< acesso no dia 03 de março de 2018

¹⁶ Apêndice pág. 134

Essa interação entre texto e leitor é chamada de “conexões” por Zimmermann e Keene (1997), apud Luiz (2011, p. 140). Para os autores, as conexões abrangem três formas:

a) Conexão texto – leitor: o texto mobiliza o destinatário a se lembrar de um evento semelhante que ocorreu em sua vida. Essa estratégia ajuda a compreender, por exemplo, como os personagens se sentem ou como ocorrem as motivações de suas ações; b) conexão texto – texto: ocorre quando o leitor, ao interagir com a obra, identifica a glosa de outros textos; e c) conexão texto – mundo: são as ligações mais abrangentes que o leitor traz para sua leitura, como aqueles que vão além das experiências pessoais. Trata-se de se conectar com eventos que ocorrem na sua cidade, no seu meio, ou na sua realidade exterior (mundo).

As conexões apontadas por Zimmermann e Keene (1997) oferecem suporte para interpretarmos a inferência do aluno quanto à compreensão dos *raps*. Enquanto uns utilizaram a “conexão texto – mundo”, outros se apoiaram em outras do tipo “texto – leitor” como podemos observar abaixo no relato do aluno “E”:

Achei massa o rap do Kunumi Mc que tem um trecho que ele diz jovem “Nego” rimando poeta eu sou! Sou o Kunumi, “luto pelo povo e hoje eu sou assim”. Ele diz que vai lutar até o fim pelo seu povo. Nunca vi o índio mais acho que é massa.

Nesse trecho, observa-se que o destinatário ao ouvir e ler o *rap* sentiu-se tocado e a conexão texto – leitor foi alcançado, visto que o texto mobiliza o aluno a envolver-se com a situação apresentada, principalmente quando ele manifesta o desejo de encontrar-se com um índio “nunca vi um índio mais acho que é massa”. O que é reforçado pelo aluno “F” quando declara: “Eles são trabalhadores como nós, eles têm os mesmos direitos que nós, mesmo com os defeitos deles, eles não são o que o povo diz”. Graças ao poder da comunicação, podemos observar o quanto os alunos sentiram-se sensibilizados pela questão indígena no Brasil e o mais importante foi à empatia entre os alunos e esses povos.

Após a análise do primeiro *rap* mostramos a letra da canção “Inclassificáveis” de Arnaldo Antunes¹⁷, cuja temática mexe com a questão das etnias, depois exibimo-la em vídeo para os alunos observarem a temática de defesa exposta pelo eu lírico. Afinal, somos uma mistura impossível de classificar, uma vez que nossas ascendências são as mais diversas. Por essa diversidade de origens é impossível

¹⁷ANTUNES, Arnaldo. Inclassificáveis. Disponível em:
><https://www.youtube.com/watch?v=DR4DqROavy8>< acesso em 23 de julho de 2018

pensar em apenas uma cultura, mas em culturas – também no plural. Compreendido pelo aluno “G” no relato abaixo: “São partes de um povo muito injustiçado, isso é uma pena, desrespeito ao índio é algo inadmissível, pois não desrespeita somente uma pessoa e sim toda uma cultura diferente da nossa”. Esse depoimento mostra o quanto obtivemos resultados positivos relacionado à leitura, apresentação e compreensão das *músicas*. Analisaremos abaixo outro rap do Kunumi Mc, o rap intitulado “Guarani Kawaiá”.

5.4.2 Guarani Kawaiá¹⁸

Antes da leitura do texto, ainda na versão escrita, colocamos o nome “Guarani Kaiowá” no quadro e os alunos foram inferindo as possíveis interpretações (nome de um povo indígena) ao título que foram todas confirmadas pela leitura do texto na íntegra.

Durante a leitura, os alunos apontaram a primeira impressão sobre a letra do *rap* e destacaram os primeiros versos que responde ao questionamento anterior: quem são os Guaranis Kawaiás? O próprio autor do *rap* diz o porquê de ter escolhido esse povo na sua música: “Tem um povo que sofre muito lá no Mato Grosso, Guarani Kawaiá, estão sofrendo, mas não correndo, porque a luta não acaba por aqui. Temos que lutar!”. O chamamento do *rapper* mostra o quanto à comunidade indígena pratica a alteridade entre eles. O apelo do cantor mostra-nos o real motivo dessa etnia ter sobrevivido a tantas intempéries ao longo dos anos.

O que é reforçado por Vieira (2008, p. 38) em sua dissertação de mestrado, quando ele afirma que esse povo (Guarani Kawaiá) passou por um longo processo de exclusão social e desapropriação de suas terras. Segundo o autor, os indígenas tiveram que disputar suas próprias terras pela aproximação vigente da zona urbana adentrando suas terras e trazendo as mazelas de uma grande metrópole para a aldeia. Vieira afirma (2008, p. 38):

Em análise, muitos dos problemas presentes nas aldeias Kaiowá e Guarani têm-se refletido na organização social, isto é, no seu “modo de ser”. Por conta desse processo histórico desfavorável, surgem sérias dificuldades, que preocupam, como por exemplo, o alcoolismo, o alto índice de desnutrição, a prostituição, a tuberculose, o suicídio, a violência interna, a

¹⁸ Anexo na página 124

sobreposição de lideranças nas aldeias, a reordenação da organização familiar, a substituição das práticas religiosas tradicionais pelas crenças das religiosas neopentecostais. Outro problema enfrentado pelos índios em consequência da perda da terra é a grande procura de trabalho nas usinas de álcool da região por jovens adultos casados ou solteiros, isso tem provocado ausências por longo período da aldeia o que está comprometendo o seu papel na organização social do grupo.

Por conta dessa estrutura social apontada acima o cantor *Kunumi MC* resolveu denunciar os desmandos que estavam acontecendo nas terras *Guarani Kawaiá* e problematizou através das construções discursivas o dilema de um povo que busca ajuda para sobreviver. Essa textualidade indígena semelhante ao do *Kunumi Mc* é defendida por Thiél (2011, p. 4):

As textualidades indígenas, que ora propomos que componham o universo da leitura na escola, por meio de seus temas e expressão multimodal, além de suscitar a imaginação, promovem a percepção de como os outros, os diferentes, representam sua realidade, leem o mundo, e produzem textos com uma configuração estética diferente daquela do cânone ocidental. Portanto, sua abordagem na escola significa a inclusão também do outro, no caso o índio, nesse universo, e uma reflexão sobre as culturas indígenas como formadoras do pensamento e do fazer literário nacional.

Ao interpretar a literatura indígena os aprendizes desenvolveram a percepção, a imaginação e despertou o senso crítico em relação aos povos indígenas. Essa literatura há séculos vem sendo parafrazeada ou apresentada como autoria dos colonizadores. Por isso, estudiosos fizeram a necessária classificação entre essas literaturas – Indianista (escritores não-índios de tradição ocidental do período romântico brasileiro, voltado para a construção de uma identidade nacional). Já o termo indigenista parte de uma escritura ou tradução do outro (não índio), para quem o mundo indígena é referente e o índio é informante, mas não agente da narrativa¹⁹. Até surgir no final do século passado a literatura escrita pelos próprios nativos – literatura indígena. Segundo Thiél (2011, p. 7-8):

A produção textual indígena brasileira floresceu na última década do século XX, entra o século XXI como movimento literário e também político, de afirmação de identidade e cidadania, o que faz com que sua inserção na escola, nas leituras propostas para os alunos, se torne ainda mais relevante.

¹⁹ Esses conceitos de indigenista e indianista não foram aprofundados nessa abordagem foram citados apenas como informação para contrapor com a literatura indígena.

Uma literatura pouco abordada nas instituições escolares e de nenhum ou pouco conhecimento por parte do alunado, por um único motivo, esses textos ainda não estão presentes nas prateleiras das bibliotecas, entretanto quando é apresentado aos alunos vejam a recepção dada a eles no relato do aluno “G”:

Roubaram suas terras e mataram sem consciência. Hoje, eles estão lutando por vez e voz. Querem ser ouvidos e essa busca não é recente. Os indígenas não estão roubando, mas, sim, recuperando.²⁰

O aluno captou a “essência” da literatura indígena que é mostrada quando ele diz as expressões “vez” e “voz” desses povos, reconhece o quanto de vacância física (vez) e literária (voz) existe no reconhecimento seja literário, seja físico desses povos. A literatura indígena surge exatamente para valorizar essa pluralidade de ideias que existe no outro e reconhecer o subsídio desses textos para a cultura e a sociedade, a partir daí nasce o respeito e a empatia por esse povo tão plural na construção da nossa nação. Vejamos o depoimento dado pelo aluno “H” na compreensão dele sobre o escritor e o *rap* Guarani Kaiowá:

Werá Jaguaka Mirim, o rapper Kunumi MC, é um ativista pela demarcação. Ele protesta por meio de *rap* ou em poesias cantadas no rap. O Kunumi é um índio corajoso, pois defende a sua tribo e os negros é algo surpreendente. Me sinto grata por conhecer um pouco e vou conhecer mais. Espero que mais pessoas se interessem pelo assunto, pois também é a nossa cultura, igual a nós.²¹

Observemos o quanto de reconhecimento há no relato do aluno em relação à escrita do texto e ao próprio *rapper*. A apreensão feita pelo aluno acarreta uma busca dele pela própria identidade na expressão: “é nossa cultura, igual a nós”. Essa junção entre “culturas” aparentemente tão distantes vão se estreitando na intelectualidade do aluno. Para Hall, (2003, p.51):

Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...]. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, com os quais podemos nos identificar, constroem identidades.

²⁰ Apêndice pág. 135

²¹ Apêndice pág. 134

Essa construção de identidades tão grandemente definida por Hall (2003) apresenta-se ainda na discussão do texto, quando o aluno questiona nomenclaturas típicas do universo indígena (aluno “B”) – “Professora o que significa *Xondaro*?”

A resposta da palavra “Xondaro” (que ora se identifica como dança e ora como um exercício guerreiro) surgiu num vídeo que não estava na sequência, mas nasceu a partir da indagação dos alunos. Por isso, apresentamos um vídeo no *youtube* exibindo a importância do Xondaro²² para os povos nativos. O que foi muito representativo para engrandecer o conhecimento deles.

Após a apresentação do texto (*rap* escrito) e do vídeo sobre o Xondaro, (que utilizamos na sessão intervalo) assistimos ao vídeo do *rap*²³, e abrimos os espaços novas interpretações. Surgiram, assim, relatos do tipo: “*Kunumi* é um rapaz que luta pelos direitos dos índios e ele expressa isso com músicas e também por livros ele mostra como é a vida de um índio” pelo aluno “I”. A influência oferecida através da música mostra o quanto essa discursividade apontada pelo *rapper* contribui para uma desconstrução do arquétipo criado pela sociedade em relação aos índios.

Em seguida, os alunos indagaram sobre o significado das palavras em língua nativa que estavam presentes na letra da música no verso: “Temos que lutar *pave'im, anhentema xeayvu, nhande yvy jajopy awã, jaikõ porá awã. Guarani Kaiowá penha'ã eté, vamos lutar*”. Entramos em contato com o autor da letra e fomos atendidos prontamente pelo pai do *rapper*, o escritor de literatura nativa Olivio Jekupé²⁴ cuja tradução foi enviada. Vejamos o significado das palavras em língua nativa, no *rap* Guarani Kaiowá: “Temos que lutar todos juntos, e verdade o que eu falo, para conseguir nossas terras de volta, para vivermos felizes, Guarani-kawoiá vamos à luta”.

Vimos, a partir dessa tradução, o quanto o texto tem um chamamento para o ativismo e o quanto a letra mostra a transitividade do índio de um estado passivo para um defensor dos seus direitos. Nele o *rapper* insiste em convocar todos para a causa indígena. O teor crítico do rap passa por um processo de reconstrução e ressignificação da causa indígena no Brasil. Uma dessas causas é a demarcação de terras que será exposta nos *raps* abaixo.

²² ><https://www.youtube.com/watch?v=4FbUVwDwp9U>< acesso no dia 03 de agosto de 2019

²³ ><https://www.youtube.com/watch?v=qf93m-on65w>< acesso no dia 19 de julho 2019

²⁴ Autor de mais de 17 livros de literatura nativa e incentivador das textualidades indígenas no Brasil. Para maiores informações no site: https://youtu.be/Sf_6aGyahBI

5.4.3 Tentando demarcar e Justiça²⁵

“A música do Kunumi MC tem uma relevante inspiração, pois ele fala sobre a luta que ele tem pelo povo dele e também sobre ter fé, ‘*tem que querer e querer*’, e essa é a melhor parte”. A partir do relato do aluno “J”, iremos apresentar dois *raps* *Tentando demarcar e Justiça*. A abordagem foi a mesma dos anteriores. Um a um, fomos apresentando os textos para leitura/discussão e impressões do texto. Em seguida, exibimos o vídeo no youtube²⁶ e depois debatemos o problema da demarcação de terras pelos povos *indígenas*. Vejamos um trecho do *rap* “Demarcando já”:

Minha família me apoia e também a minha aldeia/E os caras fica me zuando/Minha rima vai com tudo e os caras ficam mudo/Hoje eu sou um Kunumi Mc e agora estou aqui/Para fazer a minha rima/Os nossos manos é assim/ Sou da aldeia Kurukutu/Pode crer é isso aí...

Neste fragmento do *rap* observamos duas situações distintas, primeiro, o *rapper* conta com o apoio da família para continuar suas composições e segundo, a crítica que ele faz “aos caras” quando identifica: “eles ficam mudos”. Depois de anos de invisibilidade, observa-se, que ele resolve deixar aqueles que por ambições e cobiças conduziram-nos por séculos e agora estão surpresos com a atitude do indígena em não se calar diante das dificuldades.

Nessa discussão o aluno “P”, questionou: “Professora o índio é também um cidadão? Pensava que cidadão era quem morava na cidade”. A indagação alertou para o desconhecimento que o aluno tem sobre sua própria identidade condição básica de viver e estar no mundo. Para Hall (2003, p. 338-339):

É nesse cenário de disputa por ideias e sentidos, em meio a projetos homogeneizantes de cultura, que “a marginalidade” abre *brechas* em busca de formas de ganhar mais espaço na sociedade. Com as transformações resultantes do histórico de lutas e reivindicações em torno do direito à existência de “diferentes diferenças”, surgem novos sujeitos e são produzidas novas identidades em um fluxo marcado pelas “guerras de posição” no cenário cultural; enfrentamento entre setores dominantes e dominados que, sem sair do intrincado jogo de relações de poder, redefinem a cultura e alteram o equilíbrio da hegemonia cultural.

²⁵ Anexo nas páginas 125-126

²⁶ >https://www.youtube.com/watch?v=IS57jZVY-vM&list=RDIS57jZVY-M&start_radio=1&t=4&t=4&t=8
< acesso em 04 de maio 2019.

Validar sua condição de estar num mundo, ainda parece um processo bem complicado para alguns, principalmente, para adolescente que estão, conforme Hall (2003) “em transformação”. Afinal, este ser, está num cenário cultural que vive em constantes disputas por identidades e posições hierárquicas por isso sua instabilidade a respeito de sua real identidade – principalmente, naquela que constitui “ser um cidadão”. Cabe, então, ao processo escolar promover novas atitudes e modificar mentalidades. Para discutir mais sobre essas culturas dominantes no cenário cultural brasileiro, propusemos a análise escrita de algumas indagações para gerar material para um artigo de opinião. Então, foi lançado o seguinte questionamento: Pode-se afirmar que o *rap* é uma crítica ao sistema governamental vigente?²⁷ Explique.

Aluno “A”: Sim, pois o governo não ajuda eles.

Aluno “C”: Não, porque o *rap* ainda não é bem aceito pelo os povos

Aluno “D” Sim, pois os *raps* criticam pessoas brancas

Aluno “F”: Não, o *rap* é livre

Aluno “G”: Sim, pois com os novos governos, os direitos dos indígenas não estão sendo realizados

Aluno “H”: Sim, o *rap* fala sobre justiça ao qual o governo não faz

Aluno “I”: Sim, pois ele quer conquistar com a batalha no rap, protestando

Aluno “J”: Sim, pois no *rap* ele fala muito em demarcação(em justiça)

Aluno “K”: Sim, pois é uma forma de cada um de nós lutar

Aluno “M”: Sim, porque sim

Aluno “ P”: Não, ele fala do rap contando a vida dele.

Dentre os dezesseis alunos regularmente matriculados, neste dia só comparecerem treze, então dois deles deixaram a questão sem respostas. Esse vácuo, não anula as respostas que foram dadas pelos outros alunos cujas discussões são pertinentes para análise. Dentre os onze alunos que responderam, oito disseram “sim” para o questionamento que o *rap* é uma crítica ao sistema governamental vigente. Dentre as justificativas, estão: “O governo não ajuda eles”; “com os novos governos, os direitos dos indígenas não estão sendo realizados”; “pois é uma forma de cada um de nós lutarmos”. Ainda, a partir dessas respostas, podemos observar o perfil do aluno que presta um juízo de valor. Isso é construir suas alteridades, negociando sentidos e confrontando suas “opiniões” para dar continuidade ao discurso de enfrentamento social diante da coletividade.

²⁷ Apêndices páginas 137 a 139.

Na sequência perguntamos a eles a respeito da demarcação de terras indígenas, um dos temas apontado no *rap*, vejamos a indagação feita por escrito aos aprendizes: o texto tem como finalidade discutir as desigualdades praticadas com os povos indígenas entre elas a demarcação de terras, o que você entende por demarcação?²⁸

Aluno “A”: Demarcação pra mim é as terras, coisas sobre política.

Aluno “B”: Eu entendo que a demarcação de terras é para os índios ter um lugar que não desmatem.

Aluno “D”: É a garantia das terras para produção e moradia dos animais.

Aluno “E”: Demarcação é a segurança das terras para produção e morada dos animais.

Aluno “F”: É uma garantia das terras para a produção de moradias.

Aluno “G”: Demarcação é o direito em que os índios lutam para que tenham liberdade de viver em suas próprias terras.

Aluno “J”: É espaço, é lugar, é cultura, é direito. Demarcação luta diária para conquistar seu lugar.

Aluno “L”: Toma um pedaço de terra que não é sua.

Aluno “M”: Nada.

Aluno “N”: Demarcação é para garantir terras e moradias.

Aluno “O”: Reivindicar os seus direitos.

Aluno “Q”: Eu conheço pouco. Tenta ajudar seu povo na demarcação se suas terras.

As manifestações assinaladas pelos alunos sobre a demarcação mostramos que os apelos feitos pelo *rapper* foram bem apreendidos, apesar de alguns terem uma carga de ingenuidade (quando dois deles afirmam que a demarcação é a morada dos animais). Outros entenderam o eixo central do que é realmente a problemática da demarcação. Resolvemos, então, a partir desse contexto inserir o vídeo (também chamado de filme pela demonstração de imagens) com o título “Demarcação já”, letra de Carlos Renó e musicalizada por Chico César (2018).²⁹ Nela um grupo de pessoas cantam em forma de protesto a demarcação de terras indígenas. O hino (assim podemos chamá-lo) circula em todas as redes sociais e mostra o quanto essa campanha de defesa das terras indígenas é uma importante fonte de conscientização nacional. Observemos uma estrofe da canção:

Já que diversos povos vêm sendo atacados
Sem vir a ver a terra demarcada
A começar pela primeira no Brasil

²⁸ Apêndices páginas 137 a 139.

²⁹ RENÓ, Carlos. Demarcação já. Disponível em:

> <https://www.youtube.com/watch?v=wbMzdkaMsd0> < acesso dia 03 de maio de 2019

Que o branco invadiu já na chegada
 A do tupinambá
 Demarcação já!
 Demarcação já!

A forma multimodal que o vídeo apresenta os artistas contracenando com as imagens mostra a interação de reciprocidade existente entre os povos indígenas e os artistas que participaram da campanha em prol desses nativos. O emaranhado de significados é múltiplo e traz à tona o que Lemke (1998, p. 283) defende inserido em Pasquotte-Vieira (2012, p. 185):

Os significados das palavras e imagens lidas ou ouvidas, vistas como estáticas ou em movimento, são diferentes por causa dos contextos que aparecem – contextos que consistem significativamente em outros componentes de mídias. Significados em multimídias não são fixos e aditivos (o significado das palavras mais o significado da imagem, mais multiplicativos (o significado das palavras modificados pelo contexto-imagem, o significado da imagem modificado pelo contexto textual) formando um conjunto muito melhor do que a simples soma das partes.

O vídeo “Demarcação já” serve como apoio para ilustrar esses contextos de produções multimodais, porque fazem com que imagem e som funcionem contiguamente em diferentes processos de significação. As imagens resultam em diferentes produções multissemióticas e multiletradas, uma vez que ao longo da canção inserem-se os vários tipos de produções significativas como o contexto-imagem e o contexto-textual. As imagens e as letras se sobrepõem formando um conglomerado multimodal. Os aprendizes também observaram esse espaço de construção discursiva, como também coletivas e demonstraram nos relatos abaixo:

“Aluno “G”: Porque depois de tanto tempo de luta, viu que os índios sozinhos não conseguem”.

Aluno “J”: é uma luta coletiva pelos seus direitos com paz, harmonia, sem violência. É assim que eles agem.

Aluno “O”: porque o Kunumi sozinho não vai conseguir seus direitos.

Aluno “P”: para mostrar mais atitude, defender ou fazer uma luta em palavras.

Aluno “Q”: Aos poucos eles estão alcançando os objetivos que se propõem a fazer.

A escola como um espaço de ressignificações coletivas vai ao encontro de diálogos que favoreça a interculturalidade entre os povos. Por que só assim teremos

uma sociedade plural e significativa culturalmente para as próximas gerações. Para Pasquotte-Vieira (2012, p. 182):

As novas práticas sociais de letramento demandam interlocutores ainda mais críticos e conscientes dos processos discursivos de significação. Quando se trata de ser crítico no meio multimidiático, tem-se de necessariamente considerar e entender o “processo de convergência”, as tecnologias em fusão, hibridizadas, geram mudanças de sentidos, porque o texto escrito, ao manter interdependência com uma sequência de imagens estáticas ou dinâmicas e de sons, produz, nessa fusão, textos multimodais cujos sentidos não são aqueles estritamente elaborados pelo material linguístico, como é o caso da letra de uma canção.

Pensando nesse aluno crítico e aguçado a autora aponta acima, a possibilidade de promovermos uma atividade de caráter argumentativo na escrita que é o gênero artigo de opinião³⁰ para isso, trabalhamos a estrutura do gênero numa oficina de produção textual. Para que os alunos pudessem ter um direcionamento para escrevê-lo, eles, porém, já tinham uma informação muito boa a respeito desse gênero. Neste texto em prosa o aluno teria um posicionamento em relação à atual conjuntura, percebendo as atrocidades que afetam os povos indígenas, e com isso comprovar o poder que existe na argumentação através do viés do ativismo:

Aluno “A”: O povo indígena tem sofrido, são roubados, torturados e mortos. Não podemos deixar essa injustiça acontecer, devemos ser ativistas também nessa causa.

O aluno “B”: Precisamos ajudar aos povos indígenas a conquistar de uma vez o seu espaço. Vamos às ruas nos manifestarmos e mostrar que índio também é um cidadão com direitos.

O aluno “C”: Venha você também fazer sua parte. Índio é gente, não animal. Vamos fazer nossa parte, demarcando já.

O aluno “D” “medidas governamentais devem ser tomadas para, assim, abolir essa desigualdade que ronda os preceitos culturais e constitucionais, como, a proibição mais rígida às empresas e pessoas físicas que, tentem continuar invadindo as terras e agredindo os índios, deveria, também, implantar sistemas de monitoramento nas matas, para que a exploração florestal clandestina seja finalizada e regulamentada, garantindo, assim, à saúde da floresta e a segurança aos povos originais do Brasil.

O aluno E mostra: “Os nativos também são afetados pelo preconceito da sociedade e principalmente pelas constantes disputas territoriais pela demarcação entre os agricultores e indígenas. Com isso, os indígenas têm enormes dificuldades para sobreviver de acordo com seus costumes e cultura.

O aluno F, “a humanidade a cada dia está crescendo e se desenvolvendo de forma errada, ao invés de defendermos as origens como os índios, fazermo-nos de vítimas, enquanto tribos estão sendo atingidas por nossos preconceitos, lutamos apenas por nós e nossos direitos”.

³⁰ Apêndices nas páginas 137 até 139

A realização dessa proposta constatou que a metodologia aplicada pela sequência foi atingida nas condições de produções do gênero discursivo. O texto possibilitou aos alunos refletirem sobre as atuais circunstâncias dos povos indígenas o que gerou a oportunidade de interpretar e ressignificarem a literatura indígena, através da leitura e discussão dos *raps*.

5.4.4 Nunca desistir e Parei e pensei³¹

“Queremos harmonia, na mata bem vivida. Poesia, linda rima bela rima muda tudo, não me iludo, Nhanderu pra nós é tudo”. Estes versos estão inseridos na letra do *rap* “Nunca desistir”. Nele o *rapper* revitaliza suas forças, através de Nhanderu (Deus dos Guaranis). Isto é mais um apelo que o *rapper* faz entre tantos outros para demonstrar a fragilidade que se encontra os povos nativos.

Para inserir os últimos *raps* nas atividades, seguimos o mesmo esquema. Primeiro, apresentamos os textos em forma de poemas, após a leitura feita pelos alunos, começamos o debate sobre as afirmações feitas no texto. Em seguida, apresentamos o vídeo³² “Nunca desistir” para eles assistirem. No *rap* “Parei e pensei” mostramos o áudio do *rap*, mas inserimos também na sequência. Após a exibição dos textos e vídeos partimos para a discussão deles. Os alunos deram as primeiras impressões a respeito da temática que continua sendo a denúncia, através do *rap*, das disparidades existentes em relação aos nativos, vejamos:

Aluno “A”: O rap é usado para mostrar mais atitude, defender ou fazer uma ‘luta’ em palavras.

Aluno “C”: Mostra que está lutando pelo seu lar e que a família lhe apóia sua iniciativa de luta.

Aluno “E”: que o povo mostrasse o sofrimento e a sua luta contra as injustiças.

Aluno “F”: Eu apoiava eles por que tem pessoas tentando roubar as terras deles.

Aluno “G”: Que ele(Kunumi) continue rimando que ele vai conseguir.

Aluno “J”: O *rap* dele inspira outras pessoas a não desistir de seus objetivos.

Aluno “M”: Os índios deveriam ter seus direitos preservados, mas a ganância da população preconceituosa não colaboram.

³¹ Anexos nas páginas 124-125

³²><https://www.youtube.com/watch?v=IS57jZVY-vM> <acesso dia 03 de março 2019

Aluno “O”: Ele tem direito de lutar para conseguir seus direitos é algo justo para que eles se defendam.

A posição que o aluno ocupa em defesa dos direitos dos povos indígenas é visível. Eles adquiriram a disposição da alteridade uma vertente social que tem a capacidade de interagir (de se colocar no lugar do outro), ou seja, inverter o olhar e ver o outro da forma como ele necessita. Nesse contexto argumentativo, Gusmão (1999 pp. 44-45) questiona se “é possível o convívio das diferenças e da solidariedade intersocial de indivíduos, grupos, segmentos de grupos e de sociedades que não necessariamente se pensam em separado ou carregam consigo uma cultura própria e singular?” O autor busca responder seu próprio questionamento da seguinte forma:

Se no passado o outro era de fato diferente, distante e compunha uma realidade diversa daquela de meu mundo, hoje, o longe é perto e o outro é também um mesmo, uma imagem do eu invertida no espelho, capaz de confundir certezas pois, não se trata mais de outros povos, outras línguas, outros costumes. O outro hoje é próximo e familiar, mas não necessariamente é nosso conhecido. O desafio da alteridade é assim, mais contundente agora do que no passado, em que a imposição pela força era suficiente para definir hierarquias e papéis, subjugando em nome de princípios científicos, morais e religiosos.

Nessa linha de pensamento, o autor nos faz compreender o fato de seres distintos e ter que conviver com essas peculiaridades de etnias e culturas, afinal nem todos vivem da mesma forma, nem comem do mesmo jeito, nem vestem, nem andam, muito menos falam da mesma forma, finalmente nem tudo é homogêneo. Entretanto, precisamos aprender a conviver nesse entrelaçamento intersocial enquanto sujeitos. O outro está próximo demais para ser excluído, o outro é nossa imagem invertida, conforme a estudiosa.

Na sequência da leitura dos *raps*, abrimos espaços para a sessão denominada intervalo de leitura (proposta por Cosson, 2016). Esse “entremeio” literário faz com que os aprendizes possam reforçar seus anseios e fortificar seus argumentos a respeito da leitura feita anteriormente. A proposta foi baseada na empatia que o cantor de *rapper Criolo* (Kleber Cavalcante Gomes) tem pelos povos indígenas, visto que sensibilizado pelo apelo do *Kunumi Mc*, resolveu compor e cantar uma música com o nativo.

A música é “Demarcação já, *terra, ar, mar*” composta pela Matilha Cultural, Criolo, Kunumi Mc (Werá Jeguaka Mirim), inserida no álbum *Mixtape Matilha, Vol.2*,

2019³³ a qual retrata uma realidade vivenciada pelos nativos, vejamos um trecho do *rap*:

Sem armas de fogo pra cantar,/ só palavras de fogo pra rimar./O coração dói,/ só quem sabe sente,/ na DEMARCAÇÃO das terras a morte de um parente./Parelheiros Zona Sul [...], Guarani da Aldeia Krukutu passa uma visão./Wera, com crioulo vai cantar,/ pra fazer a defesa,/ eu sei vai cansar,/ mas tenho que lutar./Demarcação já,/para o meu povo se libertar./Sei que nunca vou desistir./Os moleques da aldeia todos estão aqui,/ precisam se alimentar,/ brincar,/ correr,/amar,/ nadar./ Não foi eu que fiz assim./Eu sou feito de amor,/hoje eu posso sorrir,/ meu povo não quer a dor./ Árvores lagos,/ família raiz,/ antepassados.

Depois da análise da canção, exibimos o vídeo no youtube. O vídeo inicia com o nativo Werá Jeguaka Mirim conversando com o rapper Criolo. Nesse vídeo, ambos conversam sobre a causa indígena e suas consequências, por isso resolveram unir as forças e fazerem o *rap*. A letra demonstra o quanto é preciso denunciar as arbitrariedades existentes nesta etnia, mais deixa bem nítido que a “arma” deles será a palavra, apesar de assistirem cotidianamente a morte de parentes lutando pela causa indígena. Os cantores afirmam: “Eu sou feito de amor, hoje eu posso sorrir, meu povo não quer a dor”. Essa empatia é definida por Gusmão (1994, p.45) como:

As relações sociais ao serem vividas imprimem ao olhar e a percepção de cada um de nós, esquemas de valores que norteiam as ações e atitudes de uns sobre os outros. No entanto, entre a percepção e a ação, incorre a mediação do contexto histórico e circunstante, de forma a estabelecer significados consoantes a vida vivida e ao que se acredita fazer parte dela. Nesse caso, a cultura opera como rede simbólica que toma por base a experiência humana vivenciada, experimentada, concebida.

A visão presente no *rap* “Demarcação já, *terra, ar, mar*” representa uma relação de hombridade por parte do rapper Criolo juntamente com o Kunumi MC, já que ambos estão unidos numa tentativa de denunciar as ações e atitudes que acontecem cotidianamente com os povos nativos. É uma situação que causa comoção, pois não teríamos equidade se os nativos perdessem seus direitos territoriais de verdadeiros donos da terra, por isso a junção dos *rappers* Criolo e Kunumi Mc nessa luta por direitos.

³³Matilha cultural, crioulo e Kunumi MC. Demarcação já, *terra, ar, mar* .Licenciado para youtube por Erpm (em nome de Matilha cultural). ><https://www.youtube.com/watch?v=fNSMq9TORw4><

A partir desse conceito de equidade, solicitamos aos alunos que eles também criassem seus *raps*³⁴ em torno dessa proposta de igualdade de direito. Para isso, fizemos uma oficina de rimas com a participação da professora de artes Thaíses Dutra e solicitamos aos alunos o uso dos valores adquiridos na leitura como: senso de justiça, respeito, integridade e os conhecimentos que obtiveram sobre os povos indígenas na criação do *rap*, como uma forma de apoio, assim como o rapper Criolo fizeram aos povos indígenas. A partir daí, selecionamos alguns deles para apresentá-los aqui, vejamos o texto do aluno “I” e seu entrelaçamento com a causa indígena:

Por que não demarcar?
 Por que não demarcar?
 Vamos lutar com os índios
 Para que as terras eles possam conquistar.
 O homem já trabalha
 O homem já tem tudo
 Mas ainda, sim, ele quer ganhar o mundo
 Eles lutam, eles sofrem, eles não têm direitos
 O governo tem que ver que nos branco é que tá o defeito
 Por que não demarcar?
 Por que não demarcar?
 Se nós tem a vida feita a gente pode ajudar
 Eles vão pra a rua, eles não tem “voz”
 Mas se nós não faz nada,
 O culpado é nós!
 O governo não ajuda,
 O governo não se importa
 Mesmo que os índios fiquem a bater na porta
 Por que não demarcar (2x)
 Tudo que eles querem é ar puro, respirar

O aluno demonstra uma grande sagacidade em relação aos povos indígenas já nos primeiros versos “Por que não demarcar?” A interrogativa alerta o quanto os povos indígenas estão sendo prejudicados pela falta de seu espaço. Em seguida, o aluno mostra os vilões dessa negação “é nos brancos que tá o defeito” e justifica, “se nós temos a vida feita a gente pode ajudar” e critica “o governo não ajuda, o governo não se importa”. Além disso, ainda inserido na letra, pode-se observar que o aluno reconhece o valor do indígena “eles lutam, eles sofrem, eles não têm direitos” para no final da letra retomar “tudo o que eles querem é ar puro respirar”. Essa reflexão final mostra o quanto o aluno está engajado no combate das mazelas que afeta a população indígena e com um pensamento crítico dentro do letramento literário que segundo Rojo (2012, p. 8) compõe-se de uma série de fatores que,

³⁴ Apêndices páginas 142 até 145

Caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático - que envolva agência – de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos.

Para a autora o letramento literário implica a imersão e o reconhecimento da vivência do aluno com os diversos tipos de textos ao seu redor, deixamos um tipo engessado de aprendizagem e transpomos para um modelo textual que pode ser questionado e dialogado. Afinal os textos agora existem na perspectiva da “interação, colaboração” além de serem “híbridos e fronteiriços”, conforme Rojo (2012).

Selecionamos o segundo *rap* dos aprendizes que também possui muitas características do anterior. Foi construído numa perspectiva lúdica, mas inteiramente crítica³⁵. O aluno “G” dispôs uma escrita em que o estudante passa a ser autônomo na sua aprendizagem, sendo ele o próprio construtor de sentido, conforme podemos observar no *rap* abaixo:

Vamos acordar!
 Vamos acordar!
 Os índios estão se acabando
 E não têm mais lar
 E os brancos,
 Os juruás estão bagunçando suas coisas
 Vamos demarcar!
 Vamos demarcar!
 Esses guerreiros em luta, sofrendo, chorando
 Vamos ajudar(2x)
 Vamos sair para batalhas
 Vamos ajudar(2x)
 Continuando a demarcar.

Vamos orar para Nhanduru os salvar
 Cadê essa Pátria amada, idolatrada
 Mas não amada por seus filhos e fiéis.
 Cara, 5% das terras brasileiras
 Vocês ainda estão negando
 Mano, está com a cabeça onde?
 Nossos antecedentes
 Precisam de mais espaços para cuidar dessa terra
 É bom para animais
 Mais medicinas funcionais.
 Vamos ajudar (2x)
 Vamos sair para batalhar
 Vamos ajudar (2x) continuando a demarcar.
 A família unida e a nossa multidão

³⁵ Apresentamos o texto do aluno na íntegra a informalidade presente nele (apesar de ser mostrado a eles) não era este o foco da pesquisa a análise lingüística, mas o letramento literário.

Vamos comemorar a vitória para demarcar
E ganhar com a glória.

O *rap* ao ser escrito pelo aprendiz mostra a desenvoltura multiletrada dele, pois ao longo do texto apresenta uma visão contemporânea das populações indígenas. Quando destaca no terceiro verso “Os juruás estão bagunçando suas coisas”. O aluno utiliza-se de um nome dado aos brancos pelos povos indígenas - juruás – para mostrar o quanto existe uma diferença cultural e de alteridade entre essas etnias. O texto ainda faz menção ao Deus “Vamos orar para Nhanderu os salvar”, o que mostra a compreensão dele em apontar palavras da língua indígena para fazer a apreensão de sentidos no texto. Ainda nesse texto temos a presença da intertextualidade com o Hino Nacional brasileiro: “Cadê essa Pátria amada, idolatrada”, ou seja, questiona aonde estão os povos que prometeram venerar os elementos nacionais?

Ainda, no texto, utiliza a presença de dois vocativos informais para alertar os governantes sobre a causa indígena, o primeiro é “Cara” o segundo é “mano”. Ambos fazendo a interlocução para o chamamento do problema indígena e sua demarcação de terras. Para finalizar o *rap*, o aluno faz um convite coletivo para apoiar os indígenas no verso “Vamos sair para batalhar”, e finaliza “Vamos comemorar a vitória para demarcar e ganhar com a glória”. Esse convite coletivo mostra o quanto o aluno tem consciência do problema e convoca agentes para a união em torno dos problemas que afetam a comunidade indígena.

Ainda na demonstração de *raps* escrito pelos alunos, temos o terceiro e último que apresentaremos aqui por motivo da temática ser muito semelhante aos anteriores. Este aluno “J”, no entanto, fez numa perspectiva diferente, pois no próprio texto esse estudante expressou o desejo dele em ter contato com os indígenas.

Nossa turma vai viajar
Vamos conhecer as tribos

Vai ser ótimo conhecer índios
Conhecer suas falas por lá
Vamos aprender como eles vive lá.
Vê os seus costumes também lá
Junto com meus colegas
E com os gerentes da minha escola

Acho que a viagem vai ser bom demais

Quando a gente chegar lá, vamos aprender
Como os índios vivem lá
Deve ser incrível conhecer um índio
Com nossa turma vai ser espetacular

As expressões usadas pelo aluno no *rap* mostram o quanto ele tem interesse de conhecer a cultura indígena “Vamos conhecer as tribos, vai ser ótimo conhecer índios, conhecer suas falas”. A empolgação dele é visível diante do evento. Ainda menciona no texto o desejo de partilhar essa experiência com a equipe como pode ser observado no seguinte verso “Com nossa turma vai ser espetacular”. O aprendiz, ainda no texto manifesta o interesse pela aprendizagem “Quando a gente chegar lá vamos aprender como os índios vivem lá”.

Educar, nessa perspectiva, é democrático e configura-se em um processo amplo de construção de saberes. Enquanto o aluno está na expectativa da aprendizagem, o professor, intencionalmente, desenvolve estratégias necessárias para que esse estímulo aumente, afinal, o processo educativo é uma via de mão e contramão. Para Edwards (2003, p. 32):

A forma de conhecimento e a relação com ele também é constituída pelos alunos no desenrolar da lição; a maneira como estes pedem ou dão pistas ao professor para poder ter acesso ao conhecimento às vezes muda a lógica de ensino do professor, e com isso a forma de relação com o conhecimento. Nesse sentido o sujeito aluno constrói a situação escolar também em relação com os conhecimentos. Os conhecimentos escolares que se transmitem e se constroem na escola se imbricam com a heterogênea e complexa produção de conhecimento que, de outra lógica (entre colegas), as crianças constroem na escola.

Nessa perspectiva que o sujeito também é coprodutor do seu conhecimento, percebemos o quanto a escola precisa criar suas estratégias para oferecer aos alunos um suporte maior na aprendizagem. Conforme Tacca (2006, p. 48) o aluno “se orienta para a relação social que passa a ser uma condição para aprendizagem, pois só ela dá possibilidade de conhecer o pensar do outro e inferir nele”. O aluno aprende nessa via de mão dupla, de informações trocadas e vivenciadas. Esses processos incluem agentes, estratégias, linguagens, enfim, uma diversidade de aparatos que constituem o processo de aprendizagem.

5.5 ETAPA 6: KUNUMI GUARANI (2014) LIVRO INFANTO-JUVENIL ESCRITO POR WERÁ JEGUAKA MIRIM

A leitura do livro Kunumi Guarani (2014), de Werá Jeguaka Mirim, composto de 24 páginas deu-se em sala de aula lida pelo aluno “G” em voz alta para o restante do grupo. O aluno fez a leitura com em voz alta e empolgou muito a equipe. A partir da leitura, fomos para uma segunda leitura, agora, no slide. Acompanhamos página por página com as devidas ilustrações. O intuito dessa leitura era conduzir um texto em prosa para a apresentação dos alunos como agentes multiplicadores de leitura, bem como apresentar o cotidiano de um “curumim” em seu habitat natural. O livro foi escrito pelo indígena com a idade de 9 anos e narra o dia a dia de uma criança na sua aldeia Kurukutu, em Paralheiros-São Paulo. Foi um momento de plena consciência em que o grupo pôde comparar a sua rotina com a de um indígena. Houve muitas comparações entre o fazer de um indígena-mirim e o fazer deles, daí chegaram a conclusão que ambos têm obrigações e lazeres semelhantes. O texto é escrito numa linguagem dinâmica na qual o leitor chega a vivenciar o dia a dia de uma tribo literalmente. Para Coelho (2000, p. 157) as obras focam o “convívio humano com ênfase nas relações afetivas, sentimentais ou humanísticas”, conforme Coelho (2000). Sendo assim, ao ofertar literatura aos jovens, deixamos que o aluno se descobrisse e percebesse que alegrias e aflições fazem parte do cotidiano de todos, seja na ficção ou na realidade.

5.6 ETAPA 7 - PRIMEIRA INTERPRETAÇÃO

A função dessa etapa é sensibilizar o leitor para a apreensão do sentido geral do texto. Segundo Cosson (2016) “tem um caráter de fechamento de uma etapa”. A importância dessa fase conduz o leitor a buscar respostas ao lido anteriormente, conforme Cosson (2016, p. 84):

Ela deve ser vista, por alunos e professor, como o momento de resposta à obra, o momento em que, tendo sido concluída a leitura física, o leitor sente a necessidade de dizer algo a respeito do que leu, de expressar o que sentiu em relação as personagens e àquele mundo feito de papel. A disponibilidade de uma aula para essa atividade sinaliza para o aluno, a importância que sua leitura individual tem dentro do processo de letramento literário.

A importância dessas “paradas” interpretativas foi muito significativa para os alunos que vivenciaram as práticas estudadas e comentadas em sala de aula. Nesse processo, a representação cívica, através do desfile do dia 07 de setembro, (aqui na cidade, esse dia constitui um evento no calendário) os alunos se apropriaram de informações, conceitos e conhecimentos infundados para sua formação intelectual. Esse evento que estava inserido no projeto foi também muito planejado pela equipe escolar. Os aprendizes, agora, com mais informações sobre esses povos, discutiam e elaboravam estratégias como apresentar o tema para a sociedade. Os estudantes junto com a equipe escolar confeccionaram faixas, placas, cartazes, bandeiras, bem como objetos como oca, plantas e um *smartphone* gigante com a foto do *rapper Kunumi Mc* para ser exibido nas ruas da cidade de Equador-RN. Foi um momento singular para toda comunidade escolar, nele, tivemos o seguinte roteiro lido em locução diante das autoridades municipais, famílias e convidados presentes que foram prestigiar o evento. O roteiro cumpre as estratégias a seguir:

- A escola estadual Dom Manoel Tavares de Araújo traz para o desfile o capítulo "Nativos do Brasil: do arco e flecha ao smartphone"
- O primeiro pelotão traz os "Donos da terra", os primeiros habitantes do Brasil, nossos ancestrais.
 - Na sequência, o pelotão da miscigenação, da mistura das etnias que formam o povo brasileiro: índios, negros e brancos, que deram origem a mulatos, caboclos e cafuzos.
 - A modernidade invadiu as aldeias do Brasil e o índio chegou aos centros urbanos: o 3º pelotão apresenta a etnogênese, a integração do indígena à cultura da cidade. “Índio não vira homem branco, índio moderno continua índio”.
 - Encerrando a participação da escola, o pelotão das Leis e Políticas de preservação dos povos e culturas indígenas, como a criação da reserva Parque do Xingu, em 1961, da Fundação Nacional do Índio, em 1967, e a lei 11.645/2008, que determina o estudo da temática indígena no currículo escolar.

Todos os pelotões eram caracterizados e alguns dramatizados nas ruas da cidade. Foi muito gratificante abranger o conteúdo exposto em sala de aula através da vivência que a escola proporcionou aos alunos. O momento enriqueceu os nossos encontros, visto que os alunos eram abordados e questionados sobre aquela temática e isso demandou reflexões críticas, construindo, assim, sentidos tanto singulares quanto coletivos acerca das questões que envolvem os indígenas.

Dessa forma, democratizar o saber proporcionou o encontro de discursos múltiplos entre os aprendizes que ampliaram a visão de etnias na formação do povo brasileiro.

5.7 ETAPA 8 - CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

5.7.1 O caminho do índio é o percurso das águas

Os alunos, desde o início da pesquisa, sempre manifestavam o desejo de conhecer os povos indígenas. Então, surgiu a necessidade de contextualizar historicamente a presença dos nativos no espaço que eles vivem. Como a região geográfica deles é o Seridó do Estado do Rio Grande do Norte (280 km da capital Natal) divisa com o estado da Paraíba, eles não tinham acesso a nenhuma comunidade indígena. E muitos dos aprendizes não acreditavam na existência desses povos. Ainda, vale deixar registrado, aqui que o Seridó abrange uma área da Mesorregião da Borborema, Microrregião do Seridó Ocidental Paraibano – antiga Santa Luzia do Sabugy. Além da Bacia Piranhas-Açu - Referencial para os portugueses chegarem à região

Nesse impasse do ponto de vista geográfico o índio está distante da nossa região, porém do ponto de vista histórico o contingente indígena dos primórdios da formação do nosso povo é inegável. Nesse âmbito, a professora de história Ana Lêda Moraes tinha conhecimento de um colega/historiador que construiu seu texto monográfico numa abordagem que mostrava a passagem dos indígenas pela região do Seridó/Sabugy cujo título “Os indígenas do Sabugy no período do pós-contato”, de autoria de Rommeryto Augusto Oliveira de Moraes³⁶. E o pesquisador comprovou a existências da etnia Tarairiús nesse espaço, através de sua pesquisa monográfica. Ao receber o convite, prontamente atendeu-nos e veio mostrar aos alunos a passagem desses povos pela Região. A contextualização fazia-se necessário, a abordagem histórica precisava ser vivenciada pelos educandos a partir da temática como imperialismo, colonização previamente planejada para que o evento pudesse realizar-se. A palestra teve uma duração de quatro aulas. A estreita relação teórico-prática vinculada à aprendizagem significativa despertou nos docentes e discentes

³⁶OLIVEIRA, Rommeryto Augusto. Os indígenas do Sabugy no período do pós-contato. >http://200.129.73.148/bc/component/option,com_chronocontact/chronoformname,trabalhoacademic/ <

do educandário um momento de relevância inquestionável que foi (na perspectiva dos participantes) avaliada como um evento ímpar na vida estudantil da turma envolvida. O pesquisador fez adaptação no tema a partir do convite feito pela professora de história e da necessidade dos alunos não terem proximidade com os nativos. A justificativa por esse tipo de atividade denominada como *evento* é defendida por Melo Neto (2001, p.56):

O bom evento é algo inusitado, inovador e desafiante. Uma oportunidade de vivenciar algo realmente diferente, pois somente desta forma o público vai dele participar. É uma promessa de entretenimento e lazer, uma expectativa de sucesso, uma certeza de vivências emotiva. O público, ao participar de um evento, busca distração, sucesso, emoção, beleza e novidade.

Por possuir características de uma inovação no âmbito escolar o evento/palestra traz para o aluno um novo canal de informações. Apesar de ser um evento apresentado no próprio ambiente de sala de aula é inovador por trazer até os aprendizes elementos que ainda não são de conhecimento do universo deles, entretanto, os aprendizes possuem interesse pelos dados. Ao anunciar a palestra o aluno criou expectativas sobre o acontecimento, pois iria satisfazer as suas necessidades informacionais a respeito da “passagem” dos nativos por sua região.

O Mediador iniciou com o tema: “Os indígenas do Sabugy/Seridó após o encontro com os europeus” e expôs o vídeo³⁷ “Todo dia era dia de índio” (letra de Jorge Bem Jor) cantado pela cantora Baby Consuelo. Após a exibição do vídeo ele perguntou se os aprendizes conheciam a música, alguns disseram sim, outros disseram que não. Ele apresentou a letra da música em slides para melhor apresentar a verdadeira face dos nativos representados na letra da canção. No terceiro slides, surgiu a seguinte indagação: “Como vocês acham que os nativos gostam de ser chamados de Indígenas ou de índios”? Os alunos foram alternando entre uma nomenclatura ou outra. Ele disse que não diria a resposta, mas ela viria em forma de vídeo³⁸ cedido pelo próprio nativo Daniel Munduruku – escritor de literatura nativa. O escritor faz os alunos entenderem que o nome “Índio” é tratado no sentido pejorativo. A sociedade costuma utilizar essa expressão no sentido do estereótipo, do apelido e questiona (ser apelidado é bom?). Então, quando alguém

³⁷ JOR, Jorge Bem. Todo dia era dia de índio. Disponível em:

><https://www.youtube.com/watch?v=XiehTd28P7E><acesso no dia 07 de agosto de 2019

³⁸ ><https://www.youtube.com/watch?v=s39FxFY3JziE><acesso no dia 07 de agosto de 2019

chama o índio assim, conforme o escritor é com desdém. O que provoca certa inquietação na plateia. O termo pejorativo que é retratado uma população, nação ou mesmo uma cultura torna o outro mero objeto, perde-se sua identidade, sua essência. Para Gusmão (1999, p. 44):

Em primeiro lugar, em qualquer parte do mundo, os povos indígenas são Sioux, Crow, Kamayur-, Xokleng, guarani, Avá e outros, mas não são índios, categoria inventada pelos brancos para, desrespeitando a especificidade de cada grupo, colocá-los todos, “no mesmo saco”. – “Indiozinhos, Sioux ou Crow” isto é, tanto faz, são índios - para os brancos. Desconsidera-se aí, o que são de fato e o que pensam sobre si mesmos como componentes de uma história singular de grupo que tem suas próprias marcas, portadoras de significados, sentidos e visão de mundo, únicos porque são seu. Chamá-los de índios indistintamente é negar-lhes o que de mais interior os habita e que dizem deles por aquilo que são: kamayurá, Ticuna, Xavantes, etc.. Da mesma forma, ao termo pequeno esquimó, nome este, também forjado pelo branco dominador, o povo do ártico retruca: “não somos esquimós, somos Inuits”, que quer dizer “homens verdadeiros”. Esquimó, portanto, nada significa. Certamente, os turcos não são simplesmente turcos e, não se pode afirmar que exista um único modo de se ser japonês.

Conforme os direcionamentos de Gusmão, assumir a identidade: “Quem sou eu? Traz ao individuo uma visão etnocêntrica de mundo. Foi esse panorama em que a diferença não tem espaço que o palestrante mostrou aos discentes à diferença entre indígenas e índios. Os aprendizes também captaram bem esse conceito, conforme pode ser observado nos textos que foram solicitados em forma de artigo de opinião³⁹, já solicitado em outra atividade anterior do projeto, vejamos abaixo:

Aluno “D”: “Muitos acreditam que índios e indígenas são palavras sinônimas, mas poucos sabem que a palavra índio não existe que essa palavra é o apelido que colocaram nesses povos”.

Aluno “G”: índio é um apelido que os portugueses colocaram em tribos de nome Tupi, Guarani Kawoiá, Munduruku, Kaiapós Tapuias.

Aluno “I”: Quando os portugueses chegaram, eles pensavam que tinha chegado às índias – Oriente. Daí eles deram de cara com os indígenas.

Aluno “Q” Os indígenas não gostam que chamem eles assim, eles acham que estão xingando eles.

A partir daí o historiador e palestrante, depois de sensibilizar os ouvintes, entra na parte teórica do seu texto sobre a passagem dos indígenas nessas terras seridoenses e sabujienses. Mostrou aos discentes como surgiu a pesquisa, baseada em que hipóteses e questionou: Antes da colonização portuguesa no Sabugy, havia povos indígenas habitando aquela região? Sim, os Tarairiús. E provou sua hipótese

³⁹ Apêndice pág. 140-141

através de fontes cartoriais, bibliográficas, orais e arqueológicas sobre a passagem desses nativos nessa região. Segundo Moraes (2011, p. 18):

O que é importante aqui anotar é que há datações na Paraíba, do município de Vieirópolis, que chegam há 7,6 mil anos A.P., de pesquisas realizadas a partir de escavações feitas. Isso nos assegura afirmar que, essa já é uma prova científica contundente para atestarmos a ocupação da Paraíba pelos grupos humanos indígenas.

Através do discurso, o orador apresenta e convence os aprendizes da passagem desses nativos nesse espaço geográfico. Um dado importantíssimo para provar a existência deles são os sítios arqueológicos existente na região. Outro indício, conforme o palestrante seria as águas já que “o caminho dos índios é a água”, onde houver água haverá tribos indígenas. Veja o relato do aluno “C”: “Os indígenas iam atrás de água para sobreviver na seca [...] eles tiravam água da cacimba para beber, sem água, eles partiam da região”. A respeito dos sítios arqueológicos: o aluno “F” relatou: “É inacreditável que em pleno século XXI os sítios rupestres não são valorizados. [...] Os sítios rupestres representam uma hereditariedade histórica para novas gerações”. Para Moraes (2011, p.29) os sítios arqueológicos são fontes seguras da existência de outros habitantes na região, por isso ele é fonte de tantas pesquisas. Segundo Moraes,

A atração dos pesquisadores por sítios arqueológicos rupestres não é recente, e sim a forma mais comum, desde o início do século XX, de buscar estudar os grafismos registrados em painéis rochosos como também seus autores, o que já resultou numa imensidão de hipóteses levantadas, embora sejam aceitos, pela maioria dos historiadores, arqueólogos, antropólogos, geógrafos e geólogos como sendo os indígenas aqueles que fizeram tais inscrições gravadas ou pintadas.

Além da curiosidade social por esses espaços, podemos parar para pensar neles como sinais concretos de que outro povo habitava ali. A maior prova disso é que hoje em dia ninguém grafa mais em pedras, até por que os avanços na escrita são infindos. Como esse grupo não dispunha desse aparato na escrita, grafavam em pedras, hoje, conhecida como Pinturas (vejam a simbologia representada no nome). Pintura, hoje, representa uma obra de arte. Então os sítios arqueológicos se transformaram nelas. E muitos desses ambientes são de acesso dos nossos alunos por conviverem neles. Para Moraes (2011, p.91):

Reiteramos que as fronteiras que se delinearão nessa região Seridó/Sabugy, além de terem sido motivo de discussão só na

administração do Império do Brasil (1831) pelas indefinições de território, foi também uma região onde os indígenas não seguiram os padrões estabelecidos pela futura divisão e delimitação de fronteiras, algo já visto no mapa de José Elias Borges. Anotamos de tal modo, baseado no mapa, que estas inscrições são de autoria dos tarairiús, nação habitante da região em voga.

De acordo com o pesquisador os Tarairiús habitavam essas terras e cultivavam a abóbora, a batata-doce, o milho e outros alimentos que resistisse a estiagem. Recentemente foram encontrados vestígios que prova a existência desses povos na região uma delas é a presença de um machado de pedra afiado. Além disso, alguns moradores, na atualidade, contam a história da cabocla brava que foi “pega a dente de cachorro”. (MORAIS 2011, p. 97). Expressão popular na região cujo significado é uma pessoa domada e subjugada.

A expressão causou muito alvoroço na sala por que alguns alunos conheciam a expressão e relataram conforme o aluno “K” “Portugueses que passaram anos sem ver mulher, sem contato corporal, quando avistaram as índias pegaram elas ‘a dente de cachorro e a casco de cavalo’, obrigando-a casar-se com eles e terem filhos” na atividade cotidiana dos alunos, talvez seja ingênua assim essa expressão popular.

Para finalizar o historiador mostrou o quanto de nossos sobrenomes tem origem indígena. E quanto dos nossos hábitos e costumes diários tem origem indígena, tais como: provar farinha com as pontas dos dedos, fazer “lambedor” no fogo de lenha, balançar de rede, entre outros. Conforme Moraes (2011, p.97):

Temos ainda de perceber que há práticas culturais muito arraigadas no interior, inclusive no Sabugy, onde aparecem os traços indígenas no cotidiano. [...] Como não rememorar os/as senhores/as que, mesmo na cidade, sentam nas calçadas e fumam no seu cachimbo de barro, ou resolvem sentar sobre os calcanhares, de cócoras e passam muito tempo sem reclamar da posição. Pensar nos muito trejeitos para serem realizados pelo pai e pela mãe, das viagens às casas das rezadeiras para que benzam seus filhos dos maus-olhados usando ramos, pedras e água. Como tudo isso me faz lembrar a infância, e como tudo isso faz agora sentido ao estudar os indígenas que viveram onde eu nasci no Sabugy.

As inferências dos alunos foram relevantes após essa exposição. Vejamos:

Aluno “A”: Nossos hábitos foram herdados dos povos indígenas, como os chás que tomamos que vieram deles, sendo assim somos todos descendentes de índios.

Aluno “F”: Vamos deixar de excluir quem mais ajudou, quem mais lutou por nossas terras, quem mais valoriza nosso ambiente...

Aluno “H”: Surgiram novas famílias com nomes diferentes, com essa miscigenação se formou a nação brasileira.

Aluno “P”: Enquanto cidadãos⁴⁰, nós trazemos alguns costumes deles no dia-a-dia como tomar chá, beber água de cacimba.

Aluno “Q”: Através de uma palestra de um historiador o professor Rommeryto explicou que existia índio na nossa região anos atrás, dando assim, origem a nossa existência. [...] o professor também explicou e citou como os índios migravam. Eles viviam em uma determinada região e seguiam os rios.

A partir da contribuição intelectual cedida pelo palestrante, voltamos a atenção aos alunos e pedimos que avaliassem o conteúdo exposto em apenas uma palavra. A partir dessa atividade, saíram vocábulos do tipo: fantástico, extraordinário, exuberante, necessário, importante, perfeito, legal, interessante, indispensável, curioso, entre outros. O que reforça ser um dos melhores percursos para o crescimento intelectual dos aprendizes ainda está pelos vieses educativo, participativo e integrado. Os adolescentes sentiram-se interligados na temática devido à aproximação do tema com a região que eles habitam, afinal, houve, sim, indígenas no Seridó/Sabugy.

5.8 ETAPA 9: SEGUNDA INTERPRETAÇÃO

Após o processo de leitura e discussão dos textos em sala de aula, da primeira interpretação com o desfile cívico e da contextualização histórica, iniciamos a etapa da segunda interpretação dos textos. A partir daqui os alunos eram os agentes multiplicadores da leitura, eram os protagonistas já que eles teriam que conduzir a apresentação dos textos da literatura indígena em sala de aula. Primeiramente, dividimos a turma em grupos de quatro alunos, o que sucessivamente, formaram-se quatro grupos de quatro, uma vez que a turma é composta de 16 alunos. Os grupos foram incentivados a escolherem salas de aulas de outras séries e de outras instituições para que fossem multiplicadores dessa literatura. Nada foi imposto nessa atividade (inclusive faltaram dois alunos nessas apresentações: o primeiro por indisposição (gravidez) e o outro por admitir não ter “coragem” para enfrentar os alunos).

Eles prontamente escolheram seus respectivos espaços para apresentarem-se. Entre os grupos, três preferiram retornar a sua escola de origem (em que

⁴⁰ O termo cidadão aqui foi retomado pelo aluno que no início da análise do rap ‘tentando demarcar’, perguntou se cidadão não era só quem morava em cidades?

estudaram o fundamental I – Escola Municipal Jessé Freire da cidade de Equador-RN) e apenas um grupo optou por fazer a apresentação/interpretação da leitura na única Escola Estadual de Ensino Médio professora Isabel Ferreira da cidade. Após essa divisão/escolha feita pelos aprendizes, enviamos uma solicitação para os gestores em forma de requerimento⁴¹ o qual obteve uma grande receptividade por parte deles e dos coordenadores e professores das instituições para a apresentação deles na instituição escolar.

A base para a apresentação deles em sala de aula foi a sequência básica proposta por Cosson (2016) de forma adaptada, visto que os alunos teriam uma disponibilidade de tempo (duas horas/aula) para demonstrar o procedimento proposto na sequência: motivação, introdução, leitura e interpretação. Os aprendizes estavam cientes que boa parte dessa apresentação teria um registro fílmico para futuras transcrições. Para expor (transcrever) o comentário desses alunos tanto dos agentes multiplicadores como ouvintes (receptores da literatura) das apresentações e não confundi-los com os alunos multiplicadores utilizamos o nome “Estudante” (representado pela letra E, maiúscula) e um numeral (E1, E2, sucessivamente). Preparamos o plano de aula⁴² (o plano foi entregue aos coordenadores caso fosse necessário alguma adaptação, entretanto não foi modificado pelas equipes) e organizamos as apresentações. Todas elas foram acompanhadas pela professora pesquisadora e pelos professores que ministram aulas nessas turmas. Algumas apresentações tiveram a participação das gestoras e coordenadores das instituições. Fizemos ensaios da aula e estruturamos a exposição. Por isso, organizamos as mesmas etapas para cada grupo, independente da faixa etária de alunos e níveis de instituições, que assim ficou distribuída:

- Motivação e introdução (apresentação do vídeo no youtube⁴³ da questão indígena no Brasil e apresentação do autor Werá Jeguaká Mirim);
- Leitura do livro “Kunumi Guarani” (2014) e o *rap* Guarani Kawoiá, ambos de Werá Jeguaka Mirim;
- Interpretação;

5.8.1. Primeiro grupo de interpretação da literatura indígena – sequência I

⁴¹ Apêndice na página 128

⁴² Apêndice nas páginas 129-130

⁴³ [youtube.com/watch?v=0NzrTPZwLdw](https://www.youtube.com/watch?v=0NzrTPZwLdw) >acesso no dia 17 de setembro, as 13h15<

A primeira turma foi composta por quatro alunas, no dia escolhido, faltou uma delas por estar grávida (estava indisposta), entretanto as alunas A, B e C se apresentaram a uma turma do 2º ano do ensino médio (Escola Professora Isabel Ferreira) com aproximadamente 30 alunos. A justificativa dos estudantes pela escolha da instituição foi que eles seriam alunos dessa escola no ano seguinte, no ensino médio. A aluna “C” pela timidez ficou com a parte das multimídias (*Datashow* e filmagem). Foi iniciada a atividade de apresentação do tema, juntamente com o vídeo motivacional⁴⁴ em seguida, apresentamos o autor Werá Jeguaka Mirim e partimos para a leitura do livro “Kunumi Guarani”(2014) feita ininterruptamente com o conteúdo literário. Enquanto a aluna lia no suporte original (o livro) os interlocutores acompanhavam esta leitura em slides no telão do datashow. Após a exposição, a aluna retomou a leitura e mostrou a importância de um texto escrito pelo próprio indígena e apresentaram o *rap Guarani Kaiawá* em forma de vídeo⁴⁵. Após a apresentação da leitura e do *rap*, a aluna partiu para a interpretação dos textos e salientou que a questão mais forte hoje entre os indígenas é a demarcação de suas terras.

A estudante “B” falou sobre o Descobrimento do Brasil e disse que quando Pedro Álvares Cabral e suas caravelas chegaram aqui já encontraram os índios, e os portugueses colonizadores mataram, escravizaram para ficar com as terras brasileiras que eram ricas em ouro, minérios e pau-brasil, tudo isso por ambição. Falou sobre a função da FUNAI em ser responsável pela proteção aos indígenas, mas criticou a negligência do órgão em relação aos índios, por isso que os índios estão fazendo protestos, procurando de alguma forma seus direitos. Vejamos a transcrição da fala do aluno de acordo com a tabela apresentada por Preti (1999) em anexo:

Vocês viram no vídeo que falou sobre a FUNAI, né? Que a FUNAI foi criada para - - tipo - - defender os índios... Pra lutar para a demarcação de suas terras... Só que não está cumprindo com essas: essas (...) / aí... é:: Eles estão fazendo protestos... Tão procurando... De qualquer forma conseguir a demarcação das terras deles... Por que (eles) as TERras deles foram arrancadas deLES... aí eles ficaram sem canto para morar (...) A gente mal vê um índio hoje, né? A gente nem escuta muito falar sobre índios:: só que na verdade os índios são muito importante na natuREza... (assim) por quê...

⁴⁴ >[youtube.com/watch?v=0NzrTPZwLdw](https://www.youtube.com/watch?v=0NzrTPZwLdw)<acesso no dia 17 de agosto, às 13h15

⁴⁵ ><https://www.youtube.com/watch?v=qf93m-on65w><acesso 17 de agosto 2019

Depois que tiraram os índios (...) é::: eles desmataram... Eles mataram... os animais... Você vê que tá aí um monte de animais em extinção, né?

É através de realidades iguais a estas acima que despertaremos, mais fortemente, o exercício da responsabilidade, do senso crítico e da ação cidadã entre os estudantes. Ainda nesse contexto, foi sugerido que os ouvintes falassem da impressão (interpretação) que tiveram a respeito dos textos escritos por um indígena. Apenas um aluno fez a ponte entre a literatura nativa e o livro que ele leu recentemente sobre os povos nativos da Amazônia cujo título é “Cidade das feras” (2002) de Isabel Allende, cujo enredo trata de uma expedição ao Brasil, mais especificamente, na Amazônia em que o grupo expedicional interfere numa investigação em que o propósito é eliminar todos os nativos da floresta.

O aluno (ouvinte) continua com suas inferências sobre a leitura e diz ao grupo em situação motivacional: “Leiam, o livro vai lhe ensinar uma lição de vida. A não desistir, a lutar pelos seus sonhos”. O aluno ainda reforçou a importância da leitura no cotidiano e falou que “lendo o sujeito aprende outras culturas, palavras (vocabulário), comportamentos de povos diferentes. Além de muitas vezes o leitor se identificar com a leitura: “você se emociona e pensa isso faz parte da minha vida”.

Solicitamos a participação de outros alunos na interpretação, entretanto não houve mais contribuições na aula. Acreditamos que houve uma compreensão do tema abordado e seria desnecessária uma insistência em colher mais interpretações.

5.8.2. Segundo grupo de interpretação da literatura indígena – sequência II

A equipe dois se apresentou para duas turmas: a do terceiro ano e quarto ano de uma Escola Municipal da cidade (Jessé Freire) que oferece o ensino fundamental I. Três grupos preferiram esta instituição por que eles também estudaram nela, enquanto crianças. A sugestão de reunir duas turmas foi da direção e da coordenação escolar por que caso não houvesse a junção das duas turmas, ficaria uma turma sem ouvir a apresentação (se não juntássemos, os agentes multiplicadores teriam que retornar para outras exposições) o que foi acatado pela equipe de multiplicadores, nesta apresentação tínhamos um público de aproximadamente 60 alunos.

Inicialmente, a coordenação escolar apresentou a equipe junto com a professora/ pesquisadora, além da equipe de apresentação permaneceu na sala os dois professores das respectivas turmas. A equipe de multiplicadores composta de quatro alunos as quais serão citadas pelas letras a seguir D, E, F e G, enquanto os alunos ouvintes pela simbologia E1 seguida de um numeral apresentaram o objetivo do encontro

Foi iniciada a atividade de apresentação do tema, juntamente com o vídeo motivacional⁴⁶ em seguida a apresentação do autor Werá Jeguaka Mirim e partimos para a leitura do livro “Kunumi Guarani” com a leitura feita na projeção de slides a qual foi interativa entre multiplicadores e interlocutores. O aluno lia trecho do livro Kunumi Guarani (2014) e interagiu com os alunos-mirins que respondiam prontamente as indagações feitas pela multiplicadora.

A aluna inicia: “*Eu sou um Kunumi e o meu povo é guarani*” (trecho inicial do livro) Ele, como eu já disse a vocês, ele ressalta mais a história sobre a aldeia dele que é o povo Guarani. E continuou a leitura: “*aqui falamos nossa própria língua, o guarani*”, não sei se vocês sabem, mas é a nossa língua... Era para ser a nossa língua oficial, mas é o português, porque fomos colonizados. Ainda continuando com a leitura: “*meu pai é contador de história e ele me ensina muita história sobre o nosso povo*”. O aluno continua com as intervenções “Foi o pai dele que deu uma força para escrever esse livro e mostrar a história sobre a aldeia dele, o povo indígena. E prosseguindo com a leitura: “*... na aldeia temos uma casa sagrada que se chama Opy, é um lugar onde cantamos e dançamos para Nhanderu, o nosso Deus*”. Aqui ele ressalta mais a religiosidade, é o Deus que ele canta, dança. Agora uma pergunta: Vocês cantam e dançam? Todos responderam: “SIM”, num uníssono. O aluno continuou: “Olha a gente canta, a gente dança vamos ficar lembrando disso, canta... dança...” (o aluno já estava inserindo o contato que os alunos teriam com o rap e testando os conhecimentos prévios da turma) e seguiu com a leitura: “*Nesse lugar o Xandoi, nosso curandeiro, cura os doentes e também nos dá muito conselho*”. A gente tem pessoas que dá conselho a gente? Eles responderam: “S-I-M...” Em seguida, começaram a nomear:

E1: O pai::

⁴⁶ >[youtube.com/watch?v=0NzrTPZwLdw](https://www.youtube.com/watch?v=0NzrTPZwLdw)< acesso no dia 17 de setembro, as 13h15

E2: A mãe::
 E3: O professor...
 E4: O pai, o irmão, o professor...

E nessa interação entre leitor e interlocutor o aluno prossegue a leitura: *“aqui tem muitos pássaros, muitas árvores é uma bela represa para nos refrescarmos em dias quentes”*. Vocês gostam de rios para se refrescarem? Eles responderam:

E1: É muito bom...
 E2: D-.E-.L-.I.-C-.I.-A
 E3: É bOM DEmais
 E4: PisCIna? Eu A-M-O:::

E continua a leitura: *“desde pequeno, aprendemos a amar a mãe natureza. A minha casa é feita de pau-a-pique, bem diferente daquelas construída nas grandes cidades, mas eu gosto porque é nosso jeito de viver”* é o que eu disse a vocês, eles gostam de preservar a natureza. É uma coisa que todos nós temos consciência que devemos preservar - o nosso meio ambiente. Mas nem todo mundo faz isso! E persevera na leitura: *“aqui na aldeia, o que mais gosto de fazer é de brincar e nadar na represa. Eu estudo à tarde, por isso de manhã aproveito para passear pela aldeia e brincar com outros Kunumi”* O aluno pergunta: Vocês também estudam à tarde, né? Olha o índio também estudava à tarde, para aproveitar para brincar com outros kunumi, viu? E segue a leitura: *“Meu pai sempre diz que quem estuda pode aprender muita coisa”*, quem gosta de estudar aqui? Eles responderam: “S-I-M:::”. Mas quando a multiplicadora diz, sejam sinceros o estudante diz: “ Se é para ser sinCEro:::” ((risos)). O aluno diz: “quem aqui é como o papai e a mamãe que sempre estão nas redes sociais?

E1: Eu aqui...
 E2: Eu e eles dois...

O aluno retoma: O índio, ele também tem isso, ele gostava de estudar e de se comunicar. E finaliza a leitura do livro: *“Eu gosto muito de estudar, se eu não tivesse aprendido a ler e a escrever eu não teria escrito essa história, não é mesmo”?* O aluno apresenta a foto do escritor e do ilustrador no final do livro. Aquilo que eu disse a vocês, desde inicio, ele escreveu esse livro para ressaltar a história dele porque ele quer que todos conheçam. Espero que vocês tenham entendido um

pouco mais sobre a cultura indígena e o que é o índio de verdade. Então vocês já sabem responder a pergunta que nós fizemos no início o que é um índio?

- E3: Uma pessoa...
- E4: Os primeiros foram os índios...
- E5: O índio é::: música...

Eles não sabiam reformular uma resposta completa. A impressão que dava era que eles sabiam responder, mas não verbalizam o conceito. Todos falavam ao mesmo tempo, fazendo uma grande algazarra. O aluno ainda, incansavelmente, retoma a temática e explica que o escritor do livro lido e comentado é também um *rapper* que canta e compõe *raps* para defender as causas indígenas.

Pois BEM, o esCRItor que escreveu o livro ele também é... cantor:: de rapper. É:: uma música que expressa aLÉM da música... e é um meio que ele mais usou para mostrar a linGUAGem Dele:: e a CUL-TU-RA dele...trouxemos aqui o rap Guarani Kaiowá.

Após a exibição do *rap* o aluno explica o motivo do autor ter se tornado *rapper*.

O Kunumi Vlrrou rapPER porque na Copa do Brasil de 2014 ele foi... um dos três garotos:: que foram representar... as etnias que FORMam o POvo brasileiro, e após, soltar a POMba da paz ele... retira:: do short a faixa “demarcação” a partir daí... não parou mais de fazer *rap*... para denunciar as inJUStiças causadas aos indígenas:: Por isso... que trouXEMos um *rap* para vocês conhecerem...

A partir da exposição do *rap* o que causou uma grande empolgação na turma o aluno retoma a fala e agradece a atenção de todos.

Então... Agradeço muito a atenção de vocês... E espero que (...) Eu sei que daqui, né? (...) Vocês estão no terceiro, outros no quarto ano... ainda vem o quinto, o sexto ano... Se Deus quiSER vocês vão passar. E vocês vão ter mais tempo de entender sobre essa cultura indígena. PorQUE, agora, eu acho... que vocês não estão entendendo muito sobre a cultura inDÍgena (...) mais daqui para frente vocês vão entender e espero que vocês fiquem ciente de responder essa pergunta: o que é índio? O que é indígena?

A turma expõe toda sua grandeza de compreensão e aplaudem os alunos-multiplicadores com muito afinco. Observar a união das pessoas em torno de uma causa digna é bastante gratificante. Nesses momentos podemos compreender a importância de se investir em Educação, acreditar na potência que cada indivíduo é

capaz de desenvolver, além da sensibilidade dos discentes quando descobrem a relevância de seu trabalho de cooperação.

5.8.3. Terceiro grupo de interpretação da literatura indígena – sequência III

O grupo era composto por 4 alunos, dentre eles um não compareceu e justificou a ausência com “eu não tinha coragem de falar”. A turma fez a apresentação no turno matutino para aproximadamente 60 alunos. Afinal a apresentação reuniu o grupo do turno da manhã (1º e 2º anos do fundamental I)

Nessa apresentação estavam as professoras e a diretora da instituição. Ao entrarmos, os alunos aguardavam-nos com uma música de boas vindas. A música inseria o nome de todos os componentes do grupo (tanto da professora/pesquisadora como dos alunos multiplicadores) o que contagiou a todos. Foi excelente momento de partilha e troca de empatias entre os grupos. Um momento único vivenciado pela recepção que nos foi ofertada pelas crianças e mestres daquela instituição.

Esse evento emotivo de recepção pelos alunos e professoras (1º e 2º anos do fundamental) causou uma alteração na ordem, inicialmente, planejada da sequência didática. A professora/pesquisadora agradeceu a recepção dos alunos e dos professores, depois explicou o objetivo da aula. Em seguida, os alunos, começaram a leitura do livro “Kunumi Guarani” (2014) alternadamente entre dois alunos, através do suporte do livro com o apoio dos slides (*datashow*) para que os alunos, ainda não dominantes (completamente) da leitura, pudessem acompanhar através das ilustrações, uma vez que a leitura de imagens é a mais recorrente entre eles. Segundo Camargo (1995, p.79):

O livro de imagem não é um mero livrinho para crianças que não sabem ler. Segundo a experiência de vida de cada um e das perguntas que cada leitor faz às imagens, ele pode se tornar o ponto de partida de muitas leituras, que podem significar um alargamento do campo de consciência: de nós mesmos, de nosso meio, de nossa cultura e do entrelaçamento da nossa com outras culturas, no tempo e no espaço.

A leitura de textos indígenas foi o elo para mostrar aos pequenos aprendizes o quanto é envolvente o processo da leitura. Houve uma “entrega de si ao texto e

esse domínio do texto” defendido por Cosson (2018, p.115). Após a leitura, o aluno “G” realizou uma explanação do texto e retomou com as imagens do livro:

“Aqui, olha, está toda a família dele::, muito bem representado pela ilustração. Aqui tem também tem o:: Nhanderu que é o Deus deles::. Aqui... nesta imagem, podemos ver ele e os irmão dele. Ai, pessoal, eles também gostam de fei-jão e ar-roz. Quem também gosta de feijão e arroz? Os alunos responderam: EU:::..... É bom sempre comer feijão e arroz para ficar forte igual aos índios. Vamos MOStrar também a vocês, agora, um vídeo⁴⁷ que mostra a situação atual dos inDIgenas no BRASil.

Ao exibir o vídeo com a real situação indígena hoje os alunos pararam para refletir (apesar da tenra idade) sobre esse povo tão abandonados e humilhados. O aluno G, continuou com a explanação

13% das terras brasileira... é:: destinada aos in-dios, mas... nem 4% estão em poder dos índios é::: estão em poder do índio... Aí... Tem que passar por todo um processo... Como vocês puderam ver... Essas terras para poder ser deles têm que passar por todo um processo... Para poder eles adquirirem... Tem que passar na mão do presidente(...) tem que ir numa pessoa lá:: e estudar o canTO da TERra, tem que ir numa OUtra pessoa lá para ver o que tem na terra. Tem que faZER um monte de coisa para que o INdio ter posse da terra. Aí quando, ENFIM, eles conseguem aí::: eles não podem faZER nada com ela porque os JU- RUÁS que moram perto... Eles que são os BRANcos, (...) aí::: os brancos com raivas:: desses índios que conquistam essas TERras e vão lá e A-RAM-CAM essas terras DE-LES.. Aí::: na Amazônia está tendo esse desmatamento e tal ...e::: NÓS temos que fazer alguma coisa aí::: (...) para poder parar. Vocês concordam que a Amazônia seja destruída?

Eles responderam em uníssonos com um sonoro “NÃO”. “Realmente a Amazônia não pode ser destruída”, afirma o aluno multiplicador que continua questionando, por que a Amazônia não pode ser destruída?

E1: Porque... ELES vão matar o Ìndio:::
E2: Por que também, ELES vão destruir a nossa cidade... (fazendo referência ao oxigênio)
E3: Pode matá-lo. (fazendo referência ao índio)
E4: Morrer...
E5: Se a floREStá fosse desmatada... os Índios não VI-VI-AM mais...
E6:SENÃO... os índios vão morrer.
 (...)

O aluno multiplicador retoma e diz:

⁴⁷> <https://www.youtube.com/watch?v=0NzrTPZwLdw><acesso em 17 de julho de 2019

É::: os indígenas também podem morrer... se matarem... por causa que (...) porque as maioRES concentrações de inDigenas estão por lá... (...) PRONTO, o Kunumi... ELE vive na aldeia Krukutu que é em São Paulo mais:: também tem os Guarani Kaiowá que é:: LÁ no Mato grosso do sul... Tem no Pará também... Tem VÁRIOS cantos, mais a malOR concentração mesmo é na AmaZônia onde estão... tendo vários DES-MA-TA-MEN-TOS...

Os alunos interrompem:

E7: O índio devia morrer com 100 anos:: ma-IS VEIHo...

E8: Se... as PES-SO-AS cortarem todas as ARvores do mundo a GENte morre, porque as ÁRvores é quem FAZ os AR para a gente respiRAR:::

(...)

E9: Porque se cortar ...se cortar... as árvores... ELES vão morrer::

E10: Eles vão morrer... Sem árvores...

O mediador ansioso retoma:

Pronto...agora...NÓS vamos passar um *RAP* do Kunumi... Veja o *rap* que ele fez... para um povo inDigena lá do Mato Grosso do Sul... Guarani kaiowá⁴⁸. Como os BRANcos estão matando muito os índios para conquistar as terras:: ELE reSOLveu fazer rap para defender seu PO-VO... E:: a forma... que ele encontrou para protesTAR foi os *raps*.

Após a exibição do vídeo que descrevia a situação atual dos indígenas os alunos (idade entre 6 e 8 anos) causaram muito alvoroço na sala. A Professora titular da turma pediu Licença e sugeriu que levantassem a mão de forma organizada para que todos pudessem ouvir a opinião do colega:

E3: Se os humanos mataREM os índios, os hu-ma-nos vão achar que ELES estão ricos. Não PODE:::

E11: “Ô:: tia, os ÍNdios sabem fazer cada co-i-sa, né? Tipo aquelas... casinhas... que eles fazem debaixo da areia.

E12: As pes-so-as pensam que... são FORtes::: e começam a derrotar as pessoas:: e atingem os ÍNdios.

E13: As::: pessoas... derrotam o índio para fiCAR FORTE..

E14: Ai... quando eu fui dorMIR, eu sonhei que o homem tava derrubando todo mundo::: aí ::ele derruBOU TODO MUNdo.

E15: Se os ÍNdios não comerem NADA eles vão ficar fracos e vão morRER...

E17: - - É - - porque quando eu:: estava indo tirar fotos, eu vi um monte de LIXO nas plan-ti-nhas...

E15: As pessoas daqui são mal educadas... porque jogam o LI -XO na cidade...

A professora titular da série faz uma oração com os alunos em forma de agradecimento pela presença do grupo na sala. Depois questionou os alunos com a seguinte pergunta: Valeu? Todas as crianças aplaudem. Ela pediu que sentassem e questiona outra vez: “Quem Gostou levante a mão”? (todos levantaram). A professora ainda instiga: “quem gostou bem muito levante as duas?” Eles mantêm

⁴⁸ ><https://www.youtube.com/watch?v=qf93m-on65w>< acesso 17 de agosto 2019

as mãos levantadas por um bom tempo. E depois aplaudem junto com a professora e toda equipe.

5.8.4. Quarto grupo de interpretação da literatura indígena – sequência IV

O grupo quatro é composto de quatro alunos. A turma escolhida foi o quinto ano (turma final do ciclo do fundamental I). Fomos recepcionados pela direção da escola e apresentamos o objetivo do trabalho que era mostrar para eles a literatura indígena.

Inicialmente, a aluna mostra o vídeo⁴⁹ como está a situação dos nativos hoje no Brasil. Quando acaba a exibição o aluno inicia a leitura do livro *Kunumi Guarani* (2014) do escritor indígena *Wera Jeguaka Mirim*, lendo no suporte original o livro, mais mostrando as ilustrações nos slides. Ao finalizar o texto, mostram as imagens do autor e do ilustrador e troca o turno da fala, anunciando que o colega irá explicar um pouco do livro que ela leu. O aluno “P” (multiplicador) diz: “como vocês... pode ver, ele escreveu este livro quando tinha (...) nove anos de idade. Como vocês podem (...) ele... gosta de estudar... brincar na aldeia”... Em seguida, apresentaram o rap Guarani Kaiowá aos alunos.

O aluno “N” retoma e diz:

Agora... a gente queria mostrar um pouco a vocês:... da MÚsica que a gente TROUxe. A música guarani Kawaiá. Então:: vamos passar, porque o Kunumi (...) além de escritor ele é rap... tem o rap dele assim... no youtube se vocês:: assim... pegarem o celular da mãe de vocês... vocês vão ver é:: só pesquisar:: Guarani... e vai aparecer. MC KuNUmi e vai aparecer as músicas dele. Ele também é escritor como ele disse... começou a escrever POEMAS aos dez anos de idade... Hoje... ele já tem a família DEle... a mulher dele, JÁ tem filho JÁ... e também já TEM 18 anos - - E- - lá tem interNET não é assim... Igual voCÊ pensava que LÁ era um lugar afasTado da cidade que não tinha NAda... lá tem internet e:: tudo...

. O que chamou a atenção na hora da exibição do rap foram alguns alunos acompanharem o som/batida do rap na mesa de apoio. Um som ritmado, dentro do contexto da música. O aluno mediador questiona se há alguém na sala que queira

⁴⁹ ><https://www.youtube.com/watch?v=0NzrTPZwLdw><acesso em 14 de agosto de 2019

fazer pergunta. Como o silêncio reinou, supôs-se que não havia questionamento. Até que o estudante levanta a mão e fala, seguido de outros alunos:

E1: Tem que ter resPElto ao que é dos OUTros e preserVAR e não fazer o MAL a eles:::

E2: Minha tia mora no Macapá e:: ela é casada com um índio...

E3: Eu acho que o Brasil seria melhor com ELES no mundo de hoje... do que:: quando os povos portugueses cheGARAM...

A aluna “Q” intervém e disse:

Olha, eu concordo com você... seria melhor se nós hoje fôssemos de origem mesmo (...) por que se o BRASil não tivesse sido invaDlido a gente ia falar uma língua TUPI, mas isso é uma coisa que é o “SE” não é professora? É uma coisa de um desejo, a gente não POde decidir isso... até porque já está feito. - -Eu espero (...) a gente espera:: que vocês tenham aprendido:: a respeitar esse povo, né? Gostaria de agradecer a vocês pela atenção e:: a professora Maria que deu espaço para nossa apresentação.

Os alunos multiplicadores despediram-se dos ouvintes, distribuíram uns bombons e foram aplaudidos por todos. O projeto realizado na escola contribuiu no processo de letramento das crianças com ações lúdicas envolvendo a leitura e a interpretação. A maior gratidão da escola foi ver os ex-alunos deles apresentado um tema tão relevante no processo educacional. Além disso, essa metodologia criou oportunidade de expor para a comunidade escolar, como também para aqueles apreciadores do fazer literários ou os leigos, uma atividade que mostra o trabalho de como a leitura pode promover a inclusão social e despertar o prazer pela literatura. As análises expostas com as quatro equipes de multiplicadores tornaram os alunos protagonistas do fazer literário. O momento foi de muita troca e interação entre as equipes. Havia muita ansiedade pelo momento de apresentação de cada equipe (foram quatro momentos separados para cada grupo), entretanto no momento da exposição à receptividade era tão calorosa que os multiplicadores cumpriam eficientemente sua função de agentes multiplicadores da literatura nativa.

5.9 ETAPA 10: EXPANSÃO

5.9.1 Povos Potiguaras x alunos: um encontro com a ancestralidade

Nesta etapa os alunos tiveram a desenvolvimento das atividades executadas através do processo de expansão. Para essa etapa Cosson (2016, p.94) fundamenta: “A expansão busca destacar as possibilidades de diálogos que toda obra articula com os textos que a precederam, isto é, são contemporâneos ou posteriores”. Necessariamente nesta expansão, procuramos trabalhar com o viés comparativo, não nos livros em forma de leitura, mas em forma de diálogo e interação na vivência de uma tribo indígena. Naquele espaço, procuramos relacionar o estudado, vivenciado e pesquisado em sala para comparar com a palestra de um líder indígena o Pajé Isaias. Numa aula de campo para a cidade Baía da Traição (aproximadamente 300 km da cidade de Equador-RN) onde reside os Povos Potiguaras desde a possível “Descoberta do Brasil” pelos portugueses. De acordo com os resultados de expansão de Cosson (2016, p.95):

Como é de praxe, é importante que o resultado da expansão seja registrado pelos alunos. Quando a obra primeira serve de ponto de partida para a leitura de várias obras segundas, uma feira literária, com os alunos apresentando os resultados da expansão, pode ser a melhor atividade a ser desenvolvida.

A expansão seria o que as escolas consideram como culminância de um projeto e conforme Cosson (2016) pode ser um evento, por isso que optamos pela “descoberta” de uma aldeia cuja recepção estava planejada para que fossem valorizados os saberes nativos e tendo como suporte pedagógico o letramento literário. Para Leal (2009, p. 15), esse letramento é contínuo e gradual para o indivíduo,

Nesse contínuo de letramentos, repetimos, teríamos pelo menos dois níveis bem opostos, imaginando-se outros intermediários. Os critérios para medir graus de letramento (seja social ou escolar) seriam indiretos, mas bastante útil como contribuição para a inadiável e imprescindível tarefa de criarmos mecanismos mais palpáveis com relação ao escalonamento dos indivíduos quanto aos seus saberes do mundo de fora e de dentro da escola.

Para Leal esses saberes surgem de ambos os lados, ou seja, dentro e fora da escola. O aluno assim como qualquer ser humano aprende de forma bilateral cada um com a sua contribuição, não há aparelhos de medição que posso sanar esse

saber, apenas as experiências letradas que estão em contínuo processo com os indivíduos.

Embarcamos cedo, afinal seria uma viagem longa a ser percorrida. Íamos juntos, professores, alunos, gestores e os guias que nos conduziram para esse “paradisiaco” espaço indígena. Inicialmente o guia contextualizou o porquê do nome Baía da Traição⁵⁰, para em seguida adentrar com a equipe no território indígena. Fomos apresentados as ruínas de uma igreja medieval de São Miguel Arcanjo⁵¹ (ainda no seu formato original, mas em ruínas) e seguimos caminho para a nascente do Rio Sinimbu, mais precisamente nas águas limpas e cristalinas do rio do Gozo. Naquele cenário a equipe permaneceu por duas horas, deliciando-se num banho energético. Após apreciar esse lugar tão pitoresco, seguimos para a palestra com o líder religioso o Pajé Isaias na Aldeia Lagoa do Mato, território indígena Potiguara. O encontro aconteceu em contato com a natureza (solo sagrado para os nativos) embaixo de uma frondosa árvore com diversas cadeiras em forma de semicírculo já que o grupo era pequeno. O líder religioso trazia no corpo algumas pinturas, uma espécie de saia feita de palha na cintura e um cocar na cabeça. Vejamos o encontro entre os indígenas e os aprendizes. Para a transcrição abaixo, usamos a tabela apontada por Pretti (1999):

Boa tarde a todos e a todas mais uma vez, né? ((boa tarde)) Sejam todos bem-vindos e bem-vindas aqui na minha aldeia Lagoa do MATO, território indígena PotiGUARA. Quero agradecer a visita e a presença de todos vocês aqui presente. É sempre para gente muito importante quando a sociedade... ela se envolve... e vem buscar conhecimentos de como vive a atualidade do povo indígena (Potiguara) hoje. Isso para gente é bom é positivo, porque nós estamos percebendo que também... as pessoas também... mesmo não sendo indígenas, mais estão ligados nessa luta... nessa cultura e com algumas curiosidades para saber e até mesmo para aprender e também repassar alguma coisa para a gente... Então, essa interligação é muito interessante do índio para o não índio também:

— Aí, eu quero saber se vocês são um grupo de turismo, um grupo de estudante, de professores?

— Estudantes e professores. (responde a aluna)

Guia Josias responde:

— São de Equador... Isaias, do Rio Grande do Norte... do sertão.

A partir desse primeiro contato a palestra fluiu, o palestrante enfocou aspectos religiosos, constitucionais, territoriais, intelectuais, culturais numa

⁵⁰ Baía da Traição é o termo pelo qual os colonizadores portugueses denominaram em virtude de nela os índios Potiguaras terem massacrados muitos portugueses que foram atraídos pelas índias do local.

⁵¹ ><https://www.paraibacriativa.com.br><

perspectiva dinâmica e interativa. O Pajé expôs o conteúdo numa linguagem formal, mais de forma dinâmica e aproximada com o nível de escolaridade do grupo. Não é à toa que inicialmente ele quer saber se o grupo é de “turismo, estudantes, de professores”. De acordo com Preti (1999, p. 220):

Essas explicações contextuais são necessárias, porque o processo interacional da conversação sofre o reflexo, ora de fatores situacionais (isto é, das condições em que o diálogo se realiza, do tema, do grau de intimidade entre os falantes, do local), ora de outros fatores exteriores à própria conversação, que agem por fora, sobre os interlocutores, como, por exemplo, o *status* social dos falantes, seu sexo, idade, grau de escolaridade, etc.

Conforme Preti (1999) a situação da oralidade ocasiona no falante um contato face a face com seus interlocutores e isso desencadeia um processo em que o locutor precisa contextualizar a temática para que esta se torne acessível aos ouvintes. No final da palestra, o Pajé abriu espaços para a interação do grupo, além de explicar e demonstrar um ritual muito praticado pelos nativos que é o Toré⁵². Nesse ritual ele convidou os ouvintes para participarem do grupo de dança, dois alunos e duas professoras juntaram-se ao grande grupo. Foi um momento sublime, afinal, tudo que fora, estudado, pesquisado, debatido, analisado estava concretizando-se no encontro entre nativos e aprendizes.

Era a teoria sendo vivenciada, transformada em experiência pelos aprendizes que geraram os relatos orais nos quais os aprendizes teriam que entrelaçarem teoria, leituras, experiência de serem agentes multiplicadores dessa literatura e a vivência com os nativos, através da palestra. Vejamos alguns depoimentos que foram colhidos após esse encontro entre indígenas e alunos. Os relatos foram transcrito de acordo com a tabela proposta por Preti (1999) que esta exposta nos anexos, assim como outros momentos orais que ocorreram nesta pesquisa. Vejamos um dos relatos:

Eu sou aluna do 9º ano da escola Dom Manuel Tavares de Araújo... e eu tive a oportunidade de ouvir algumas músicas do estilo RAP, né? Do Kunumi MC. Eu gostei!!!. Eu achei uma atitude ne-ces-sá-ria...uma atitude for-te...e:: co-ra-jo-sa. Principalmente pelo fato de saber que a maioria das pessoas não dão ouvidos, devido a seu preconceito aos índios. E as MÚsicas que ele cantam... falam um pouco da realidade.. mais,

⁵² São cantos sagrados que desenvolve nos índios o amor, a união e a força para sustentar sua cultura, envolvendo as artes da natureza, dos animais, plantas, vento, terra, fogo e as águas. O Toré é puxado por um mestre de canto e outros índios respondem. (<http://www.indiosonline.net>tore>)

principalmente é::: Pede... a demarcação de terras... E eu... fico um pouco magoada em saber que várias tribos indígenas não foram... é:: ainda não são DEMARCADAS... E::: em minha opinião NÓS e todos deveriam ser mais hu-ma-nos e não... não ver isso só como rap e sim como um pedido. Um pedido de liberdade, talvez::: (respiração) Então... mESMO eu achando a atitude desse jovem não foi muito vista, eu o admiro por ser um... um jovem de atitude, pois ele buscou procurar a paz a liberdade para seu povo. (respiração) E depois de a gente ter se aprofundado, eu e minha turma, se aprofundado no assunto sobre a demarcação, sobre os índios... a gente teve a oportunidade de viver a experiência de conhecer uma tribo indígena. E eu AMEI abraçar essa experiência.. pois eu vi que eu realmente precisava VER, sabe? precisava ENXERGAR, conhecer a história e sentir a vi-bra-ção ou... a e-ner-gia dos índios. Eu reconheci que sou orgulhosa ou talvez tão de-su-ma-na em nunca ter visto os índios com outros olhos, sabe? Eu não participei do culto... mas... não participei do ri-tu-al com ELES, mas quem está lá ((risos)) eu a-cre-d-ito que sente essa ENERGIA TÃO boa. Digamos que a gente se sintam BEM com os índios. Então é isso::: eu amei conhecer mais sobre os índios e:: é bom poder VER eles com outros olhos agora.

A relevância do relato do aluno nos mostra o quanto essa experiência foi gratificante para esse estudante. A visão múltipla do aprendiz migra entre a teoria e a prática. A experiência relevante aprimorou e encaminhou-o a um processo de reflexão sobre suas próprias ações: “Eu reconheci que sou orgulhosa ou talvez tão desumana em nunca ter visto os índios com outros olhos, sabe?”. Nesse trecho, podemos perceber que a aluna relacionou sua vivência com os empecilhos encontrados pelas tribos indígenas. A aluna intercalou o seu presente com as experiências vivenciadas em relação aos nativos na frase: “precisava enxergar, conhecer a história e sentir a vibração” o que comprova o seu desenvolvimento cognitivo a sua aprendizagem efetiva em relação a esses povos. Conforme o argumento de Fonseca (1998, p. 10-11):

A sociedade do futuro, uma sociedade cada vez mais voltada para a aprendizagem, para as tecnologias de informação e para a acelerada divulgação de conhecimento científicos, não pode limitar-se a uma escola baseada na transmissão direta de conteúdos e soluções específicas, mas deve orientar-se para o desenvolvimento do indivíduo em todas as suas manifestações, para o acesso à cultura geral e para o desenvolvimento das aptidões para o trabalho, e neste sentido a educabilidade cognitiva é uma abordagem extremamente potente para atingir estes objetivos de forma integrada, na medida em que fornece os pré-requisitos, as ferramentas, as destrezas e as competências cognitivas fundamentais de processamento de informação e de interpretação da realidade, necessárias para tais aprendizagens posteriores.

A capacidade do aprendiz transpõe o ambiente escolar, pois vivemos numa sociedade em que as informações circulam em diversos ambientes cognitivos. O

espaço escolar na sua conjuntura estática, secular não favorece mais a aprendizagem significativas, porque o aluno precisa ter acesso a outros ambientes de “educabilidade cognitiva” o qual ele busca informações, interpretações e aptidões para o seu desenvolvimento intelectual. Observamos um depoimento oral de outro aluno constituindo esse mesmo processo de construção de conhecimento que tanto Fonseca (1998) defende:

Oi, meu nome é _____ Sou da Escola Dom Manuel Tavares de Araújo do 9º ANO e vim falar um pouco sobre a TRIBO in-dí-ge-na. E:: Esse ano foi um ano de muita aprendiZAgem para mim, porque eu não conhecia muito sobre a tribo indígena... e::: eu gostei MUITo... A gente/eu e meus colegas/eu e os alunos/EU e meus AMIGOS conhecemos muito sobre a tribo indígena e A-BRA-ÇA-MOS essa CAUSA:: A gente chegou a conheCER... a tribo IN-DI-GE-NA foi MUITo legal... A gente também TEVe:: uma experiência muito boa de ir para uma EsCOLa daqui de Equador e::: ApresenTAR sobre a tribo inDÍgena... mostrar a cultura deles... mosTRAR tudo sobre eles:: e foi muito bom falar sobre ISSO... E a gente não foi só...assim... pra, falar sobre eles... A gente foi também para aprendER... pra saBER... Assim... os questionamentos que os alunos iam pedir pra GENte... né? Perguntar alguma coisa... por que, ali tambEM foi um momento de aprendizagem MUITO pra MIM claro. E:::assim... A gente foi esse...a gente passou essa tempoRada todinha estuDANdo sobre eles, fazendo... até PROvas e foi muito BOM. Eu aprendi muita coisa. Eu gostei muito de ter aprendido ISSO na minha Vida. Eu aBRACEi MUITO essa causa... E::: A gente foi pra::: Uma TRIBO. A gente chegou::: /Teve o privilégio de conheCER uma tribo indígena... E conhecer mais sobre a religião DEles... conheCER as culturas... ConheCER o jeito que eles:: assim... tipo...(...) ConVivem com a natuREza. E eu VI que REALMENTE, eles amam a natureza, gostam de preservÁ-las... e:: é:: assim... Eu aprendi muitas coisas sobre ELES... /e:: foi muito... foi uma experilÊNCIACia Única. AprendER mais sobre eles, aprendER mais sobre os indígenas, e EU gostei muito... Foi um momento de muita aprendiZAgem para MIM.

O relato do aluno mostra-nos o entrelaçamento de uma experiência que foi significativa para sua aprendizagem quando diz: “A gente também teve uma experiência muito boa de ir para uma Escola aqui de Equador e apresentar sobre a tribo indígena, mostrar a cultura deles, mostrar tudo sobre eles e foi muito bom falar sobre isso”. Para Fonseca (1998, p. 11): “O futuro da humanidade só pode materializar-se numa capacidade de aprender a aprender, e esta capacidade, indubitavelmente, só pode decorrer de uma nova perspectiva de educação e de formação de pessoas”. Pelo testemunho da aluna, percebemos o quanto o experimento de repassar essa cultura para outros estudantes foi significativo “por que, ali também foi um momento de aprendizagem muito pra mim, claro”. Com essa narração da aluna, Cosson (2018, p. 54) defende como:

O que distingue a experiência da leitura literária de outras leituras é o modo como o leitor processa o texto. Considerando a leitura como um contínuo, tem-se em um dos pólos a leitura eferente e, em outro, a leitura estética. Na leitura eferente, o leitor se preocupa com o que está fora do texto ou para aquilo do qual o texto é veículo. Na leitura, estética, o leitor se volta para o texto em si mesmo e o que acontece durante o processo de construção de sentido. É esse modo de ler – a leitura estética – que garante a experiência literária.

Dentro desse horizonte, entre leitura eferente e leitura estética, poderíamos inferir que o aluno empregou dois processos na sua aprendizagem. Segundo o depoimento, ele mostra que se utilizou de elementos extratextuais para mostrar aos estudantes a situação dos indígenas, hoje, no Brasil e obteve sua experiência enquanto construtora de sentidos dentro do texto literário, comprovada através do relato: “Essa temporada todinha estudando sobre eles, fazendo até provas e foi muito bom. Eu aprendi muita coisa. Eu gostei muito de ter aprendido isso na minha vida. Eu abracei muito essa causa”. Segundo Cosson (2018, p. 71): “Os caminhos da resposta passam pelos quatros elementos – leitor, autor, texto e contexto – e os três objetos – texto, contexto e intertexto – que constituem o diverso e multifacetado diálogo com a leitura”. Vejamos o depoimento de outro aluno “H” em relação a sua experiência com a literatura indígena. A transcrição apoiou-se em Pretti (1999):

Ela nos apresentou ISTo e falou sobre ele:: um pouco sobre o índio... e:: depois ela veio passar pra:: GENTE IR nas esCOLa apresentAR o nosso conhecIMento que a gente TAVA tendo sobre ISSO. Onde ela entregou um Livro sobre a história da aldeia de Kunumi MC... onde a gente foi:: pro colégio:: (...) a gente tinha com... o objetivo de apresentAR a “literatura dos povos indígenas para enriquecer o conhecimento sobre essa etnia e conseqüentemente seus hábitos, costumes e tradições.” A gente foi com esse objetivo... (...) NESTe período a gente TEve VÁrias coisas:: (...) Intere/interessantes:: e curiosos, pois eram coisas que a gente nem mesmo sabia.

O relato entusiasmado do aluno “H” mostra o quanto foi significativo esse conhecimento na vida dele. Para Cosson (2018, p. 115): “nossa constituição como leitores passa necessariamente pela relação afetiva que mantemos com os textos, e guardá-los no coração e dizê-los em voz alta com a força da emoção é uma maneira de demonstrar isso”. Já que o desfrutar da leitura é um caminho em que o maior beneficiário é o próprio leitor.

O relato do aluno mostra o quanto foi benéfica a experiência nesse processo de aprendizagem. Sua declaração entrelaça aspectos, cognitivos, culturais,

inferenciais entre outros. Analisemos esse trecho quando o aluno justifica o porquê deles terem se tornados multiplicadores de leituras com temática indígena:

A gente tinha o objetivo de apresentar a literatura dos povos indígenas para enriquecer o conhecimento sobre essa etnia e consequentemente seus hábitos, costumes e tradições.

Através desse relato, podemos observar que para esse aluno o que fazer estava bem delimitado. Ela está cumprindo com os quatro elementos apresentados por Cosson (2018): “leitor, autor, texto e contexto” para apreensão do texto literário. Segundo o aluno, foi apresentado o autor, o *rap* e o livro *Kununi Guarani* (textos) que ele compõe e canta, e o contexto denunciativo inserido. A partir desse processo, ele enquanto leitor estava ativando esse procedimento com outros aprendizes, recordemos o relato: “ir nas escolas apresentar o nosso conhecimento que a gente tava tendo sobre isso. Onde ela (pesquisadora) entregou um livro sobre a história da aldeia de Kunumi MC onde a gente foi pro colégio”. Segundo Indursky (2010, p.174):

A partir do momento em que é lido, o trabalho do leitor rompe com esse fechamento imaginário e simbólico, restabelecendo relações deste interior com o que lhe é exterior, com o que nele não é dito, mas que aí ressoa constitutivamente.

Neste contexto, temos relações discursivas em que o leitor vai à caça de novas abordagens, agora, como agente multiplicador de leitura o que para Indursky (2010, p. 175) resulta em “diferentes redes discursivas de sentidos”. De acordo com a pesquisadora, esse trabalho discursivo que os alunos fizeram em conduzir a literatura indígena nas escolas, “desloca o sujeito de sua posição de leitor para inscrevê-lo em outro lugar, na posição de autor” esse processo é promovido pela prática discursiva da leitura. Para Certeau (1994, PP. 269-270): “Trabalhando no solo da linguagem, cavadores de poços, e construtores de casa, os leitores são viajantes; circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram”. Assim, tornaram-se nossos multiplicadores de leitura, um leitor que trabalhava com o “solo da linguagem” e que caçava por conta própria sua própria sobrevivência literária num processo de troca com outros estudantes como “cavadores” de saberes.

Observemos esse relato do aluno “C” sobre seu contato com essa literatura e com essa experiência vivenciada.

Pra mim toda essa VIAGEM... todo esse esTUdo foi ma-ra-vi-lho-so:: assim... me transformou bastante MES-MO... me mudou com-ple-ta-men-te em outra PESSOA... Isso me cativou bastante... é:: mostrar os verdadeiros filhos do BRASil... a origem do BRASIL... né? E o que me... dei-xou bastANTE:: assim... decepcionada e magoada é o preconCElto das pessoas... por que os inDÍgenas hoje estão se modernizando... Estão... querendo... ASSIM... se igualar na sociedade... Estão querendo lutar de iGUAL para igual... né? E as pessoas acham que NÃO podem... Os inDÍgenas não podem ser... USAR smartfone, USAR celular, internet, ROUpa, CA-SAS... Ca-sas feitas COM tijolo, madeiras e:: cimento... NÃO... as pessoas acham, com/ porque são indígenas devem... Deve viver a MARgem da socieDAde... DEVe viVER afastado da so-ci-e-da-de. Mas não é ISSO. Que não devem usar interNET, ROUPas, que até deve... Não faLAR a NOSSA língua:: Mas não é ISSO:: O indígena/ Não é só por que ELE usa ROUpa ou todas essas COI-sas que ele deixa de ser in-dí-ge-na:: pois a sua origem está no seu SANGUE e não:: Ele tem que lutar de igual por igual pelos seus DIREITOS... né?

O leitor aqui está fazendo uso dos textos que leu e mostra-se emancipada em sua compreensão. Afinal, que evento de letramentos este estudante fez uso? Quais contextos foram utilizados? Para Rojo (2010, p.31):

Essas questões se colocam porque, na vida cotidiana, circulamos por diferentes contextos e “esferas” de comunicação e de atividade (doméstica, e familiar, do trabalho, escolar, acadêmica, jornalista, publicitária, burocrática, religiosa, artística, etc.) em diferentes posições sociais como produtores ou receptores/consumidores de discursos, em gêneros variados, mídias diversas e em culturas também diferentes.

A concepção de letramento utilizada pelo estudante partiu de sua compreensão de vida, apoiada nas agências de letramento que circulam o seu cotidiano. As inferências culturais, sociais são reforçadas no relato e mostram a defesa veemente de apoio a uma cultura que não é sua, mas que precisa ser valorizada tanto pelo viés pessoal como pelas escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa partiu das inquietações, estímulos e vivências cujas bases foram às textualidades literárias indígena. Ela tornou nossas aulas mais inquietantes, pois ao elencarmos pontos positivos a respeito da cultura, da religião das artes e das músicas indígenas o aprendiz ressignificou suas atitudes e visão a respeito dos povos originários de nossa terra.

O que oportunizou essa pesquisa, essencialmente, foi o mestrado em formação em Letras denominado PROFLETRAS cuja estrutura conduz os alunos (já que são todos professores ativos em sala de aula) a repensarem suas práticas, pois a grade curricular do curso e toda sua logística geram uma série de transformações tanto pedagógicas quanto psicológicas no âmbito da sala de aula. A partir dessa formação, o fazer diário pedagógico possui outra significação e atitude visto que a visão oferecida pelo programa teve o caráter conscientizador e transformador. Se todos os professores das escolas públicas tivessem essa chance tão motivadora a educação teria outra concepção e visibilidade em seu maior habitat que é a sala de aula.

À proporção que o trabalho foi sendo desenvolvido tanto com as disciplinas (créditos) tanto com o texto dissertativo, envolvemo-nos cada vez mais numa reflexão sobre as textualidades literárias originárias dos povos indígenas. Para isso, utilizamos o *rap* - um gênero que possui um caráter inquietante e reflexivo. Por ser um gênero questionador propicia uma reflexão no universo intelectual do aluno no seu conhecimento e na sua criticidade.

Sabemos das dificuldades que provém do sistema educacional vigente, principalmente no que concerne a leitura e a escrita seja por falta de estímulo dos docentes, ou seja, por falta de interesse dos alunos, porém, nesse entremeio, vivenciamos uma experiência singular que promoveu uma formação leitora muito significativa na concepção do letramento literário.

Outra característica positiva para o trabalho com a literatura nativa foi à proximidade que o autor Werá Jeguaka Mirim tem com a linguagem infanto-juvenil mostrada no seu livro *Kunumi Guarani* (2014) o qual despertou os aprendizes quando o autor, narrava suas experiências na aldeia. Daí os alunos compreenderam que a rotina de um indígena “Cunumim” não era diferente da sua e houve uma

identificação com a narrativa e elas passaram a ganhar mais notoriedade entre os estudantes.

As contribuições positivas deixadas e narradas pelos ameríndios refletem até hoje na história do Brasil. O entrave maior é que pouco se sabe sobre a cultura indígena, afinal os povos não-indígenas se não forem estimulados para a prática da literatura nativa, talvez, nunca compreenda sua importância e até desconheçam seus descendentes ou habitantes originais das terras ocupadas e colonizadas. Por isso a importância de aplicar a lei 11.645/08 é imprescindível para que esses textos tenham circulação nas instituições de ensino uma vez que busca valorizar a identidade indígena.

Nesta perspectiva de construção, os *raps* e o Livro “Kunumi Guarani” (2014) possibilitaram aos agentes da aprendizagem uma experiência significativa a partir das concepções do letramento literário praticadas no âmbito da sala de aula ressignificando, assim, suas ações e vivências através das leituras.

Compreendemos que é necessário a presença desses textos em salas de aula para que os alunos conheçam sobre sua ancestralidade, formação étnica e enriqueçam seu aparato literário e possam eliminar qualquer forma de preconceito que exista ainda contra esses povos.

A proposta de intervenção abriu um leque de experiência nos aprendizes tornando-os mais capacitados intelectualmente e culturalmente, pois os textos lidos, discutidos e vivenciados oportunizaram diversas reflexões sobre a realidade dos indígenas. O norte para esse êxito na pesquisa é oferecido aos nativos do Brasil, em especial, ao Jovem Werá Jeguaka Mirim que tornou-se uma referência de identidade ética muito positiva e ímpar para os alunos que criaram vínculos entre os temas e o autor.

O enlace dos alunos com a temática indígena pode ser comprovado pelos relatos finais que foram registrados oralmente e demonstrou uma rica experiência em que os aprendizes narram o quanto foram beneficiados com as leituras e interpretações desses textos. Tornando, assim, os alunos, leitores destes textos além de alertas com a situação social e cultural que envolve esse povo.

Sendo assim, o trabalho realizado tornou as aulas de literatura mais ativas e serviram como panorama para seu convívio social, interacional, educacional e até familiar. Para exemplificar, podemos citar a experiência que os alunos tiveram como

multiplicadores de leitura (literatura indígena) nas escolas. A autonomia que foi oferecida a eles frente ao processo de aprendizagem, tornou-os responsáveis em conduzir essa literatura a outros participantes de forma que os interlocutores compreendessem, analisassem e discutissem os textos apresentados gerando diversos pontos de vistas e abrindo um leque de possibilidades entre multiplicadores e interlocutores. Para Ribeiro (2012. P. 59):

No vaivém das teorias sobre como se dá a leitura, ora o autor foi tomado como o “dono” e o operador máximo do sentido, ensejando até mesmo a questão definidora “o que o autor quis dizer?”; ora o leitor foi o detentor dos sentidos e das interpretações, até mesmo em detrimento das intenções do autor e das pistas do texto; e, mais à frente, o texto se adiantou em relação a autor e o leitor, numa espécie de existência independente.

Assim, entendemos a importância para o aluno deixar marcas de sua autoria nos enunciados que leem, e nos conceitos que os constituem enquanto sujeitos-cidadãos.

O projeto teve relevância por que os alunos tornaram-se protagonista dele. A metodologia diferenciada do protagonismo jovem pôde ser vivenciada e contrapôs com a forma tradicional a qual é geralmente utilizada nas salas de aulas em que o professor expõe e o aluno apenas escuta. Um desses momentos, dentre tantos, foi à apresentação do desfile cívico. Nele os alunos apresentaram e confeccionaram as peças de vestimentas e acessórios para representar os nativos nas ruas da cidade. Também foi um ápice do projeto, o encontro dos alunos com a comunidade, face a face, nas ruas da cidade, Isso demonstrava o quanto os aprendizes ali exerciam sua autonomia intelectual e seu protagonismo juvenil, fazendo da atividade de exposição um momento único de troca e conhecimento.

Outro momento ímpar do projeto foi o encontro dos alunos com os nativos na Aldeia Lagoa do Mato na Baía da Traição-PB. O encerramento pedagógico de um ciclo de aprendizagens. O protagonismo transferiu-se para o Pajé Isaias que discursou sobre religião, hábitos, costumes, culturas, além das questões sociais e ambientais que circulam os indígenas. Após a palestra, houve um momento de interação em que o Pajé abriu espaço para os questionamentos dos alunos. Uma partilha de conhecimento comprometida com os valores éticos entre dois povos. Um encontro com a ancestralidade.

A educação possui essa força, interação e sintonia. Nunca encerraremos um processo por que eles fluem e se transformam em outros mais desafiadores. Precisamos de mais ciclo de aprendizagens, sempre. A formação dos discentes exige que novos ciclos de aprendizagens se iniciem continuamente. Através dessa intervenção, obtivemos esses resultados que propiciaram uma experiência significativa, mas jamais concluída, porque os sujeitos envolvidos nela estão em constantes aprendizagens e esta foi apenas uma etapa entre tantas que virão.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **A estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, [1953] 2003.

BECHARA, Evanildo (organizador). **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras**: língua portuguesa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/lde.pdf>>. Acesso em: 10/06/2019.

BRASIL, **Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 10/06/2019.

BRASIL, **Lei 11.645, de 10 de março de 2008**. Disponível em: ><http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11645-10-marco-2008-572787-publicacaooriginal-96087-pl.html>< acesso em 30 de janeiro de 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC_C_20dez_site.pdf.

CALEFFI, Paula. “O que é ser índio hoje?": a questão indígena na América Latina/Brasil no início do século XXI. In: SIDEKUM, Antônio (Org.). **Alteridade e multiculturalismo**. Ijuí: UNIJUÍ, 2003.

CAMARGO, LUÍS. **A ilustração do livro infantil**. Belo Horizonte: Lê, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 9 ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petropólis: vozes, v.1 e 2, 1994.

CHIAPPINI, Lúgia. **Reinvenção da catedral**: língua, literatura, comunicação novas tecnologias e políticas de ensino. São Paulo: Cortez, 2005.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. Ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2018.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

CUSTÓDIO, Melina Aparecida. **Documentário e pixação**: a escrita na rua como produção multissemiótica. In: ROJO, Roxane Helena R. MOURA, Eduardo (orgs.) **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

EDWARDS, Verónica. **Os sujeitos no universo da escola**: um ensino etnográfico no ensino primário. Tradução: Josely Vianna Baptista. São Paulo: Ática, 2003.

FERRAREZI JR, Celso; CARVALHO, Robson S. **De alunos a leitores**: o ensino da leitura da educação básica. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

FONSECA, Vitor da. **Aprender a aprender**: a educabilidade cognitiva. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Linguagem, cultura e alteridade**: Imagens do outro. Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP. Cadernos de Pesquisa, nº 107, julho/1999.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

INDURSKY, Freda. **Estudos da linguagem**: a leitura sob diferentes olhares teóricos. In: TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento, escrita e leitura**: questões contemporâneas. Campinas, SP: Mercado das letras, 2010.

JEKUPÉ, Olívio. **Literatura nativa**. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) **Literatura indígena brasileira contemporânea**: criação, crítica e recepção [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.>https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR<

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

KRENAK. Aílton. **Retomar a história, atualizar a memória, continuar a luta**. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) **Literatura indígena brasileira contemporânea**: criação, crítica e recepção [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.>https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

LEAL, Marisa. MOLLICA, Maria Cecília. **Letramento em EJA**. São Paulo: Parábola, 2009.

LÉVI-STRAUSS. **História de Lince**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

LIGÓRIO, Ludmila Martins. **Problematizando representações acerca dos povos indígenas**: uma experiência fundamental. In: **Povos indígenas & educação**. BERGAMASCHI, Maria Aparecida; ZEN, Maria Isabel Habckost Dalla; XAVIER, Maria Luisa Merino de Freitas(orgs). Porto Alegre: Mediação, 2012.

LUCIANO, Gersem S. **O índio Brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade/LACED/Museu Nacional, 2006.

LUIZ, Fernando Teixeira et. al. **Tamanho não é documento**: teoria, crítica e proposta de atividades com narrativas curtas. In: SOUZA Renata Junqueira de. et. al (organizadores) **Leitura literária na escola**: reflexões e propostas na perspectiva do letramento literário. Campinas: Mercado de letras, 2011.

MEC. **PARÂMETROS Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa**, 3º e 4º ciclos. Brasília, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, 1988.

MARIOSIA, Gilmara Santos; REIS, Maria da Glória dos. **A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças**. Estação Literária, v. 8, p. 42-53, dez. 2011.

MARTINS, Edilson. **Nossos índios nossos mortos**. Rio de Janeiro: Codecri LTDA, 1978.

MEDEIROS, Juliana Schneider. **Povos indígenas e a lei 11.645** (In) visibilidade no ensino da história do Brasil. In: **Povos indígenas & educação**. BERGAMASCHI, Maria Aparecida; ZEN, Maria Isabel Habckost Dalla; XAVIER, Maria Luisa Merino de Freitas (orgs). Porto Alegre: Mediação, 2012.

MORAIS, Rommeryto Augusto Oliveira. **Os indígenas do Sabugy no período do pós-contato**. Guarabira: UEPB, 2011.

MELO NETO, Francisco P. de. **Marketing de eventos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

MILLER, Carolyn R. **Gênero textual, agência e tecnologia**. Ângela Paiva Dionísio. Judith Chambliss Holfnagel (organizadoras) tradução de texto para o português Judith Chambliss Holfnagel. São Paulo: parábola editorial, 2012.

MIRIM, Werá Jeguaka. **Quando uma pessoa se torna ativista**: Werá Jeguaka Mirim, o rapper Kunumi MC. In: Escola de ativismo. Revista Tuíra 01_WEB/pdf, jan. 2019. Disponível em: >https://escoladeativismo.org.br/wp-content/uploads/2019/02/Tuira01_WEB.pdf<

MIRIM, Werá Jeguaka. **Kunumi Guarani**. Ilustração: Gilberto Miadaira. São Paulo: Pandas Book, 2014.

MUNDURUKU, Daniel. **Histórias de índio**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

NOVA, Vera Casa. **Semiótica, interdisciplinaridade e modelo fractal: indagações** In: **Caos e ordem na filosofia e nas ciências**. SANTAELLA, Lucia e VIEIRA, Jorge Albuquerque (Orgs). São Paulo: EDUC, 1988.

PASQUOTTE-Vieira, Eliane A. et.al. **A canção roda-viva: da leitura às leituras**. In: ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (orgs). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola editorial, 2012.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica & literatura: edição reorganizada e acrescida de novos textos**. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1987.

PIMENTEL, Spensy. **O índio que mora na nossa cabeça: sobre as dificuldades para entender os povos indígenas**. São Paulo: Prumo, 2012.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. Lorena: DM, 2018

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. São Paulo: Global, 2004

PREZIA, Benedito. **História da resistência indígena: 500 anos de luta**. 1. ed. São Paulo: Expressão popular, 2017.

PRETI, Dino (org) **Análise de textos orais: Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo (Projeto NURCISP - Núcleo USP)**. 4. ed. – São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH USP, 1999.

RIBEIRO, Vera Masagão (Org.) **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001**. São Paulo: Global, 2003.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Novas tecnologias para ler e escrever – algumas ideias sobre ambientes e ferramentas digitais na sala de aula**. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

RISÉRIO, Antônio. **Palavras Canibais**. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção [recurso eletrônico]**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.>https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR<

RAMOS, Viviane Katwe Pereira Ramos; SANTOS, João Marcos Leitão. **Repensando a figura do índio na contemporaneidade: apropriação e resistência**

online através do site Índio Educa. In: OLIVEIRA, Ariosvalber de Souza, et al. (organizadores) **UBUNTU: Educação, alteridade e relações étnico-raciais**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2016.

RAMOS, Flávia Brocchetto. **Literatura na escola: formação do leitor cidadão**. *Anais do XI Congresso internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada*. São Paulo: ABRALIC, 2006.

ROJO, Roxane. **Alfabetização e letramentos múltiplos: como alfabetizar letrando?** IN: RANGEL, Egon Oliveira e ROJO, Roxane Helena Rodrigues. *Lingua portuguesa: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção explorando o ensino; v.19)

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo(orgs). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
Silveira, E.G. *Sobre a literatura Xacriabá*. Brasília: MEC, 2005.

SILVA CLEMENTE, Marcelo. **Gêneros da escrita acadêmica: questões sobre ensino e aprendizagem**. In: REINALDO, M. Augusta; MARCUSCHI, Beth; DIONISIO, Angela (orgs.). **Gêneros textuais: práticas de pesquisa e práticas de ensino**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

SILVA, Elisabeth Maria de. **Gêneros textuais em provas de vestibular: correlação entre jogos enunciativos e histórico de letramento**. In: REINALDO, M. Augusta; MARCUSCHI, Beth; DIONISIO, Angela(orgs.) **Gêneros textuais: práticas de pesquisa e práticas de ensino**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

SOARES, Magda **Alfabetização e letramento**. 6 ed., 6° reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011. 123 p.

SAHLINS, Marshall. **O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica porque a cultura não é objeto em via de extinção** – parte 1. *Mana* 3 (1), 1997.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramento de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SOUZA, Ely Ribeiro de. **Literatura indígena e direitos autorais**. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção [recurso eletrônico]**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

SOUZA, José Otávio Catafesto de. Reconhecimento oficial da autonomia e da sabedoria dos agentes originários e reorientação do projeto (inter)Nacional Brasileiro. In: **Povos indígenas & educação**. BERGAMASCHI, Maria Aparecida;

ZEN, Maria Isabel Habckost Dalla; XAVIER, Maria Luisa Merino de Freitas(orgs). Porto Alegre: Mediação, 2012.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. **Uma outra história**, a escrita indígena no Brasil. São Paulo, Instituto socioambiental/PUC, 2006. https://pib.socioambiental.org/pt/Uma_outra_hist%C3%B3ria,_a_escrita_ind%C3%A9gena_no_Brasil

TACCA, M. C. V. R. **Estratégias pedagógicas**: conceituações e desdobramentos com o foco na relação professor-aluno. In: M. C. V. R. *Tacca, Aprendizagem e trabalho pedagógico*. Campinas, SP: Ed. Átomo e Alínea, 2006.

TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Da história verdadeira à verdade da ficção ou de como as narrativas indígenas vêm se tornando Literaturas. In **Povos indígenas & educação**. BERGAMASCHI, Maria Aparecida; ZEN, Maria Isabel Habckost Dalla; XAVIER, Maria Luisa Merino de Freitas (orgs). Porto Alegre: Mediação, 2012.

THIÉL, Janice Cristine, et al. **A literatura indígena na escola**: reflexões sobre a pluralidade cultural X Congresso Nacional de Educação (EDUCERE). I seminário internacional de representações sociais, subjetivas e educação – SIRSSE. Curitiba: PUCPR, 2011.

VIEIRA, Carlos Magno Naglis. **O que interessa saber de índio?** Um estudo a partir das manifestações de alunos de Escolas de Campo Grande sobre as populações indígenas do Mato Grosso do Sul. Campo Grande: UCDB, 2008.

WAPICHANA, Cristino. **Por que escrevo?** – relato de um escritor indígena. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) **Literatura indígena brasileira contemporânea**: criação, crítica e recepção [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

ANEXOS

ANEXO A – Documentos necessários para a pesquisa

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA / UEPB - PRPG



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO ATRAVÉS DO RAP INDÍGENA DO KUNUMI MC

Pesquisador: MARIA ANUNCIADA DE BRITO LEAL

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 16193019.2.0000.5187

Instituição Proponente: Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.459.702

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de pesquisa do Mestrado Profissional de Letras da Universidade Estadual da Paraíba. O projeto é relevante para a área da educação. LÊ-SE: "Uma proposta para o letramento literário através do rap indígena do Kunumi Mc aborda um temática que prestigia a literatura indígena através do gênero rap. Essa proposta propõe que a literatura nativa (produzida por índios) circulem nos espaços escolares instigando os aprendizes a conhecerem a cultura, hábitos, aspectos sociais dos povos ameríndios. Além disso, inserimos a aplicabilidade da lei nº11.645/08 que vigora em favor desses textos indígenas circularem nas escolas". "Justifica-se, assim, nossa pesquisa, tornar o aluno conhecedor da literatura indígena, através de textos produzidos pelos próprios índios. Para, através da leitura, conhecer seus hábitos, costumes e cultura". O projeto está bem redigido, com um vasto referencial teórico, e com objetivos e metodologia bem delimitados.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo geral é "Analisar a prática de leitura de textos escritos por índios numa turma do ensino fundamental no intuito de oferecer aos aprendizes textos literários indígenas de aspectos multimodais (temas, imagens, ilustrações) fortalecendo, assim, a pluralidade de "vozes" sociais e culturais que constituem a Literatura".

Como objetivos específicos: "Promover a prática de letramento literário em textos de origem

Endereço: Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário

Bairro: Bodocongó

CEP: 58.109-753

UF: PB

Município: CAMPINA GRANDE

Telefone: (83)3315-3373

Fax: (83)3315-3373

E-mail: cep@uepb.edu.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA / UEPB - PRPGP



Continuação do Parecer: 3.459.702

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1357766.pdf	11/07/2019 22:30:58		Aceito
Outros	TCLE.pdf	11/07/2019 22:26:07	MARIA ANUNCIADA DE BRITO LEAL	Aceito
Outros	TALE.pdf	11/07/2019 22:25:07	MARIA ANUNCIADA DE BRITO LEAL	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	11/07/2019 22:21:59	MARIA ANUNCIADA DE BRITO LEAL	Aceito
Outros	TAGV.pdf	11/07/2019 22:19:02	MARIA ANUNCIADA DE BRITO LEAL	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto2.pdf	11/07/2019 22:17:34	MARIA ANUNCIADA DE BRITO LEAL	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	CONSENTIMENTO.pdf	20/06/2019 16:41:07	MARIA ANUNCIADA DE BRITO LEAL	Aceito
Outros	Declaracao.pdf	20/06/2019 16:39:25	MARIA ANUNCIADA DE BRITO LEAL	Aceito
Declaração do Patrocinador	PATROCINADOR.pdf	20/05/2019 22:32:40	MARIA ANUNCIADA DE BRITO LEAL	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	pesquisadores.pdf	20/05/2019 22:23:03	MARIA ANUNCIADA DE BRITO LEAL	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto.pdf	20/05/2019 22:10:11	MARIA ANUNCIADA DE BRITO LEAL	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINA GRANDE, 18 de Julho de 2019

Assinado por:

Dóris Nóbrega de Andrade Laurentino
(Coordenador(a))



ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, DA CULTURA,
9ª DIRETORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO,
DA CULTURA E DOS DESPORTOS
ESCOLA ESTADUAL DOM MANUEL TAVARES DE ARAÚJO
CNPJ Nº 01.785.566/0001-39



Escola Estadual
Dom Manuel Tavares de Araújo
Rua 813/815-911 EQUADOR-RN

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL (TAI)

Estamos ciente da intenção e autorizamos a realização do projeto intitulado **Uma proposta para o letramento literário através do rap indígena do Kanumi Mê**, desenvolvida pela aluna Maria Anunciada de Brito Leal do Curso de mestrado no programa PROFLETRAS da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), sob orientação da professora Doutora Rosilda Alves Bezerra.

Equador-RN, 17 de maio de 2019

Armidês Gomes dos Santos

ARMIDÊS GOMES DOS SANTOS

Armidês Gomes dos Santos
Diretora
Aut. 036/19

ANEXO B – tabela de transcrição do oral para versão escrita
NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO*
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda... () nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entonação enfática	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os... ch ::: ... o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	... '	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))

* Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP nº 338 EF e 331 D².

PRETI, Dino (org) **Análise de textos orais**: Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo (Projeto NURC/SP - Núcleo USP). 4. ed. – São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999.

ANEXO C – Raps do Kunumi Mc

Álbum Meu sangue é vermelho - Kunumi MC

1- *Kunumi chegou*

Tem que ter fé nego,
Porque nela que estão as nossas forças.
Tem que querer e querer!

Lutar pelo povo e ser o que é
Na multidão, você não é o melhor
Mas pode agir como ela
Sempre com humildade, raciocínio consciente
Grave isso em sua mente

Posso fazer um rap
Cantando
Rimando
Pedindo
Pela demarcação

Jovem "negô" rimando poeta eu sou!
Sou o Kunumi, luto pelo povo
E hoje eu sou assim...

Luto, por causa do meu povo
E por causa dos negros
Que são muito humilhados

Nego, o Kunumi chegou
E o que vale em cheque mate com meu povo hoje estou

Poesia
É um esporte corretiva poderá mudar o mundo
Sem briga, e com democracia
Raciocínio consciente do "meu sangue é diferente"
Rimando, um índio consciente

Rap indígena
E o meu povo me inspira
Fumando petingua, encontramos bom lugar
Rimando, a rima consciente
Somos "o cara que defende" é

Nego, o Kunumi chegou
Tentando demarcar e é zika para lutar
Nego o Kunumi chegou
Tentando demarcar e salvar o nosso estar

2- "Guarani Kaiowa - Kunumi MC

Tem um povo que sofre muito lá no Mato Grosso Guarani Kawoa
Estão sofrendo, mas não correndo por que a luta não acaba por aqui!
Temos que lutar Pave'im anhentema xeayvu, nhande yvy
Jajopy Ava, jaikó porá awã.

Guarani Kaiowa *penha'ã eté*, vamos lutar todo mundo
Porque aquele ato que o xondoro faz nunca irá cair,
Com cada força de vocês
Preservamos a cultura e a natureza, a cultura e a natureza!

Refrão (2X)

Guarani Kaiowa, Guarani Kaiowa
Somos todos Guarani Kaiowa!

Guarani Kaiowa, Guarani Kaiowa
Somos todos Guarani Kaiowa!

A luta pelas terras não acaba por aqui.
Só vai acabar quando nós conseguir.
Guarani Kaiowa pra vocês que estão ai
Lutando pelas terras, sem miséria, sem fim.
A vida é sofrida, a culpa é dos Juruá kuery que mata os indígenas.
Só pode ser um maluco, querendo mais tudo e querendo as terras pra fazer uma
fazenda.
Mais nós, os indígenas, rezamos por Deus que salve os Guarani Kaiowa

Refrão (2X)

Guarani Kaiowa, Guarani Kaiowa
Somos todos Guarani Kaiowa!

Guarani Kaiowa, Guarani Kaiowa
Somos todos Guarani Kaiowa!

3 - Nunca Desistir - Kunumi MC

Tamos aqui na luta, sempre alto astral,
Que é tudo por direitos, queremos mais respeito.
Guarani mbya, jaje'oi na luta,
Mando com respeito porque esse é meu lugar.
Nhandeva'e na rima, com isso vai pra cima,
Queremos harmonia, na mata bem vivida.
Poesia, linda rima, bela rima muda tudo, não me ludo, nhanderu pra noiz é tudo.

Refrão:

Juruá ruvixa revé nhain
Juruá ruvixa revé nhain

Juruá ruvixa revé nhain
Juruá ruvixa revé nhain

Ayma roim sempre auto astral, direito rojopy awã,
Roipota respeito.
Xerentarã kuery jaje'oi ja luta,
Peixa xeayvu, koova'e py nhandekuaia.

Refrão:

Juruá ruvixa revé nhain
Juruá ruvixa revé nhain
Juruá ruvixa revé nhain
Juruá ruvixa revé nhain

4- Parei e pensei

Flores, rosas, frio, calor
 Coração se encanta e fortalece com amor (2x)

Infinito, parei e pensei
 Alcancei, no além do infinito
 Coração sem dor responde sempre com amor
 Flores azuis, vermelhas, emoções
 Natureza cresce rápido por conta das paixões(2x)

Corações, vem do rap, caiu, guerreiro

Kyringue'i, kyinguei'i joguero jae'ó.
Yvy Porã, ka'aguy Porã
Ndoroguerেকেই
Oré rovy'i awã
Oré rovy'i awã

O homem, o próprio negro também têm os seus direitos alto astral, com carisma,
 amor infinito.

Eu rimei, batalhei para dizer que conquistei
 Na vida e na morte encontra-se uma lei

Kyringue'i, kyinguei'i joguero jae'ó.
Yvy Porã, ka'aguy Porã
Ndoroguerেকেই
Oré rovy'i awã
Oré rovy'i awã

Flores, rosas, frio, calor
 Coração se encanta e fortalece com amor
 Infinito, parei e pensei...

5 – Tentando demarcar

Tentando demarcar e salvar o nosso estar
Tentando demarcar!

Vida diferenciada, natureza poluída
E os brancos se fascina não tem jeito só me irrita
demarcando as nossas terras
Tudo isso vai mudar
Ar puro, água fresca tudo sem pagar.
Tentando demarcar
E salvar o nosso estar(2x)

Sabe, sabe, sabe, sabe, sabe como é que é(3x)

Minha família me apóia e também a minha aldeia
E os caras ficando me zuando
Minha rima vai com tudo e os caras ficam mudo
Hoje eu sou um Kunumi Mc e agora estou aqui
Para fazer a minha rima
Os nossos manos é assim, sou da aldeia Kurukutu,
Pode crer é isso aí...

Tentando demarcar e salvar o nosso estar(2x)
Sabe como é que é!

Minha família unida é essa multidão
É essa a questão que mando para as ruas
Minha rima vai com tudo e os caras ficam mudos

Hoje eu sou o Kunumi Mc e agora estou aqui
Para fazer a minha rima
Os manos estão aqui, sou da aldeia Kurukutu
Pode crês é isso aí, é...
Sabe, sabe, sabe, como é que é(2x)
Tentando demarcar e salvar o nosso estar.

6- Justiça

Justiça, sei que um dia vai chegar
Para ter a certeza só basta acreditar (2x)

Lua cheia, pessoas que vivem em esquema
Na primeira, acham o problema,
Na segunda, fica o dilema
Se encontra mais o esquema, nunca mais crie o problema.

Yvy m̃a jaipotá, tem que poder demarcar
Para ganhar um bem lugar, respeitar e preservar
Mas o tocar o *mbaraká*
A gente tem que batalhar
E num *rap* protestar

Para um dia conquistar, conquistar.

Justiça, sei que um dia vai chegar
Para ter a certeza só basta acreditar(2x)

Será que não errei na demarcação das terras
Natureza está aquém, sei...
Animais, ribeirão, porque eles são bom
Mesmo não rimando, então, eu falo
Com coração, emoção, medindo bom som, sou, é a evolução
Tentando trazer a terra de volta para a nação
Demarcação, ei, acertei!

Também sei, que chorei,
Na primeira viajei, no rap me apaixonei e acertei.
Também sei que eu chorei no rap eu me expressei e hoje me sinto rei e acertei.
Também sei que eu chorei na primeira achei, no rap me apaixonei e acertei!
No rap, encontrei expiração para falar e falei.

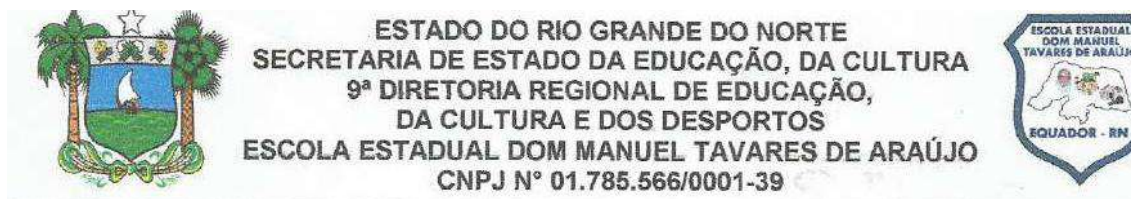
Não conseguia me expirar, mas o rap que me expirou.
Não conseguia me expirar, mas o rap que me expirou e vim falar.
Erva mate, chimarrão, grande Guiné, aywaska e o Jipie sabe o qual é?
Tentando demarcar para salvar o nosso estar para meu filho deixar!

Justiça sei que um dia vai chegar
Para ter a certeza só basta acreditar(2x)

APÊNDICE

APÊNDICE A

Solicitação de apresentação nas instituições escolares



Solicitação

A escola Dom Manuel Tavares de Araújo através da professora/pesquisadora Maria Anunciada de Brito Leal solicita o acolhimento de grupos de alunos na instituição administrada por Vossa Senhoria para uma apresentação de textos de literatura nativa (indígenas) com os alunos sendo agentes multiplicadores dessa temática nas turmas que compõem a referida escola. O trabalho faz parte de uma sequência didática para um projeto de mestrado cujo título é “Uma proposta para o letramento literário através do *rap* indígena do escritor Kunumi Mc”.

A apresentação apóia-se na lei 11.645/08 que institui a presença desse tema em sala de aula e segue com o plano de aula para que seja analisada pela equipe coordenadora da escola. Os grupos serão compostos por quatro alunos os quais irão apresentar um livro infanto-juvenil “Kunumi Guarani” (2014) e um *rap* “Guarani Kaiowa” do escritor Werá Jeguaka Mirim (escritor de literatura indígena).

Esperando uma resposta positiva, agradecemos antecipadamente.

Equador, 17 de agosto de 2019

Maria Anunciada de Brito Leal
Professora/pesquisadora

APÊNDICE B

Plano de aula para aplicação da proposta dos multiplicadores



SPROFLETRAS



Pró-reitoria de Pós-graduação.

Mestrado profissional em Letras

PROFLETRAS – Programa de Mestrado Profissional em Letras

Literatura infanto-juvenil através da literatura nativa

Orientadora: Dra. Rosilda Alves Bezerra

Mestranda: Maria Anunciada de Brito Leal

PLANO DE AULA

TEMA: Apresentação do livro Kunumi Guarani (2014) de Werá Jeguaka Mirim numa perspectiva nativa, além do *rap* Guarani Kaiowa da mesma autoria indígena.

TURMAS DA APLICABILIDADE: 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos do fundamental I e 2º ano médio.

DURAÇÃO DA ATIVIDADE: 2 hora-aula de 50 minutos.

JUSTIFICATIVA:

As histórias indígenas explicam a origem de vários fatos através do mistério e da fantasia. Além disso, elas têm um importante papel na educação dos educandos por que foram histórias contadas por séculos pelo colonizador que se apropriou delas indevidamente. A literatura nativa está se popularizando desde a década de oitenta e os índios brasileiros estão saindo da invisibilidade imposta a eles desde a colonização, A proposta também se baseiam na lei 11.645 /08 que defende a aplicação de temáticas indígenas nas escolas.

OBJETIVO GERAL:

Promover a prática de letramento literário em textos com a temática indígenas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Refletir sobre a diversidade cultural;
- Compreender que os índios não são povos homogêneos;
- Adquirir o gosto pela leitura desenvolvendo assim, por seu intermédio, a ludicidade e a capacidade de reflexão cultural;

CONTEÚDOS

1 – Apresentação da literatura indígena pelos alunos.

2- Apresentação do livro Kunumi Guarani(2014) de Werá Jeguaka Mirim em forma de leitura e também com apresentação de slides.

3 – Apresentação de vídeo do youtube com o *rap* Guarani Kaiowa

4 – Interpretação, análise e avaliação das turmas ouvintes a respeito dos povos indígenas.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Inicialmente, conversaremos com os estudantes sobre o que eles entendem sobre povos indígenas e se especificamente elas conhecem alguma narrativa indígena. Em seguida, introduziremos a temática nativa, explicando a importância desses povos na formação do povo brasileiro. Na sequência, exibiremos o vídeo com o *rap*. Nesse momento, consideramos que seja um momento de sensibilização da temática. Após a leitura teremos um momento de socialização no grupo a respeito dos textos.

AValiação:

A avaliação ocorrerá de forma processual, ao longo de todas as atividades ministradas, as quais contemplam o desenvolvimento das habilidades de leitura crítica/participativa. Porém é necessário observar e avaliar a contribuição e

participação dos alunos no que se refere à interpretação e debate acerca dos textos estudados e suas inferências produzidas a partir da leitura dos textos.

BIBLIOGRAFIA:

MIRIM, Werá Jeguaka. **Kunumi Guarani**. 1°.ed, São Paulo: Pandas Book, 2018.

>[youtube.com/watch?v=0NzrTPZwLdw](https://www.youtube.com/watch?v=0NzrTPZwLdw) < acesso no dia 17 de julho 2019, as 13h15

APÊNDICE C

Impressões e opiniões sobre os raps tentando demarcar e Justiça

Interpretação dos raps: *Tentando demarcar e Justiça.*

01 - Que mensagens esses rap se propõem a transmitir?

QUE ELE E OS "MÃOS" DELE, QUEREM A DEMARCAÇÃO DAS TERRAS

02 - Quais os sentimentos que o eu lírico revela nos versos da música?

SE APROXIMOU, CHOROU, ENCONTROU EXPIRAÇÃO, ESPERANÇA

03 - Pode-se afirmar que o rap é uma crítica ao sistema governamental vigente?

Explique. SIM, POIS ELE QUER CONQUISTAR A "BATALHA" NO RAP PROTESTANDO.

04 - Explique os versos "Vida diferenciada, natureza poluída/E os brancos se fascina não tem jeito só me irrita/Não tem jeito, demarcando as nossas terras/Tudo isso vai

mudar" baseado em tudo que você já estudou sobre os índios. QUE OS BRANCOS ESTÃO DESTRUINDO A NATUREZA, E ISSO IRRITA A ELAS E NÃO QUEREM DEMARCAR AS TERRAS. ESSE VERSO MOSTRA IRRITAÇÃO

05 - A quem o eu poético se refere nestes versos? "Os caras fica mudo/Hoje eu sou um

Kunumi Mc e agora estou aqui/Para fazer a minha rima." Explique.

AO BRANCO, POIS ELE NÃO "VER" UMA RESPOSTA PARA SEU RAP, NAS ATITUDES.

06 - Nos versos "A gente tem que batalhar/ E num rap protestar/Para um dia conquistar" o autor convoca o povo para lutar junto com ele, por quê?

POIS, SÓ UMA PESSOA SOZINHA NÃO CONSEGUE MUITA COISA, MAS TODOS OS INDÍGENAS JUNTOS VÃO CONQUISTAR MUITO MAIS.

07 - O texto está em forma de poesia. E tem como finalidade discutir as desigualdades

praticadas com os povos indígenas entre elas a demarcação de terras, o que você

entende por demarcação? DEMARCAÇÃO DE TERRAS, É OS INDÍGENAS

TER "TERRAS" PARA A PRODUÇÃO, MORADIA ENTRE OUTRAS COISAS.

08 - O que você conhece do ativismo de Werá Jeguaka Mirim ou Kunumi Mc?

QUE ELE É UM ATIVISMO PELA CAUSA INDÍGENA, ELE "LUTA" NOS SEUS RAPS.

09 - Que estilo musical é usado pelo cantor e o que você sabe sobre esse ritmo?

RAP, ELE É USADO PARA MOSTRAR MAIS ATITUDE, DEFENDER OU FAZER UMA "LUTA" EM PALAVRAS.

10 - Qual o assunto do primeiro rap?

DEMARCAÇÃO DAS TERRAS

11 - Qual o assunto do segundo rap?

JUSTIÇA

12 - Na sua opinião, os raps do Kunumi atingem os objetivos que se propõem?

SIM, POIS ELAS SEMPRE "LUTA" COM PALAVRAS "CLARAS" E "OBJETIVAS", ONDE TODOS ENTENDEM.

13 - Quais as sugestões que você daria para o Kunumi em relação aos povos indígenas?

MINHA ÚNICA SUGESTÃO É QUE ELE CONTINUE CRIANDO SEUS RAPS, INCENTIVANDO AS PESSOAS A LUTAREM OU SER UM ATIVISTA, PARA CONQUISTAREM O QUE REALMENTE ELAS QUEREM. ENTÃO ELE DEVE CONTINUAR COM O QUE ESTÁ FAZENDO.

Interpretação dos raps: *Tentando demarcar e Justiça.*

- 01 - Que mensagens esses rap se propõem a transmitir? *ca luta e busca de justiça indígena, Tentando conquistar demarcações.*
- 02 - Quais os sentimentos que o eu lírico revela ao ~~cantor~~ nos versos da música?
melancolia, desprimento
- 03 - Pode-se afirmar que o rap é uma crítica ao sistema governamental vigente? Explique. *Sim, o rap fala sobre a justiça, ao qual o governo não faz.*
- 04 - Explique os versos "Vida diferenciada, natureza poluída/E os brancos se fascina não tem jeito só me irrita/Não tem jeito, demarcando as nossas terras/Tudo isso vai mudar" baseado em tudo que você já estudou sobre os índios. *os "brancos" que se poluído, e o homem que pulou, grata a uruta, tomam suas terras, e esse é o modo de se pedir a demarcações.*
- 05 - A quem o eu poético se refere nestes versos? "Os caras fica mudo/Hoje eu sou um Kunumi Mc e agora estou aqui/Para fazer a minha rima." Explique.
de referir aos homens que não coopera para que os índios tenham seu direito.
- 06 - Nos versos "A gente tem que batalhar/ E num rap protestar/Para um dia conquistar" o autor convoca o povo para lutar junto com ele, por quê?
Porque depois de tanto tempo de luta, viu que os índios próprios não conseguem (duas que os brancos protestam/ditam, conseguem!)
- 07 - O texto está em forma de poesia. E tem como finalidade discutir as desigualdades praticadas com os povos indígenas entre elas a demarcação de terras, o que você entende por demarcação? *Demarcação é o direito em que os índios ditam, para que tenham liberdade de viver em suas próprias terras.*
- 08 - O que você conhece do ativismo de Werá Jeguaka Mirim ou Kunumi Mc? *Tomaram a iniciativa de lutar pela causa, em coletividade, pois sabem que ninguém lutava, e não foram os mesmos*
- 09 - Que estilo musical é usado pelo cantor e o que você sabe sobre esse ritmo?
rap, nele expressam estilo de vida.
- 10 - Qual o assunto do primeiro rap? *mostra que está lutando pelo seu lar, e a família após a sua iniciação de luta.*
- 11 - Qual o assunto do segundo rap? *mostra que ele acredita que alcançará justiça, e o que passou e sente na sua busca.*
- 12 - Na sua opinião, os raps do Kunumi atingem os objetivos que se propõem?
sim.
- 13 - Quais as sugestões que você daria para o Kunumi em relação aos povos indígenas?
Protestos e manifestações de índios nas ruas!

Interpretação dos raps: *Tentando demarcar e Justiça.*

01 - Que mensagens esses rap se propõem a transmitir?

A luta dos índios pela Demarcação. É que havia igualdade.

02 - Quais os sentimentos que o eu lírico revela ao cantor nos versos da música?

exponem sua gaitra de lutar todos dias o sofrimento que o seu povo sente.
03 - Pode-se afirmar que o rap é uma crítica ao sistema governamental vigente? Explique. Sim, pois com os novos governos, os direitos dos indígenas não estão sendo realizados.

04 - Explique os versos "Vida diferenciada, natureza poluída/E os brancos se fascina não tem jeito só me irrita/Não tem jeito, demarcando as nossas terras/Tudo isso vai mudar"

baseado em tudo que você já estudou sobre os índios. Ao longo do tempo, o homem só tem destruído o planeta e admirado com suas obras, sem se importar com os danos e expulsando cada vez mais os índios.

05 - A quem o eu poético se refere nestes versos? "Os caras fica mudo/ Hoje eu sou um índio. Kunumi Mc e agora estou aqui/ Para fazer a minha rima." Explique.

O homem branco, pois hoje ele luta e se expressa através do rap, propõem e transmitem a realidade dessa injustiça.

06 - Nos versos "A gente tem que batalhar/ E num rap protestar/ Para um dia conquistar" o autor convoca o povo para lutar junto com ele, por quê?

pela justiça, lutar para conquistar o seu lugar, não é roubo, nem crime, são apenas direitos.

07 - O texto está em forma de poesia. E tem como finalidade discutir as desigualdades praticadas com os povos indígenas entre elas a demarcação de terras, o que você entende por demarcação?

é espaço, é lugar, é cultura, é direito. Demarcação luta diária para conquistar o seu lugar.

08 - O que você conhece do ativismo de Werá Jeguaka Mirim ou Kunumi Mc?

É uma luta coletiva, que todos lutam pelos seus direitos, com paz e harmonia, sem violência, é assim que eles vivem.

09 - Que estilo musical é usado pelo cantor e o que você sabe sobre esse ritmo?

rap. pode falar de qualquer assunto, rimando e cantado.

10 - Qual o assunto do primeiro rap?

a luta pela demarcação.

11 - Qual o assunto do segundo rap?

A Injustiça vivida pelos indígenas.

12 - Na sua opinião, os raps do Kunumi atingem os objetivos que se propõem?

aos poucos irá conquistar seus objetivos.

13 - Quais as sugestões que você daria para o Kunumi em relação aos povos indígenas?

que o povo mostre cada vez mais o sofrimento, e a sua luta contra a injustiça e que não fosse contra os brancos, pois nem todos são iguais e tentam entender como os brancos pensam.

APÊNDICE D

Opiniões e argumentos sobre o rap Kunumi chegou

Qual sua opinião sobre povos indígenas, mais principalmente dos Kurumi Mc.

Devido os índios e negros não terem voz, direitos, e etc etc, O jovem índio tomou a atitude, de, usando a música mostrar aos "brancos" que o índio também é humano. Sua intenção é abrir os olhos do mundo, para que coloquem um fim no preconceito, e atitudes desumanas. Eles querem, mais não podem, ou até não conseguem. Falam que seu sangue é vermelho, para mostrar que, são humanos, e todo ser humano, merece e tem que ter seu direito.

São isolados, cultos, e revoltados com todas as privações não demandadas. Querem ser ouvidos, querem ser vistos! vistos como eles realmente são, não vistos como pensam.

Nós ensinaram na escola que somos descendentes de portugueses e ocultaram os indígenas, mas penso que todo brasileiro é índio, temos costumes e tradições, não há como negar que no fundo todos temos sangue vermelho.

Eles vão contra o modo de convivência dos brancos, são socialistas, somos filhos da terra, vivemos o hoje, sem esperar nada do amanhã.

Roubaram suas terras e mataram sem consciência. Hoje eles estão lutando, por vez e voz, querem ser ouvidos e essa busca não é recente.

Os indígenas não estão roubando, mas sim, recuperando.

ALGUMAS PESSOAS QUE TÊM DESCENDENTE E SÃO INDÍGENAS NÃO TEM ORGULHO DE SEREM; POIS ESTAM ACOSTUMADO NA CULTURA "PORTUGUESA/BRANCA".

VERÁ JAGUAKA MIRIM, O RAPPER KUNUMI MC, É UMA ATIVISTA PELA DEMARCAÇÃO, ELIS PROTESTA POR MEIO DE RAP OU EM POESIAS CANTADAS NO RAP "O KUNUMI CHEGOU"; A PARTE:

"NEGO, O KUNUMI CHEGOU
TENTANDO DEMARCAR E É ZIKA PARA LUTAR
NEGO O KUNUMI CHEGOU
TENTANDO DEMARCAR E SALVAR O NOSSO ESTAR".

OS ÍNDIOS SÃO GUERREIROS, MUITAS PESSOAS NÃO PENSAM ASSIM POIS PENSAM QUE ELLES SÃO OCULTOS, MAS SUAS CULTURAS É BEM CONHECIDA E INTERESSANTE.
O KUNUMI É UM ÍNDIO CORAJOSO POIS DEFENDER, A SUA TRIBO E OS NEGROS É ALGO SURPREENDENTE. ME SINTO GRATA, POR CONHECER UM POUCO E VOU CONHECER MAIS, A CULTURA INDÍGENA. ESPERO QUE MAIS PESSOAS SE INTERESSEM NESSE ASSUNTO, POIS TAMBÉM É A NOSSA CULTURA, IGUAL A NÓS!

APÊNDICE E

Artigo de opinião sobre Demarcação de terras indígenas

Seg Ter Qua Qui Sex Sáb Dom

Demarcação

Diante do preconceito étnico ainda existente a história brasileira deixa clara a posição inferior imposta aos índios. Desde a época da colonização os povos indígenas vêm sendo prejudicados, não só no aspecto cultural, mas, principalmente em relação à moradia.

Apesar de ter o direito a terra garantido por lei os índios ainda enfrentam problemas, como a invasão de terras rúntas feitas por caçadores, garimpeiros ou por empresas que causam o desmatamento da floresta que eles habitam.

Não bastando a invasão, ainda há relatos de agressões como torturas, espancamentos e até mesmo assassinatos aos índios em razão da riqueza de abundância do seu território, ou mesmo, por racismo e preconceito. Mas em meio a tudo isso, há órgãos que lutam pelos direitos dos índios, como a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) que são responsáveis pela proteção dos direitos dos povos indígenas no território nacional brasileiro de acordo com a constituição.

Logo medidas governamentais devem ser tomadas para, assim, abolir essa desigualdade que viola os preceitos culturais e constitucionais, como, a proibição mais rígida à empresas e pessoas físicas que, tentem continuar invadindo as terras e agredindo os índios, deveria, também, implementar sistema de monitoramento no mata para que a exploração florestal clandestina seja finalizada e regulamentada, garantindo, assim, a saúde da floresta e a segurança aos povos originais do Brasil.

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

DEMARCAÇÃO DE TERRAS INDÍGENAS

OS POVOS INDÍGENAS SÃO MUITO IMPORTANTES DEVIDO A SUA CULTURA, URMIA & TRADIÇÕES, MAS ESSES POVOS ESTÃO DESAPARECENDO POR CAUSA DO DESMATAMENTO NAS FLORESTAS, ABERTURAS E CONSTRUÇÃO DE FERROVIAS, O QUE LEVA ESSES POVOS A ABANDONAREM SUAS ALDEIAS.

SUA POPULAÇÃO ESTÁ EM NÍVEL MUITO BAIXO EM RELAÇÃO AO QUE ERA ANTES. OS NATIVOS TAMBÉM SÃO AFETADOS PELO PRECONCEITO DA SOCIEDADE & PRINCIPALMENTE PELAS CONSTANTES DISPUTAS TERRITORIAIS PELA DEMARCAÇÃO ENTRE OS AGRICULTORES E INDÍGENAS. COM ISSO, OS INDÍGENAS TEM GRANDES DIFICULDADES PARA SOBREVIVER DE ACORDO COM SEUS COSTUMES E CULTURA.

É NECESSÁRIO MEDIDAS PARA AMUNIZAR ESSE TIPO DE PROBLEMA DOS ÍNDIOS EM RELAÇÃO ÀS SUAS TERRAS E OS SEUS DIREITOS COMO CIDADÃO. O GOVERNO DEVE PROMOVER POLÍTICAS VOLTADAS AO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E REDUZIR ESSE TIPO DE PROBLEMA QUE OS INDÍGENAS ENFRENTAM NOS DIAS DE HOJE.

Demarcação já!

A demarcação de terras é o direito em que os humanos não dão aos povos indígenas. O governo brasileiro a cada dia toma posse de territórios pertencentes aos índios aos quais lutam protestando pelos seus direitos, mas são povos que são vistos de forma preconceituosa e excluída.

O número dos povos indígenas têm diminuído a cada dia, pois tomam as suas terras de forma totalmente agressiva, em muitos casos. Além como temas os nossos direitos, deveríamos de forma humana buscar mais soluções e argumentos para que os índios tenham uma liberdade, e que possam viver sem exploração.

A humanidade a cada dia está crescendo e se desenvolvendo de forma errada, ao invés de dependermos das origens como os índios, fazemo-nos de vítimas, enquanto as tribos estão sendo atingidas por novos preconceitos, lutamos apenas por nós e nossos direitos.

APÊNDICE F

Artigo de opinião após a palestra sobre a passagens dos índios pelo Seridó/Sabugy.

O indígena

Acredita-se que antigamente os indígenas eram felizes mais tudo mudou quando os portugueses chegaram as terras que os indígenas já habitavam. Os indígenas não contavam com nenhum tipo de apoio da hierarquia política que pudesse o ajudar. Apesar disso não podemos ignorar que alguns guerreiros eram valorizados pelas habilidades que detinham, muitas vezes os diferentes tribos juntavam-se para ir em busca de novas terras culturais, os povos organizavam aldeias para buscar sustento.

Os indígenas desenvolveram a exploração da caça e pesca. Muitos acreditam que índios e indígenas são palavras sinônimas da outra, mas poucos sabem que a palavra índio não existe que essa palavra ~~é~~ ~~o~~ é o apelido que colocaram nesse povo, poucos valorizam eles mais se pararmos para pensar os indígenas são os povos que mais valoriza o meio ambiente, muitos fazem com que eles deixem de existir. Os portugueses quando chegaram queriam os eliminar eles para ficar com as riquezas daquelas terras, poucos pensam nisso mais os indígenas deveriam ser mais valorizados pois todos nos temos partir com esses povos pois muitas coisas que fazemos no dia a dia como tomar chá beber água de coqueiro e etc...

Conclusão Vamos deixar de excluir quem

mais ajudou que mais lutou por nossas
 terras quem mais valorizava nossos ambientes
 como deixar o preconceito de lado e pensar que
 muito das nossas costumes vieram deles e ho-
 je deixam eles de lado por serem mais
 avançados que os indígenas.

Vamos amar o próximo sem pensar em pre-
 conceitos e não pensar nos bens que eles nos di-
 xou vamos valorizar quem mais ajuda nos-
 so ambiente

APÊNDICE G

Impressões e opiniões sobre os indígenas e as produções dos raps produzidos pelos alunos.

7- Um dos maiores dramas indígenas hoje é a demarcação de suas terras, esse drama incomoda as pessoas? Cite um trecho da música para justificar sua resposta. OS BRANCOS SE FASCINA NÃO TEM SEIDO SÓ MIM IRRITA.

8- O rap é ouvido mundialmente. Por que o nativo Wera Jéguua Mirim, mais conhecido como Kunumi Mc utilizou esse estilo musical para suas reivindicações? Explique. PORQUE OS RAPS ESTÃO EM ALTA E ELES VIO UMA CHANCE E NESSE ESTILO.

9- Se você fosse o interlocutor desse texto, quais seriam suas reações no decorrer da leitura e como você responderia a ele? ESSE RAP É MUITO BOM POR QUE TRAZ, VOU AJUDAR A DEMARCAR AS TERRAS EM ALTO.

10- Os raps escolhidos para o desenvolvimento do trabalho em sala, foi "Kunumi chegou", "Demarcando já" e "Guarani Kaiowa" do cantor de rap Kunumi Mc que aborda a questão da luta dos indígenas, a violência e o descaso do Estado com as classes dominadas sem estruturas básicas para sobrevivência. E a partir dessas letras, vocês farão seus relatos da realidade, fazendo também com que surjam também seus raps, suas interpretações, manifestação de sentimentos, experiências, ideias, opiniões e realidades cotidianas. Registre aqui seu rap e mostre a reflexão que a música proporcionou para vocês.

NO OUTRO MÊS DE AGOSTO
 NOSSA TURMA VAI VIAJAR
 VAMOS CONHECER AS TRIBOS
 LÁ EM MAMAQUAPÉ.

VAI SER ÓTIMO CONHECER ÍNDIOS
 LÁ EM MAMAQUAPÉ E CONHECER
 SUAS FALAS POR LÁ. VAMOS APRENDER
 COMO ELES VIVEM LÁ.
 VÊ OS SEUS COSTUMES TAMBÉM LÁ
 JUNTOS COM MEUS COLEGAS E COM OS GERENTES DA MINHA ESCOLA

BOM ACHO QUE A VIAGEM VAI SER BOM DE MAIS
 QUANDO A GENTE CHEGAR LÁ VAMOS APRENDER
 COMO OS ÍNDIOS VIVEM LÁ.

DEVE SER ENCRIVEL CONHECER UM ÍNDIO EM MAMAQUAPÉ
 PRA ONDE NO MÊS DE AGOSTO NÓS VAMOS VIAJAR
 COM NOSSA TURMA VAI SER ESPETACULAR.

7- Um dos maiores dramas indígenas hoje é a demarcação de suas terras, esse drama incomoda as pessoas? Cite um trecho da música para justificar sua resposta. *Sim.*

"Minha virmã vai com tudo e os cara fica mudo".

8 - O rap é ouvido mundialmente. Por que o nativo Werá Juguua Mirim, mas conhecido como Kunumi Mc utilizou esse estilo musical para suas reivindicações? Explique. *Porque o rap, esprena mistérios, sentimentos ou estilo de vida. Lantagia as pessoas.*

9- Se você fosse o interlocutor desse texto, quais seriam suas reações no decorrer da leitura e como você responderia a ele? *Talvez de outra forma que você ditam, poderia ser mais visto ou ouvido.*

10 - Os raps escolhidos para o desenvolvimento do trabalho em sala, foi "Kunumi chegou", "Demarcando já" e "Guarani Kaiowa" do cantor de rap Kunumi Mc que aborda a questão da luta dos indígenas, a violência e o descaso do Estado com as classes dominadas sem estruturas básicas para sobrevivência. E a partir dessas letras, vocês farão seus relatos da realidade, fazendo também com que surjam também seus raps, suas interpretações, manifestação de sentimentos, experiências, ideias, opiniões e realidades cotidianas. Registre aqui seu rap e mostre a reflexão que a música proporcionou para vocês.

Por que não demarcar?

Por que não demarcar?

Vamos lutar com os índios
para que as terras eles possam conquistar.

O homem já trabalha

O homem já tem tudo

Mas ainda sim eles quer ganhar o mundo

Eles ditam, eles sabem, eles não tem direito

O gover no tem que ver que nos branco é que tá o depósito

Por que não demarcar?

Por que não demarcar?

Se nós tem a vida feita agente pode ajudar

Eles não pra rua, eles não tem "voz"

Mas se nós não faz nada,

O culpado é nós!

O governo não ajuda,

O governo não se importa

Mesmo que os índios fiquem à bater na porta.

Porque não demarcar (2x)

Tudo que eles querem é ar puro respirar.

7- Um dos maiores dramas indígenas hoje é a demarcação de suas terras, esse drama incomoda as pessoas? Cite um trecho da música para justificar sua resposta.

Sim. E os brancos me fazem não tem feito no me irrita

8 - O rap é ouvido mundialmente. Por que o nativo Wera Jéguua Mirim, mais conhecido como Kunumi Mc utilizou esse estilo musical para suas reivindicações? Explique.

porque os rapz estão em alta e ele viu um chance nesse estilo

9- Se você fosse o interlocutor desse texto, quais seriam suas reações no decorrer da leitura e como você responderia a ele?

Então rap é muito bom cara e vou ajudar ele a demarcar as terras

10 - Os raps escolhidos para o desenvolvimento do trabalho em sala, foi "Kunumi chegou", "Demarcando já" e "Guarani Kaiowa" do cantor de rap Kunumi Mc que aborda a questão da luta dos indígenas, a violência e o descaso do Estado com as classes dominadas sem estruturas básicas para sobrevivência. E a partir dessas letras, vocês farão seus relatos da realidade, fazendo também com que surjam também seus raps, suas interpretações, manifestação de sentimentos, experiências, ideias, opiniões e realidades cotidianas. Registre aqui seu rap e mostre a reflexão que a música proporcionou para vocês.

Vamos acordar

Vamos acordar

Os índios estão se acordando

e não tem mais dor, e os brancos,

Os furiosos estão bacunçando

nossa coisa vamos demarcar

Vamos demarcar essas guerrilhas em lutando,
sofrendo, chorando com os ajudas

Vamos ajudar 2x

Vamos sair para lutar

Vamos ajudar 2x

continuando a demarcar

Vamos sair para ajudar os salvar
cade essa patria amada e delatada
mas não amada por seus filhos
e filhos.

com 5% das terras brasileiras, vocês ainda
estão negando
mas não com a cabeça onde, nos anos antecedente

Precisamos de mais espaços para cuidar desses alunos
 É bom que estejam amonais, nossos médicos funcionais

Vamos ajudar 2x

Vamos sair para batalhar

Vamos ajudar 2x

continuando a demarcar

A família unida é a nossa multidão

Vamos conquistar a vitória para demarcar
 a ganhar com a glória

9/11/00

APÊNDICE H

Avaliação da proposta didática de leitura e análise crítica

Pró-reitoria de Pós-graduação. Mestrado profissional em Letras
 PROFLETRAS – Programa de Mestrado profissional em Letras –
 Polo UEPB/Campus III – Guarabira
 Pesquisadora: Maria Anunciada de Brito Leal
 Orientadora: Rosilda Alves Bezerra
**UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO ATRAVÉS DO RAP
 INDÍGENA DO ESCRITOR KUNUMI MC**

Orientações para trabalho final

Refleta e responda

- a) Como foi a experiência de vivenciar os raps do Kunumi? *cada rap traz uma letra, uma realidade que poucos ~~se~~ vêm, e histórias que nos fazem nos interessar ainda mais.*
- b) Quanto a mensagem dos raps, o que eles trouxeram para você? *Em que eles contribuíram para sua aprendizagem? me trouxeram o entendimento e conhecimento de uma realidade que poucos podem enxergar.*
- c) Como você ver o rapper Kunumi MC? *Uma atitude corajosa e necessária, mesmo não sendo um rapper tão reconhecido.*
- d) Conte sua experiência no momento em que fomos apresentar a literatura indígena na escola, fale sobre os alunos a escola e a recepção para esses textos. *É de grande importância levar esse conhecimento às outras pessoas, principalmente por serem assuntos não tratados nas escolas.*
- e) Conte sobre o seu encontro com os nativos. Qual sua impressão sobre esse povo, cultura, religião, hábitos e sua sintonia com a natureza. *foi uma experiência gratificante, pois sempre tive o desejo de conhecê-los de perto. Eu admiro os costumes desse povo!*

O que espanta e entristece, no caso, é a indiferença quanto ao destino de um povo e ao seu direito a uma terra. (Deborah Macedo Britto Pereira)

Pró-reitoria de Pós-graduação. Mestrado profissional em Letras
 PROFLETRAS – Programa de Mestrado profissional em Letras –
 Polo UEPB/Campus III – Guarabira
 Pesquisadora: Maria Anunciada de Brito Leal
 Orientadora: Rosilda Alves Bezerra
**UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO ATRAVÉS DO RAP
 INDÍGENA DO ESCRITOR KUNUMI MC**

Orientações para trabalho final

Refleta e responda

a) Como foi a experiência de vivenciar os raps do Kunumi?

Já ouvir vários raps, mas, nem um me agradou pelo conteúdo, porém depois de escutar o Kunumi cantar, chamou muito a minha atenção, pois não cantava apenas por fama, mas ele defendia o que acreditava, o seu povo.

b) Quanto a mensagem dos raps, o que eles trouxeram para você?

Em que eles contribuíram para sua aprendizagem?

me ajudou a conhecer bem mais os indígenas e sua cultura, me fez entender toda a sua história e que todo dia é dia de índio, não apenas 30 Abril.

c) Como você vê o rapper Kunumi MC?

foi a maneira que ele achou para defender e lutar por seus ideais e seu povo. Com o conteúdo que esses raps tem, se torna um hino, pois ele defende o que vive, o que ama.

d) Conte sua experiência no momento em que fomos apresentar a literatura indígena na escola, fale sobre os alunos a escola e a recepção para esses textos.

Ouvir sobre os indígenas é uma coisa, mas espalhar e compartilhar esse conhecimento, é incrível, a gente realmente se sente parte desse povo que é o nosso povo.

e) Conte sobre o seu encontro com os nativos. Qual sua impressão sobre esse povo, cultura, religião, hábitos e sua sintonia com a natureza.

Quando você sai do mundo que vive e vai para dentro da aldeia, muda totalmente a sua opinião do mundo, apesar de os indígenas estar entre nós, foi uma experiência inesquecível para mim, me sentir um verdadeiro indígena participando.

"O que espanta e entristece, no caso, é a indiferença quanto ao destino de um povo e ao seu direito a uma terra." (Deborah Macedo Britto Pereira)

Pró-reitoria de Pós-graduação. Mestrado profissional em Letras
 PROFLETRAS – Programa de Mestrado profissional em Letras –
 Polo UEPB/Campus III – Guarabira
 Pesquisadora: Maria Anunciada de Brito Leal
 Orientadora: Rosilda Alves Bezerra
**UMA PROPOSTA PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO ATRAVÉS DO RAP
 INDÍGENA DO ESCRITOR KUNUMI MC**

Orientações para trabalho final

Refleta e responda

- a) Como foi a experiência de vivenciar os raps do Kunumi? Foi curioso, pois ele ensinou os raps para mostrar o que ele defendia, e deste modo todos gostaram.
- b) Quanto a mensagem dos raps, o que eles trouxeram para você? Conhecimento
 Em que eles contribuíram para sua aprendizagem? Experiência sobre o assunto, pois eu não sabia que o povo indígena sabia tanto.
- c) Como você vê o rapper Kunumi MC? Algo de defesa e contra-partida, pois ele ensina o rapper para defender o que ele quer.
- d) Conte sua experiência no momento em que fomos apresentar a literatura indígena na escola, fale sobre os alunos a escola e a recepção para esses textos. Foi algo novo, pois ninguém tinha comentado tanto sobre esse assunto, e a recepção foi ótima.
- e) Conte sobre o seu encontro com os nativos. Qual sua impressão sobre esse povo, cultura, religião, hábitos e sua sintonia com a natureza. Minha impressão foi de algo incrível pois é muito diferente a sintonia deles com a natureza dos brancos!
- "O que espanta e entristece, no caso, é a indiferença quanto ao destino de um povo e ao seu direito a uma terra." (Deborah Macedo Britto Pereira)
- Mas a cultura, religião e até mesmo a sintonia com a natureza foi algo muito interessante, pois eles preservam e nos faz sentir muito bem e feliz em só está naquele lugar com eles, e eles tem muito respeito aos ancestrais, e respeito principalmente a região que eles moram.